



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE TURISMO



IVAN AGUIAR CARVALHO

**LENDAS ENQUANTO PATRIMÔNIO DE OURO PRETO: A
ORALIDADE COMO RECURSO PARA SALVAGUARDAR A
MEMÓRIA**

OURO PRETO - MG

2025

IVAN AGUIAR CARVALHO

**LENDAS ENQUANTO PATRIMÔNIO DE OURO PRETO: A ORALIDADE COMO
RECURSO PARA SALVAGUARDAR A MEMÓRIA**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito para a obtenção do título de bacharel em Turismo.

Orientadora: Profa. Dra. Luana Melo e Silva

OURO PRETO - MG

2025

SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

C331I Carvalho, Ivan Aguiar.

Lendas enquanto patrimônio de Ouro Preto [manuscrito]: a oralidade como recurso para salvaguardar a memória. / Ivan Aguiar Carvalho. - 2025.

137 f.: il.: color., tab..

Orientadora: Profa. Dra. Luana Melo Silva.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Escola de Direito, Turismo e Museologia. Graduação em Turismo .

1. Lendas. 2. Patrimônio Cultural. 3. História Oral. 4. Tradição oral. 5. Memória coletiva. I. Silva, Luana Melo. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 338.48

Bibliotecário(a) Responsável: Maristela Sanches Lima Mesquita - CRB-1716



FOLHA DE APROVAÇÃO

Ivan Aguiar Carvalho

Lendas enquanto patrimônio de Ouro Preto: A oralidade como recurso para salvaguardar a memória

Monografia apresentada ao Curso de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel

Aprovada em 11 de abril de 2025

Membros da banca

Dra. Luana Melo e Silva - Orientadora (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dra. Maria do Carmo Pires (Universidade Federal de Ouro Preto)
Dra. Kerley dos Santos Alves (Universidade Federal de Ouro Preto)

Luana Melo e Silva, orientadora do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 13/06/2025



Documento assinado eletronicamente por **Luana Melo e Silva, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 13/06/2025, às 19:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0929419** e o código CRC **56B15B92**.

Aos que vieram antes e possibilitaram minha trajetória, e a todos que se propuseram a dividir suas histórias e fazerem parte da minha memória, dedico respeito e gratidão.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Aguido e Iris, agradeço pelos ensinamentos, pelo suporte, pelo amor e apoio que se fizeram presentes ao longo da minha vida e também nessa jornada. Ao meu irmão, Alan, sou grato pela amizade e pelos momentos de genuína felicidade que desperta em mim, obrigado por deixar a vida mais engraçada. Sou muito grato a todas as memórias malucas e alegres que temos em família, pelo afeto, pela coragem, pela confiança e pelo apoio incondicional que depositaram em mim.

Agradeço também aos meus grandes amigos que passaram todos esses anos ao meu lado, me encorajando, me animando e ajudando nas mais diversas adversidades. Ao Junior, sou eternamente grato a essa amizade, a jornada, com certeza, foi mais divertida e prazerosa pela sua presença. Ao Carlos, sempre agradecerei por ter essa amizade, pelos conselhos e nossos infinitos debates sobre as diversas coisas da vida. Gostaria também de mencionar que vocês, muitas das vezes, foram meu porto seguro, e serei grato as fofocas, as aventuras, ao companheirismo, ao afeto, à paciência, aos milhões de pedidos de favor e os cuidados, que nós três tivemos ao longo desses anos dividindo a casa, os problemas, os sonhos e o cotidiano.

Também não poderia deixar de mencionar a minha gratidão a Sofia, que além de acompanhar as aventuras da nossa casa, me acolheu, cuidou, encorajou e me ensinou a desafiar a minha própria autenticidade, respeitando minha identidade e fazendo criar novas memórias. Essa gratidão se estende aos meus queridos amigos Carollina, Dhiullyene, Ewerthon, Leticia, Luana e Marlúcio que mesmo distantes fisicamente, mas com seus ouvidos atentos, os momentos de descontração, e o constante incentivo, também se fizeram presentes nessa trajetória, deixando ela mais calorosa e afetuosa. Ao longo desses anos, foi reconfortante saber que eu poderia sorrir e desabafar com vocês.

Gostaria de agradecer também aos meus amigos do Turismo, aqueles estiveram presentes no dia a dia e nos corredores do prédio, em especial destaco a Bruna, Ingrid, Marcela, Matheus, Nathalia, Stephani, Thalita e Yara, que para além de serem as melhores companhias dentro do curso e das visitas técnicas, me incentivaram e me apoiaram ao longo dessa jornada, sendo um ombro amigo ou validando meus sonhos e aptidões. Nossas viagens, nossos encontros, nossas fofocas, nossos surtos e nossa amizade ficaram guardados com carinho e ternura, para sempre, em minha memória e coração.

Deixo também meus agradecimentos à Universidade Federal de Ouro Preto, pelas oportunidades proporcionadas, pelo ensino público, gratuito e de qualidade. O Centro Acadêmico de Turismo e também da Completur Jr., acompanham esse agradecimento. Obrigado pelo espaço de crescimento pessoal e profissional, por possibilitar o convívio com pessoas extraordinárias e abrir meus horizontes.

Agradeço aos professores do Departamento de Turismo, que, além de compartilharem seus conhecimentos em sala de aula, estimularam meu senso crítico através de enriquecedoras discussões. Em especial, agradeço à Prof^ª Dr^a Carolina, sua paciência, carinho e a confiança que sempre depositou em mim, agradeço a Prof^ª Dr^a Maria do Carmo, pela oportunidade e orientação na iniciação científica que estruturou a presente pesquisa, e a Prof^ª Dr^a Kerley, a duas me ensinarem a beleza existente nas histórias pessoais, no cotidiano e na cultura popular, no patrimônio e no folclore, e pelo constante e encorajador incentivo. Enfatizo meu agradecimento a Prof^ª Dr^a Luana, que para além de me orientar nessa monografia e todo o conhecimento que me transmitiu e me fez refletir, confiou em mim diversas vezes ao longo do curso, sendo monitor ou no desenvolvimento dessa pesquisa, acreditou no potencial desse trabalho, também me apresentou aos encantos do universo da História Oral, e muitas das vezes procurou deixar a caminhada mais leve.

Os meus agradecimentos também vão para as pessoas que contribuíram com a pesquisa, de forma direta ou indireta. Mas em especial agradeço as contadoras de história entrevistadas, pela disponibilidade, pelo tempo e cuidado que tiveram com a pesquisa, a participação de vocês, com suas valiosas experiências, foi fundamental para a construção deste trabalho, e estou profundamente grato pela participação de vocês. Tenho sorte e felicidade de poder escutar todas as memórias que dividiram comigo.

E, através desses agradecimentos, desejaria deixar registrado, não apenas um pedaço da minha gratidão por todos que participaram dessa jornada, mas também um preâmbulo das histórias e aventuras que vou ter o prazer de contar ao longo da minha vida.

“Era uma noite muito escura.
Tudo silencioso e escuro.
Lá longe, no meio da mata, só uma luzinha da
lâmparina ilumina a cabana.
E pela janela suja dá para ver a cena...
Uma velha com a faca na mão...

Passava manteiga no pão!”

*(Parlenda transcrita na voz de Iris Cristina de
Aguiar Carvalho)*

RESUMO

As histórias de assombrações, as lendas de almas penadas e os diabos são um modo de recontar e rememorar o passado, que se faz vivo no presente por meio da memória coletiva. Nesse sentido, realizamos uma análise da qualificação dos causos de assombrações enquanto recursos que conseguem carregar costumes e vivências da população, representando a memória e identidade local, e para assim entendê-las como patrimônio cultural da sociedade. A presente pesquisa explorou questões que giram em torno do patrimônio cultural, das tradições, do imaginário local e da oralidade na cidade de Ouro Preto. As técnicas de pesquisa adotadas para a investigação foram a realização de revisão bibliográfica e entrevistas com atores locais, conhecidos contadores de história. Para isso, foi adotada a metodologia da história oral. Como resultado da investigação foi possível averiguar que as lendas e histórias de assombração contadas na cidade carregam costumes e vivências da população. Essas lendas são a ressonância do passado no presente, materializando o imaginário barroco de uma sociedade profundamente hierarquizada, fortemente influenciada pelo catolicismo, pela memória da escravidão e o patriarcalismo, importantes valores das sociedades coloniais.

Palavras-Chave: Lendas; Patrimônio Cultural; História Oral; Tradição; Memória coletiva.

ABSTRACT

Ghost stories, legends of restless souls, and devils are a way of retelling and remembering the past, which comes alive in the present through collective memory. In this sense, we conducted an analysis of the qualification of ghost stories as resources that manage to convey customs and experiences of the population, representing local memory and identity, and thus understanding them as cultural heritage of society. This research explored issues revolving around cultural heritage, traditions, local imagery, and orality in the city of Ouro Preto. The research techniques adopted for the investigation were a bibliographic review and interviews with local actors, known storytellers. For this, the oral history methodology was adopted. As a result of the investigation, it was possible to verify that the legends and ghost stories told in the city carry customs and experiences of the population. These legends are the resonance of the past in the present, materializing the baroque imaginary of a deeply hierarchical society, strongly influenced by Catholicism, the memory of slavery, and patriarchy, important values of colonial societies.

Keywords: Legends; Cultural Heritage; Oral History; Tradition, Collective Memory.

LISTA DE IMAGENS

Imagem A1.1 - Xibil em frente ao Cemitério da Irmandade de São José e Santa Cecília. ...	122
Imagem A1.2 - Xibil na ponte dos Contos.....	122
Imagem A1.3 - Xibil descendo a ladeira de Santa Efigênia.	123
Imagem A1.4 - Xibil no Chafariz Dos Contos.	123
Imagem A1.5 - Xibil finalizando na Praça Tiradentes.	124
Imagem A2.1 - Print da publicação da página do evento municipal realizado pela Prefeitura de Ouro Preto promovendo a Caminhada Assombrada como uma das atividades a serem realizadas, no Instagram (sob o domínio @festivaldeinvernoop2023).....	125
Imagem A2.2 - Print da publicação da página do evento municipal realizado pela Prefeitura de Ouro Preto explicando sobre a Caminhada Assombrada, no Instagram (sob o domínio @festivaldeinvernoop2023).	125
Imagem A3 - Capa da 3ª edição do livro “Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto” de Angela Leite Xavier.....	126
Imagem A4 - Capa da 2ª edição do livro “Lendas, Tradições e Costumes de Ouro Preto” de Alcebíades Taciano Jerônimo	126
Imagem A5 - Parecer Consubstanciado do CEP.....	127
Imagem A6 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Entrevistada 01.....	129
Imagem A7 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Entrevistada 02.	132
Imagem A8 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Entrevistada 03.....	135

LISTA DE QUADROS

Tabela 1 - Tabela final de relação dos Contadores de Histórias de Ouro Preto.....	45
Tabela 2 - Tabela de relação dos Causos de Assombração de Ouro Preto	48
Tabela 3 - Tabela de Elementos Culturais presente nos Causos de Assombração de Ouro Preto.	49

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CNRC - Centro Nacional de Referência Cultural

COF - Comissão Ouropretana de Folclore.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto

SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

UNESCO - *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 LENDAS E O PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL: CONCEITOS E PERSPECTIVAS INICIAIS.....	18
1.1 Memória Coletiva e Identidade.....	18
1.2 Lendas e Patrimônio Cultural Imaterial.....	21
2 LENDAS EM OURO PRETO E REGIÃO.....	28
2.1 A construção histórica do Imaginário Ouro-pretano.....	28
2.2 As Lendas no cenário atual e continuidade da Tradição Oral.....	34
3 AS LENDAS DE OURO PRETO ENQUANTO PATRIMÔNIO CULTURAL.....	39
3.1 A Metodologia da História Oral.....	39
3.2 O desenvolvimento da pesquisa em História Oral sobre Lendas e Causos de Assombração de Ouro Preto.....	44
3.3 Análise dos dados coletados sobre a pesquisa de Lendas e Causos de assombração de Ouro Preto.....	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS.....	62
APÊNDICES.....	69
Apêndice 1 - Roteiro para entrevistas semi estruturadas com contadores de histórias de Ouro Preto.....	69
Apêndice 2 - Transcrição da Entrevista com Entrevistada 01.....	70
Apêndice 2.1 - Frase da entrevistada em sua despedida após o fim da gravação...	84
Apêndice 3 - Transcrição da Entrevista com Entrevistada 02.....	85
Apêndice 4 - Transcrição da Entrevista com Entrevistada 03.....	106
ANEXOS.....	122
Anexo 1 - Registros fotográficos da Caminhada Assombrada.....	122
Anexo 2 - Publicação do perfil Festival de Inverno Ouro Preto 2023.....	125
Anexo 3 - Capa da 3ª edição do livro “Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto” de Angela Leite Xavier.....	126
Anexo 4 - Capa da 2ª edição do livro “Lendas, Tradições e Costumes de Ouro Preto” de Alcebíades Taciano Jerônimo.....	126
Anexo 5 - Parecer Consubstanciado do CEP.....	127
Anexo 6 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Entrevistada 01.....	129
Anexo 7 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Entrevistada 02.....	132
Anexo 8 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Entrevistada 03.....	135

INTRODUÇÃO

A cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, teve seu centro histórico elevado à condição de Monumento Nacional por decreto do então presidente Getúlio Vargas, em 1933. A cidade foi posteriormente tombada pelo Iphan, no ano de 1938, e reconhecida como Patrimônio da Humanidade em 1980. Todo este reconhecimento é atribuído ao seu sítio urbano preservado em suas características originais, expressão de sua formação espontânea a partir da atividade mineradora, da forte presença do poder religioso católico e do governo português. Nas narrativas patrimoniais, esta combinação de elementos culminou na constituição de um traçado urbano colonial que apresenta exemplares da arquitetura religiosa e civil, além de obras de arte de inestimável valor. No entanto, nesta narrativa oficial, a marcante presença de povos africanos e indígenas escravizados é subalternizada, assim como foram negligenciadas as dimensões imateriais deste patrimônio, produto do encontro, nem sempre harmônico, do catolicismo, dos valores de uma sociedade barroca fortemente hierarquizada, e da presença destes povos originários e oriundos do continente Africano. Essa dimensão imaterial, diz respeito à constituição de um imaginário e memória coletiva, que pode ser observada nos ritos, nas festas, nas práticas alimentares, na religiosidade e na oralidade. O presente trabalho pretende apresentar os casos de aparições, almas penadas e diabos enquanto patrimônio cultural da sociedade de Ouro Preto e refletir sobre como essas histórias conseguem carregar costumes e vivências do passado da população.

A cidade de Ouro Preto se destaca por ser um dos cenários dessa realidade construída pela colonização. O início da ocupação pelas forças colonizadoras se dá no final do século XVII, quando a presença de ouro no território promoveu a construção de numerosos arraiais, com grande quantidade de bandeirantes vindos para a região. A forte religiosidade católica, o barroco - com valores morais, simbolismos e medo da morte, enquanto julgamento dos pecados realizados em vida -, a escravidão de africanos e indígenas, principalmente para a mineração, e a fome, eram características marcantes da sociedade mineira da época. Conflitos com nativos, entre a população ou revoltas populares, faziam parte do cotidiano que estava se assentando (Souza, 2004). A exploração aurífera ganhou tamanha escala que a coroa portuguesa em 1711, fez a junção dos arraiais, elevou à categoria de vila sob o nome de Vila Rica, e capital da capitania de Minas Gerais. Com isso, para a regulação e dominação do território, das construções, da economia local e também, para regulamentar a postura, foram instaurados os poderes legislativo e executivo sob a figura do governador (Fonseca, 2011). A partir desse cenário que a sociedade mineira setecentista foi se formando, adquirindo

costumes, regras e valores sociais, pautados nos conflitos e confluências culturais, os causos de assombrações, almas penadas e diabos, repassados através da oralidade, nesse contexto, se formam e ganham dimensão na rotina popular.

Contudo, é possível notar que as lendas continuam sendo revividas até hoje pela população e visitantes da cidade. Dando destaque a lugares como os cemitérios municipais, a personalidades como Maria Agripina Neves, uma contadora de histórias local, eventos religiosos como a Procissão das Almas e até a Associação de Caçadores de Assombração de Mariana (MG). A cidade de Ouro Preto, com sua patrimonialização e conservação de suas construções, costumes e manifestações culturais, com sua paisagem que remete ao passado da colonização com todos os seus componentes, influencia o imaginário popular, sendo local propício à criação e propagação dessas histórias. Carregada de múltiplos elementos culturais que remetem a diferentes épocas e espaços, é possível pressupor que, tais histórias, refletem a memória e identidade da população local.

Os contos de assombração expressam uma crença popular inscrita em um imaginário historicamente construído e impregnado na vida cotidiana da população local, permitindo que estes seres compartilhem espaços públicos e privados a partir de uma relação tecida pelo medo. (Bernardes, 2016, p. 10)

Com isso, a proteção patrimonial também vai, ou deveria ir, além dos domínios institucionais, se vivida no cotidiano, pela fruição da imaginação popular, pode ser uma arma poderosa de salvaguarda. Como afirma Gonçalves (2005, p. 17), patrimônio é “uma categoria extremamente importante para a vida social e mental de qualquer coletividade humana”. Nesse sentido, podendo viabilizar a conservação e perpetuidade das lendas regionais, assim como costumes e atividades de lazer envoltas no tema.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo verificar as lendas enquanto recursos que conseguem carregar costumes e vivências da população de Ouro Preto, representando a memória e identidade local, e para assim entendê-las como patrimônio cultural da sociedade. A pesquisa tem como objetivos específicos o de (1) Categorizar os elementos culturais mais marcantes dentro das histórias locais; (2) Analisar o potencial que a tradição oral adquire no processo de monumentalização das histórias; (3) Realizar um estudo de base para construir uma relação dos causos e agentes que potencializam essa temática na cidade e região.

Em termos metodológicos, esta pesquisa se qualifica de natureza qualitativa e se utilizará da História Oral como um método interdisciplinar de pesquisa que faz uso de fontes orais, coletadas por meio de entrevista oral gravada, em diferentes modalidades. Nas ciências humanas, o método tem sido empregado nas últimas décadas com diferentes técnicas de

entrevista por seu potencial de dar voz a grupos, sujeitos e histórias invisibilizadas na contemporaneidade. “A história oral devolve a história às pessoas em suas próprias palavras. E ao lhes dar um passado, ajuda-as também a caminhar para um futuro construído por elas mesmas” (Thompson, 2002, p. 337).

Embora para alguns pesquisadores a metodologia seja capaz de produzir bons resultados, o método sempre foi objeto de crítica, entre outras razões, porque lida com a memória e a subjetividade dos indivíduos: “a memória seria distorcida pela deterioração física, na velhice, pela nostalgia, pelos preconceitos pessoais – tanto do entrevistador quanto do entrevistado – e pela influência das versões retrospectivas e coletivas do passado” (Thompson, 2002, p. 52). Atentos às armadilhas das histórias narradas no tempo presente, os pesquisadores que se valem das entrevistas de História Oral passaram a tomá-las como fontes para a apreensão do passado e compreensão de como os indivíduos experimentam e interpretam um acontecimento ou os modos de vida de um grupo. É importante obedecer os procedimentos e o rigor no emprego desse método, e assim seria possível apreender e comparar as visões dos sujeitos sobre um evento, um fato, uma conjuntura que se pretende investigar.

Esse trabalho começou a ser estruturado em uma iniciação científica, realizada no período de 12 meses, entre 2023 e 2024, que permitiu a realização de entrevistas com pessoas ligadas à prática da contação de histórias, mas também com aquelas que guardam essas histórias e lendas em seu cotidiano. A partir dessa relação dos causos de assombração, sondamos e analisamos a presença do imaginário e de uma memória coletiva, e observamos os elementos culturais presentes nas lendas. Por meio da metodologia da História Oral, observamos as lendas enquanto recursos que conseguem carregar costumes e vivências da população, representando a memória e identidade local e, para assim, entendê-las como patrimônio cultural da sociedade, visando proteger, conservar e perpetuá-las. Compreendemos esses relatos como um lugar de memória, uma interseção entre passado e presente. Esses relatos contam uma história ao mesmo tempo que permitem a apreensão de percepções do passado que são carregadas de valores e de cultura.

Dessa maneira, a pesquisa se estrutura da seguinte forma. No primeiro capítulo foram abordadas questões conceituais e teóricas acerca da memória coletiva, das lendas como forma de expressão dessa memória, das identidades e enquanto patrimônio cultural. A intenção neste capítulo foi realizar uma revisão bibliográfica acerca destes conceitos que fundamentam a

discussão. Este entendimento foi fundamental para orientar a construção do questionário e a análise das entrevistas realizadas.

No segundo capítulo desenvolveu-se um estudo bibliográfico sobre a cidade de Ouro Preto no intuito de compreender sua formação e seu passado colonial. Buscamos nos estudos historiográficos, compreender as estruturas determinantes na configuração dessa sociedade colonial, seus valores, suas hierarquias, sua formação econômica e como estas estruturas moldaram aquilo que entendemos como imaginário colonial. O intuito era, por meio deste levantamento bibliográfico, construir um arcabouço teórico que auxiliasse na compreensão e identificação dos elementos marcantes desse imaginário e apontar suas permanências ou ausências nas lendas e histórias transmitidas oralmente no presente.

Com a construção desse conhecimento teórico prévio, foi realizada a elaboração do roteiro da entrevista, para maior fluidez no diálogo entre entrevistador(a) e entrevistado(a) além da melhor interpretação do material reunido. Importante mencionar que esse exercício passa pelo esforço de compreensão do imaginário construído pelo passado colonial, do imaginário social brasileiro, da história de Ouro Preto, do patrimônio imaterial, por isso a necessidade da construção teórica sobre esse universo. Com base nisso, foram realizadas as entrevistas e reunião de materiais bibliográficos sobre as lendas na cidade, para assim elaborar um inventário dessas histórias e lendas bem como das figuras ligadas à contação dessas histórias em Ouro Preto. Dessa forma, foi possível criar um acervo de histórias e depoimentos, que futuramente podem subsidiar roteiros e projetos de extensão voltados para o turismo sombrio, de assombrações entre outros, que podem ser praticados por turistas e pela comunidade.

No terceiro capítulo apresentamos o procedimento metodológico da pesquisa, discorremos sobre a realização das entrevistas e apresentamos os resultados obtidos e sistematizados a partir da realização delas e da análise dos dados coletados. Apresentamos a análise de entrevistas com três conhecidas contadoras de causos de assombração na cidade de Ouro Preto: Entrevistada 01, Entrevistada 02 e Entrevistada 03. As entrevistas se desenvolveram como conversas em que se estimulou a fala das entrevistadas. Seguiu-se um roteiro previamente elaborado, com perguntas pontuais, mas que permitam a fluidez da fala das entrevistadas, sem interrupções, observando para além das falas, as pausas, os silêncios, os gestos. Estas entrevistas foram aprovadas e autorizadas pelo Conselho de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Ouro Preto. O roteiro, o parecer do Conselho

autorizando a realização delas, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a transcrição das mesmas, encontram-se ao final deste trabalho no apêndice.

Cabe destacar que também foram realizados roteiros em que valemo-nos da metodologia da observação participante. A caminhada assombrada, conduzida pelo ator e contador de histórias Marcelino Xibil, foi um momento importante para a vivência da experiência da contação de histórias mal assombradas na cidade, onde foi possível observar turistas, comunidade e contadores juntos. Os registros referentes a estes roteiros se encontram também nos anexos.

1 LENDAS E O PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL: CONCEITOS E PERSPECTIVAS INICIAIS

Neste capítulo, serão apresentados os conceitos de memória coletiva, identidade social, lendas e patrimônio cultural, a partir da definição de pesquisadores especialistas na temática. Tem o objetivo de conceituar as lendas enquanto patrimônio cultural que se utilizam da oralidade como método de transmitir e a memória coletiva e a identidade social. Dessa forma, será apresentada como a memória coletiva é fundamental para a construção de uma identidade cultural, delimitando os presentes conceitos. E com isso, as lendas podem ser entendidas como patrimônio cultural imaterial de nossa sociedade.

1.1 Memória Coletiva e Identidade

Antes de debruçar sobre as lendas, é necessário entender a dimensão da memória coletiva e seu papel para a formação de uma identidade cultural. Com isso, no sentido de conceituar e delimitar o entendimento sobre a memória coletiva é necessário fazer um movimento anterior, o de conceitualização de memória. É a partir da importância social que ela detém sobre o indivíduo, que conseguimos entendê-la como influente sobre uma comunidade. Dessa maneira, torna-se interessante destacar que, como afirma Pollak (1992), a memória de um indivíduo é, em parte, herdada, e vai além da sua existência física. O sociólogo ainda declara que “a memória também sofre flutuações que são função do momento em que ela é articulada, em que ela está sendo expressa. As preocupações do momento constituem um elemento de estruturação da memória.” Pollak (1992, p. 4).

Diante disso, torna-se possível evidenciar que mesmo que parte da memória do indivíduo seja herdada, ela não será fixa ou imutável, ela oscila em função do momento de sua expressão. Pollak (1992) a define como um fenômeno construído consciente ou inconscientemente, e é organizada em razão desses anseios do momento.

Esse último elemento da memória - a sua organização em função das preocupações pessoais e políticas do momento mostra que *a memória é um fenômeno construído*. Quando falo em construção, em nível individual, quero dizer que os modos de construção podem tanto ser conscientes como inconscientes. O que a memória individual grava, recalca, exclui, relembra, é evidentemente o resultado de um verdadeiro trabalho de organização. (Pollak, 1992, p. 4-5)

Entretanto, o trabalho que a memória desempenha não é influenciado apenas pelo contexto externo, sua organização exige também um movimento interno para sua construção.

Além do trabalho de enquadramento da memória, há também o trabalho *da própria memória em si*. Ou seja: cada vez que uma memória está relativamente constituída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, da organização. (Pollak, 1992, p. 7).

É a partir desse movimento que a memória executa, amarrada a uma história, passa a trabalhar por si só, dando ao indivíduo, o sentimento de continuidade, de unidade e de coerência (Pollak, 1992).

Contudo, essa conceituação trabalhada por Pollak, ao definir e delimitar os aspectos da memória, está intimamente ligada à história enquanto ciência que estuda e interpreta eventos transcorridos na humanidade, área do conhecimento capaz de recontar o passado de uma comunidade ou nação. Santos (2015, p. 4) afirma que “Essa preocupação em manter a memória é uma possibilidade de dar sentido e significado para a história.” Nesse sentido, a autora destaca que a memória, como fenômeno construído, é o que viabiliza a história.

A partir dessa perspectiva, que entendemos a colocação de Pollak (1992, p. 2) ao afirmar que a memória não é apenas um fenômeno individual, íntimo ou próprio da pessoa, ela também deve ser compreendida como um fenômeno construído socialmente e coletivamente, e sujeito a transformações, alterações e flutuações constantes. O autor, em outra obra, ainda define memória coletiva, a partir da metodologia durkheimiana, como um fenômeno estruturado com hierarquias e classificações, que ao mesmo tempo que trabalha com o que é comum a um grupo e com o que diferencia esse grupo de outros, consegue reforçar e fundamentar as fronteiras sócio-culturais do coletivo e os sentimentos de pertencimento que os envolvem (Pollak, 1989, p. 3).

No entanto, é importante destacar que nesse processo de construção da memória, há um embate entre a esfera pessoal e a comunitária. Pollak (1989) afirma, a partir das ideias de Halbwachs (s/d.), que existe um processo de negociação entre a memória individual e a memória coletiva:

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum (Halbwachs, s/d, p. 12 *apud*. Pollak, 1989, p. 4).

Todavia a memória coletiva e a memória individual ainda possuem elementos em comum. Pollak (1992) afirma que ambas possuem dois elementos construtivos, o que chama de eventos vividos pessoalmente e aqueles eventos que viveu através da coletividade a qual o indivíduo se identifica. Desse modo, entendemos como a oralidade de lendas e crenças ganha

espaço, elas representam os acontecimentos vividos a partir da coletividade, representam a memória coletiva, pois mesmo o indivíduo não vivenciando eles diretamente, através da socialização eles se tornam uma memória herdada pela identificação com o coletivo, com a comunidade.

Em primeiro lugar, são os acontecimentos vividos pessoalmente. Em segundo lugar, são os acontecimentos que eu chamaria de "vividos por tabela", ou seja, acontecimentos vividos pelo grupo ou pela coletividade à qual a pessoa se sente pertencer. São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. (Pollak, 1992, p. 2)

É a partir desse entendimento, de que a memória pode ser tão significativa para um grupo, ao ponto de ainda ser transmitida com tanta identificação, que as lendas e causos de assombração, que serão aqui trabalhados, são elementos da memória de um povo, de uma cidade. Essas lendas possibilitam o amálgama identitário, e ainda podem expressar elementos importantes de uma cultura local, na medida em que refletem memórias compartilhadas, histórias vividas em conjunto e individualmente que conectam os moradores.

Assim, no movimento de trocas divergentes e consonantes no processo de construção da memória, existe a questão de integrar e trazer unidade à coletividade. “O que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo.” (Pollak, 1989, p. 10). A memória não é apenas um fenômeno construído, como traz o próprio Pollak, mas também um fenômeno constituidor, capaz de gerar um senso de identidade.

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. (Pollak, 1992, p. 5)

Desse modo, podemos entender a identidade como aquela capaz de identificação do sujeito sobre si e do grupo, semelhante ao processo da memória. Miranda (2012, p. 14) afirma que “[...] a identidade é formada dialeticamente entre indivíduo e sociedade sendo mutável em boa medida inconscientemente, num processo que inclui a identificação própria e a identificação reconhecida por outros”. Portanto, sua constituição se dá por essas duas vias, pela percepção do indivíduo sobre suas particularidades, e pelo reconhecimento que a sociedade detém sobre esse mesmo indivíduo.

1.2 Lendas e Patrimônio Cultural Imaterial

A Unesco - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura, estabeleceu no ano de 2008 as listas do patrimônio cultural imaterial. No entanto, antes disso, em 2001, no intuito de aumentar a conscientização sobre o patrimônio cultural imaterial, a entidade iniciou um projeto denominado Obras-primas do Patrimônio Oral e Intangível da Humanidade que atuou no reconhecimento de diferentes formas de expressão das comunidades ao redor do mundo. Neste momento, no Brasil e no mundo, iniciavam-se os esforços junto a gestores e comunidades para a proteção das formas de expressão cultural e dos sujeitos que as resguardam. O título de *Obras-primas* foi conferido a várias manifestações culturais, no intuito de chamar a atenção de gestores e sociedade para a necessidade de salvaguardá-las.

Os causos ou as histórias assombradas, como são conhecidas, são expressões culturais que surgem, na maioria das vezes, de forma oralizada e são carregadas de crenças, espiritualidade, costumes e vivências. Elas estão presentes no cotidiano e no imaginário da população, realizando, por meio do ato de contar e recontar, uma ligação entre a realidade e o sobrenatural. Para Fernandes e Maluf-Souza (2021, p. 2) as lendas são capazes de elaborar e reelaborar imagens, sentidos e projeções históricas e sociais que interpelam os indivíduos, constituindo-os pelo modo de narrar incontáveis vezes essas histórias, que são atravessadas pelo horror, pelo fantástico e pelo sobrenatural.

Bayard ao remontar uma definição histórica sobre o termo, que rompe o sagrado e cai no gosto popular, traduz de forma ligeiramente poética:

A palavra lenda provém do baixo latim *legenda*, que significa “o que deve ser lido”. No princípio, as lendas constituíam uma compilação da vida dos santos, dos mártires (*Voragine*); eram lidas nos refeitórios dos conventos. Com o tempo ingressaram na vida profana; essas narrações populares, baseadas em fatos históricos precisos, não tardaram a evoluir e embelezar-se. Atualmente, a lenda, transformada pela tradição, é o produto inconsciente da imaginação popular. Desta forma o herói sujeito a dados históricos, reflete os anseios de um grupo ou de um povo; sua conduta depõe a favor de uma ação ou de uma ideia cujo objetivo é arrastar outros indivíduos para o mesmo caminho. (Bayard, 1957, p. 10)

É dessa forma que as lendas, em sua maioria, têm por finalidade produzir medo na medida em que contam a história dos seus personagens, mas atualmente, elas também, por suas construções narrativas, podem manifestar reflexões sobre os costumes e comportamentos morais socialmente institucionalizados.

Compreende-se que o sobrenatural faz parte da lenda produzindo efeitos moralizantes. Esses efeitos são atravessados por discursos, dizeres anteriores que significam os sujeitos por meio de uma memória coletiva, do inconsciente coletivo, e essa moral, que atravessa esse dizeres, mostra a contenção de desejos mais insidiosos postos em funcionamentos para serem negados através da moral religiosa. (Fernandes; Maluf-Souza, 2021, p. 2-3)

Ao procurar uma definição para o termo “Lenda”, o dicionário *Michaelis On-line* (s/d.) conceitua a partir da seguinte acepção: “1. Relato oral ou escrito de acontecimentos, reais ou fictícios, aos quais a imaginação popular acrescenta uma boa dose de novos elementos; tradição popular.” Essa primeira interpretação, evidencia a significativa importância da população tanto em sua transmissão, quanto em sua construção, e também na sua produção de significado à medida que produz impressões diferentes nos sujeitos.

Torna-se interessante destacar que o dicionário ainda a qualifica como tradição popular, e traz mais acepções:

- 2. Narrativa fantasiosa ou crendice do imaginário popular sobre seres encantados ou maravilhosos da natureza.
- 3. (V) legenda, acepção 7. [Narrativa escrita ou oral de fatos geralmente considerados históricos, mas cuja autenticidade não é passível de comprovação; lenda.]
- 4. (POR EXT) Mito popular de criação recente.
- 5. História fantástica ou mentirosa; fantasia, mentira.

(Michaelis On-line, s/d., s/p.)

Já o ‘Dicio, Dicionário *Online* de Português’ (s/d.), ao indicar a definição do mesmo termo trabalha trazendo como um de seus significados: “[Literatura] Narrativa que altera, pela imaginação popular ou pela invenção poética, fatos históricos: as lendas frequentemente contêm um elemento real, mas às vezes não são verdadeiras.”. Dessa forma, colaborando com a definição trabalhada por Moisés (2004, p. 259 *apud*. Fernandes; Maluf-Souza, 2021, p. 5) ao afirmar que lenda “ [...] designa toda narrativa em que um fato histórico se amplifica e se transforma sob efeito da imaginação popular. Não raro, a veracidade se dissipa no correr do tempo, deixando substituir apenas a versão folclórica dos acontecimentos”. Em síntese, tais concepções compreendem a base realística dos fatos e/ou mundo concreto relatado à medida que se entrelaçam com a imaginação e memória popular, e assim adquirem características fantásticas por intermédio da tradição oral.

A palavra *folclore*, remete aos termos em inglês *folk* e *lore*, que significam, respectivamente, povo e saber. Desta forma podemos compreender este conceito como os saberes do povo, os saberes populares. Lendas, culinária, dança, medicina popular, estão entre

os costumes e tradições que são transmitidos geracionalmente, em grande medida pela oralidade. A Tradição Oral caracteriza-se pelo testemunho transmitido oralmente de uma geração para outra (Vansina, 2010, p. 158), ela nos permite resgatar usos, costumes, fazeres, tradições e práticas de comunidades e de regiões.

Desse modo, a tradição oral consegue criar um vínculo entre o passado e o presente. Orlandi (2016) afirma que o sujeito ao contar ou repetir o conto, em sua versão, se une a uma rede de memórias, e assim torna-se capaz de identificar-se enquanto sujeito. “Modo de subjetivação pelo qual saber o conto já é identificar-se” (Orlandi, 2016, p. 24). Essa concepção, evocada pelo autor, evidencia a intimidade que a tradição oral adquire ao transmitir a identidade a partir das memórias que o mesmo detém.

Até aqui, tentamos apresentar os elementos e conceitos fundamentais nesta pesquisa relacionando-os: o patrimônio imaterial, as lendas e o folclore, memória, identidade e a tradição oral. Compreendemos que as lendas fazem parte de um conjunto de tradições e saberes populares/folclóricos, que carregam consigo uma memória coletiva, que, por sua vez, serve de amálgama das identidades. Transmitidas oralmente, expressando saberes acumulados e compartilhados, elas são fundamentais para o sentimento de pertencimento e de comunidade, constituindo, desta forma, um patrimônio imaterial de um grupo.

No entanto, o reconhecimento da importância da cultura popular, das expressões culturais de natureza imaterial, é algo relativamente recente no mundo ocidental - ao menos no que diz respeito a seu reconhecimento pelos gestores públicos e instituições ligadas à salvaguarda destes bens.

Pierre Nora (1993) identifica em finais do século XX um processo excessivo de patrimonialização da memória na França. Para ele, essa obsessão em guardar o passado, seja pela escrita da história, seja por meio dos patrimônios culturais e da constituição de lugares de memória, revela uma sociedade que não vive mais suas memórias e tradições. Neste sentido, no ano de 1989, preocupada em salvar as tradições culturais do acelerado processo de desaparecimento, constitui-se a Recomendação de Paris sobre a Salvaguarda da Cultura Popular e Tradicional, onde a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - UNESCO define cultura popular como um conjunto de manifestações fundadas na tradição capazes de representar as expectativas e a identidade de uma comunidade, além de mencionar o elemento da oralidade:

A cultura tradicional e popular é o conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundadas na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem à expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social, as normas e os valores se transmitem oralmente, por imitação ou de outras maneiras. Suas formas compreendem, entre outras, a língua, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os rituais, os costumes, o artesanato, a arquitetura e outras artes. (UNESCO, 1989, s/p. *apud*. IPHAN, s/d., p. 2)

Tendo em vista essa concepção sobre os aspectos que compõem a cultura popular, em 2003 a UNESCO, através da Convenção sobre a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, acrescenta sobre o entendimento além de definir o que se configura como patrimônio cultural imaterial. Em uma dessas acepções o órgão define que o patrimônio cultural é transmitido entre as gerações e é constantemente recriado pelas comunidades a partir da interação com sua história, produzindo, dessa forma, um sentimento de identidade:

Entende-se por "patrimônio cultural imaterial" as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Esse patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (UNESCO, 2003, p. 4)

No Brasil, o processo de valorização das nossas tradições e expressões culturais imateriais acontece concomitantemente a este movimento global - influenciado pelas políticas da UNESCO.

Na década de 1930 é possível localizar o início de um trabalho institucional, com discursos e práticas oficiais voltadas para a preservação do patrimônio cultural brasileiro. No Brasil dos anos 1930, sob o governo de Getúlio Vargas, o Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, encabeçou este trabalho, marcado pelo pensamento da unidade e modernização nacional. A unidade estaria na busca das origens, de uma história e ancestralidade comum a toda a nação que deveria servir para produzir a unidade, organizar o caos, civilizar os povos (Chuva, 2003).

O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) e as práticas institucionalizadas de preservação no Brasil são criadas no bojo desse projeto no ano de 1937. Lucio Costa, Rodrigo Melo Franco de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, atuaram fortemente neste contexto como funcionários do Estado Novo e membros de uma intelectualidade que estudou e viveu na Europa, e que, portanto, tinham suas convicções acerca do que deveria ser a nossa arte e nosso patrimônio cultural que poderiam inserir o Brasil no mundo que entendiam como civilizado (Chuva, 2003).

No entanto, é preciso destacar a importância de Mário de Andrade na escrita do anteprojeto que institui o SPHAN. Todo o aparato jurídico e conceitual foi elaborado por ele e Rodrigo de Melo Franco de Andrade.

Mário de Andrade tinha uma concepção ampliada de cultura, de bem cultural, de patrimônio. Em sua visão estavam previstos, por exemplo, mecanismos como o inventário e registro, importantes para a salvaguarda dos bens culturais de natureza imaterial. No entanto, como veremos, estes instrumentos só serão de fato incorporados no Brasil, décadas depois. Em 1936, Mário de Andrade propôs projeto de lei que incorporava o patrimônio imaterial e compôs a Missão de Pesquisa Folclórica, realizada em 1938 pelo norte e nordeste brasileiros realizando registros científicos do nosso folclore musical (Fonseca, 2003).

No entanto, naquele momento, a construção de uma “Identidade Nacional” só poderia fazer sentido fosse unificadora, universal, e homogênea, firmada em valores civilizacionais eurocêntricos. Esta visão trazia consigo a necessidade do branqueamento da sua população e ainda, a valorização da herança cultural e das tradições luso-brasileiras. Tudo aquilo que nos singulariza, que incorpora elementos étnicos e sincréticos regionais, ficaria de fora deste projeto.

A constituição de 1934 foi primeira a tratar diretamente da preservação do patrimônio cultural nacional que definia como (...) o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. Em seu art. 4º chega a mencionar “coisas pertencentes às categorias de arte (...) ameríndia e popular”, porém, compreendemos que o patrimônio cultural a ser preservado era entendido como patrimônio material revestido de caráter monumental. A preservação era efetivada através do tombamento, instrumento, por definição, aplicável apenas à cultura material.

Este cenário mudaria pouco até os anos 1960. Ainda de acordo com Márcia Chuva (2017) evento importante de virada na concepção de patrimônio cultural no Brasil e no mundo, é a ação dos autores Jacques Le Goff e Pierre Nora no contexto da emergência da “nova história”. Le Goff e Nora eram integrantes da Escola dos Annales, revista/movimento que promoveu uma virada no campo da pesquisa em história e influenciou toda uma geração de pesquisadores no Brasil.

Essa nova forma de pensar e escrever história promoveu mudanças conceituais neste campo nos anos 70. A partir deste momento é que aspectos culturais do comportamento humano vão se tornar foco dos estudos históricos na Europa e passam a se estabelecer

conexões entre história, antropologia e literatura Chuva (2017). Os pesquisadores abandonam uma visão positivista e também materialista da história e passam a entendê-la como narrativa. Passam a se ocupar de outros pontos de vista da história, se antes a história era narrada do ponto de vista da política, dos grandes generais, dos reis (história dos vencedores), agora a história vai buscar uma visão "de baixo": história das mulheres, do soldado raso, das massas, da cultura popular. A nova história, uma nova forma de pensar e escrever a história vai refletir numa grande quebra de paradigma no campo do patrimônio. Nesse contexto, o conhecido historiador Marxisita Eric Hobsbawm vai publicar a importante obra "A invenção das tradições", saindo de uma visão materialista de história e incorporando a perspectiva cultural nos seus estudos.

Em 1975 Aloísio de Magalhães criou o Centro Nacional de Referência Cultural, projeto que tinha ambição de conhecer o Brasil e que deu início a pesquisas e registro de práticas culturais. Algumas iniciativas do Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC) deram origem a programas da Fundação Nacional Pró-Memória. É em 1979, que Aloísio Magalhães é nomeado diretor do Instituto Histórico e Artístico Nacional. O CNRC apresentava orientações mais próximas às da UNESCO, que propunham que o conceito de patrimônio cultural se sobrepusse ao de patrimônio histórico e artístico. O conceito de referência cultural foi fundamental para mudar o foco dos bens valorizados por sua monumentalidade, com peso material e simbólico para aquilo que Márcia Chuva (2017) irá chamar de dinâmica de atribuição de sentidos e valores. Assim, bens, práticas culturais até então alheios a esse universo passam a ser incluídos na categoria de patrimônio cultural.

Chuva (2017) relembra o cenário brasileiro dos anos 80, que ficou marcado como a década perdida para a economia, década também da redemocratização do país e do movimento que ficou conhecido como "Diretas Já", em que a população demandou eleições diretas para presidente da república. É importante lembrar também, que na década de 1980 brasileira, aconteceu o massacre da etnia indígena Tikuna e a morte de Chico Mendes. Desta forma, para muitos autores, as mudanças que acontecem no IPHAN e no âmbito das políticas de preservação do patrimônio cultural brasileiro, são lidas, juntamente com a Constituição de 1988, como grandes conquistas democráticas e progressistas, favorecendo o exercício da cidadania.

Duas mudanças na concepção de patrimônio que aparecerá no texto constitucional devem ser destacadas. O texto determina que "constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade e à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade

brasileira”. Destacamos aqui a inclusão do patrimônio imaterial e a mudança de um valor ancorado na excepcionalidade e monumentalidade, para a noção de referência cultural. Desta forma, o valor do patrimônio reside na atribuição de valor que os sujeitos conferem a ele. E por fim, a ampliação dos grupos contemplados nesse patrimônio, que agora passam a ser os diferentes grupos formadores da sociedade.

De lá para cá, línguas foram registradas como patrimônio imaterial, a oralidade passou a ser considerada um elo entre gerações e assim, manifestações culturais como a Literatura de Cordel, foi reconhecida como tradição oral e considerada patrimônio imaterial. O título foi concedido pelo IPHAN em 2018.

O Projeto Memória Oral, também do IPHAN realizou suas primeiras entrevistas na década de 1980, entre 2007 e 2020 a metodologia da história oral foi incorporada ao projeto. O objetivo do projeto é guardar e tornar públicas entrevistas e depoimentos de pessoas que tiveram ou têm uma ação significativa na preservação cultural brasileira.

No portal do IPHAN é possível localizar o registro intitulado “Mitos de origem e narrativas históricas”. O registro se refere à Cachoeira de Iauaretê, localizada no município de São Gabriel da Cachoeira no estado do Amazonas. É lugar de referência, paisagem cultural constituída por locais sagrados para os povos indígenas que habitam a região banhada pelos rios Uaupés e Papuri. Pedras, lajes, ilhas e paranás da Cachoeira de Iauaretê simbolizam episódios de guerras, perseguições, mortes e alianças descritos nos mitos de origem e nas narrativas históricas desses povos.

Apesar de todos estes avanços e reconhecimento, até o momento desta pesquisa não foi possível localizar nenhum registro de contadores de histórias, ou esforços de salvaguarda, registro e difusão de lendas, casos, ou da própria profissão dos contadores de história. A nosso ver, isto significa, primeiramente que, a prática sobrevive ainda pela ação de agentes da sociedade civil, os contadores de histórias, o que confirma a força de resistência da oralidade enquanto tradição no nosso mundo. Em segundo lugar, a necessidade de ações e iniciativas que fomentem a prática no atual cenário de globalização e da força das tecnologias que têm se apresentado como desafio à sobrevivência das tradições no mundo contemporâneo.

2 LENDAS EM OURO PRETO E REGIÃO

O objetivo deste capítulo é discutir a presença das lendas da região e como elas remontam um passado, a história e a construção do imaginário da população. Será apresentado também o contexto da formação da cidade de Ouro Preto, trazendo os processos históricos e sociais que proporcionaram a formação desse imaginário e, que consequentemente, promoveram a disseminação das lendas pela região. Também abordará como a tradição oral se faz presente na atualidade, mencionando alguns agentes e trabalhos que são desenvolvidos com a temática.

2.1 A construção histórica do Imaginário Ouro-pretano

No Interior do Brasil, ao sopé do Itacolomi, o destino marcou onde, primeiro com o nome de Vila Rica e depois de Ouro Preto, seria um cenário empolgante de grandes acontecimentos históricos do País. E realmente tem sido local de importantes inspirações cívicas, fatos de heroísmo, dramas, tragédias e até mesmo cousas sobrenaturais, tudo com imprescindíveis características de entrosamento sensacional à vida humana. Em consequência, constituíram-se sua história *sui generis* e suas lendas a par da universalmente imortal tradição. (Jerônimo, 1973, p. 21)

Ao se debruçar e investigar a antiga Vila Rica, atual Ouro Preto, é possível perceber os diversos aspectos sociais, econômicos e culturais que estiveram presentes na formação de uma sociedade que se estabelece no território no final do século XVII. Esse passado está ligado ao que é chamado de Ciclo do Ouro, uma época de exploração e extração mineral que provocou e instigou o embrenhar no território, até então pouco explorado, atrás de metais preciosos e riquezas minerais (Pereira, 2017).

Durante os 60 primeiros anos do século XVII, a corrida do ouro provocou na Metrópole a saída de aproximadamente 600 mil indivíduos, em média anual de 8 a 10 mil indivíduos. Em 1730, o governador do Rio de Janeiro dava notícia de dois navios do Porto "com muita gente, que se não deve apartar deles, antes voltar para o reino, mas o seu desígnio é passar para as Minas, o que intentaram fazer por mil modos". [...] Em 1709, era 30 mil o número das pessoas ocupadas em atividades mineradoras, agrícolas e comerciais, sem falar nos escravos vindos da África e das zonas açucareiras em retração. (Souza, 1986, p. 42)

Ao revisitar a literatura que trata da formação histórica urbana de Ouro Preto, é preciso estar atento às armadilhas narrativas que reproduzem a velha sequência da antiga capital de Minas em seu apogeu minerador, seguido pela decadência e abandono da cidade no século XX. No campo do patrimônio essa visão é bastante repetida para justificar a preservação da cidade. O elo entre o apogeu minerador e sua redescoberta pelos modernistas construiu uma memória oficial que simplifica complexas dinâmicas sociais, espaciais e econômicas de Ouro Preto.

Em Ouro Preto, a integração entre paisagem, forma urbana e arquitetura foi frequentemente representada como uma totalidade, alimentando discursos que embasaram seu tombamento e reforçaram estereótipos. No entanto, a organização urbana não foi fruto do acaso, mas resultado das condições econômicas, das práticas sociais e das representações coletivas da época (Luz, 2025, p.56).

A formação territorial nos morros e nas encostas, para além de acompanhar o relevo da região, também compartilhava da facilidade na exploração e extração das tais riquezas. E o grande êxodo para aquelas terras, possibilitou a formação de diversos arraiais e foi catalisador de diversos conflitos de diferentes grupos que se propuseram a ocupar a região. Apesar desse início de disputa, no auge da exploração aurífera, foi instituída a junção dos vários arraiais e elevou-se a área à vila, e posteriormente como capital de Minas Gerais (Pereira, 2017).

Entretanto, essa exploração aurífera no território de Ouro Preto, tem como plano de fundo a convergência e a reunião de diversos indivíduos de diferentes sociedades, possuindo culturas diversas. Fonseca (2011) afirma que a partir da descoberta do ouro, houve o que chama de “marcha da civilização” e territorialização dos sertões, “em muito poucos anos, este espaço imenso, até então percorrido quase exclusivamente por índios de diversas “nações”, foi profundamente transformado pela chegada de uma população numerosa e bastante heterogênea” (Fonseca, 2011, p. 57). É possível apontar que essa formação territorial, perpassa pela cultura indígena, portuguesa e africana - Rodriguês (2020, p. 330) aponta quase 30 nações africanas trazidas para Minas Gerais, entre 1711 a 1753, como Cabo Verde, Cachéu, Courá, Carabali, Jaquem, Sabarú, São Tomé, Fon, Chará, Cobú, Maquino, Mandinga, Fula, Ladá, Nagô, Ibo, Timbú, Barba, Chambá, Mouro, Gago, Dagomé, Geja, Haussá, Malê, Mavul Mina, Ouémé, Oyo e Tapa, mostrando a diversidade cultural que inundou o território.

Já a presença indígena durante esse processo foi sendo extinguida ao longo do tempo, na base da expulsão ou da submissão de suas populações (Fonseca, 2011), mas não menos importante para os desdobramentos da colonização do território. Venâncio (1997) afirma que os indígenas possuíam as funções de abrir caminho nas matas entre os núcleos urbanos, transporte de mercadoria, abastecimento alimentício, realizando caça, pesca e agricultura de subsistência. Ou seja, a população indígena possuía funções e saberes essenciais para a dominação, exploração e sobrevivência em um território desconhecido para os colonizadores.

Dada a ausência de caminhos, os cabras da terra deviam percorrer [sic] as íngremes trilhas que uniam as lavras ao núcleo urbano, transportando mercadorias essenciais para a sobrevivência do garimpo. A caça, a pesca e a coleta, em virtude da irregularidade das linhas de abastecimento, também parecem ter tido bastante importância nos primeiros tempos da colonização mineira. Enquanto os homens

encarregavam-se destas tarefas, as mulheres ocupavam-se do artesanato doméstico ou então trabalhavam na agricultura de subsistência. (Venâncio, 1997, s.p.)

Entretanto, apesar da presença indígena e africana, seus elementos culturais, seus usos, costumes, saberes e crenças nesse processo, prevaleceu a cultura de dominação portuguesa. A cultura portuguesa, desse modo, impôs seu modelo de sociabilidade, sua divisão estatal, sua estrutura social, sua religiosidade, sua visão de mundo, e suas formas e signos de comunicação. Nesse sentido, a preservação de documentos, de memórias, de emoções e até mesmo, posteriormente, a construção de uma identidade, prevaleceram, em grande parte, os elementos portugueses.

Souza (1986), em sua obra que aborda a chegada dos portugueses na América, traz a mentalidade daqueles que se propunham a aventurar no Novo Mundo. A autora afirma que o elemento imaginário ocupava a estrutura narrativa dessas viagens antes mesmo dos registros de Colombo, ou até da exploração do Oriente (Souza, 1986, p. 36). As histórias concretas se cruzavam com relatos fantásticos, ou mesmo ao contrário, narrativas fantásticas continham elementos da realidade física. “Desde cedo, portanto, as narrativas de viagens aliavam fantasia e realidade, tornando fluidas as fronteiras entre real e imaginário” (Souza, 1986, p. 37).

Há também um outro ponto, sobre a percepção europeia acerca da realidade, abordada por Souza (1986). O entendimento sobre o mundo já estava dado, eles procuravam confirmações sobre o que já sabiam, era uma realidade onde o ato de ouvir antecedia ao de ver/visualizar e era moldada a partir dos relatos fantásticos.

Numa época em que ouvir valia mais do que ver, os olhos enxergavam primeiro o que se ouvira dizer, tudo quanto se via era filtrado pelos relatos de viagens fantásticas, de terras longínquas, de homens monstruosos que habitavam os confins do mundo conhecido. (Souza, 1986, p. 34)

Desse modo, os colonizadores que chegaram no Novo Mundo, ainda permaneciam presos a um universo medieval, que se resumia a ver para escrever histórias que seriam majoritariamente ouvidas (Souza, 1986), em uma época em que a maior parte da população não foi ensinada a ler, e que alimentavam e estimulavam a imaginação e se fazia presente na interpretação da realidade concreta. Essa junção do ato de ver e ouvir, de acordo com Souza (1986), seria o primeiro vislumbre de um elemento cultural importante para a constituição social da identidade ouropretana, o barroco.

Assim como, nele, o pensamento medieval se somou ao aventureiro intrépido de uma nova era - a das navegações e das descobertas -, também o hábito de ouvir se aliou ao de ver, numa espécie de premonição do primado do visual caracteristicamente barroco. (Souza, 1986, p. 35)

Contudo, antes de se debruçar sobre o barroco, é necessário falar sobre a religiosidade. No contexto da expansão dos domínios ocidentais, a religiosidade cristã também foi utilizada como catalisador para a colonização. Mesmo que de um lado o objetivo era conquistar novas terras e suas riquezas, de outro se utilizava, até mesmo como justificativa para a colonização, a expansão do evangelho e a conversão de novos seguidores para o cristianismo (Souza, 1986, p. 48). Dessa forma, a visão era de que a existência do Novo Mundo, da sua beleza e abundância, reforçava a existência do Deus cristão, entretanto a fé e as projeções imaginárias andavam juntas, e nesse cenário a salvação de almas se evidenciou. Souza (1986, p. 53) afirma que através dessa construção de raciocínio, surgiu a justificativa da escravidão pela necessidade de cristianização dos povos.

Colombo inaugurou assim o movimento duplo que iria perdurar por séculos em terras americanas: a edenização da natureza, a desconsideração dos homens - bárbaros, animais, demônios. Esta tendência - associar os homens da colônia a animais ou a diabos - se agudizaria posteriormente. (Souza, 1986, p. 53)

Esse imaginário fortemente entrelaçado à religiosidade, posteriormente, não se limitou apenas aos povos escravizados, foi além, compreendeu o território como propício para possessões demoníacas. “O Brasil, colônia portuguesa, nascia assim sob o signo do Demo e das projeções do imaginário do homem ocidental.” (Souza, 1986, p. 43). E essa crença perdurou dentro do território mineiro, sendo possível citar o exemplo de Jerônimo (1973), ao se propor escrever sobre as lendas e tradições de Ouro Preto, onde afirma a existência da crença de demônios no território e da construção de edificações religiosas com o objetivo de afastar esses diabos.

A Igreja de São Francisco de Paula foi construída exatamente onde na cidade houve o período de acontecimentos visivelmente favorecidos por Satanás.

Com a construção da igreja e poderosamente a protetora Caridade de São Francisco de Paula, Annaz desapareceu dali. (Jerônimo, 1973, p. 71)

Através desse cenário, torna-se possível entender a presença da religiosidade não apenas tecendo o imaginário popular, mas também moldando as relações sociais e culturais da colônia, destacando a incorporação do medo e da necessidade constante de manutenção da ordem.

A relação entre religiosidade, medo, ordem e uma sociedade analfabeta que mais falava/escutava do que escrevia, nesse contexto, vem a ser o elemento de destaque para a forte incorporação do barroco no imaginário herdado. O Barroco, como estilo artístico apossado pela Igreja Católica para a renovação religiosa proposta a partir da contrarreforma, esteve presente nas artes plásticas, em especial através das representações dos santos, na literatura,

na música e também no teatro, dedicando-se ao ensinamento de exemplos morais e valores a serem seguidos pela sociedade. De maneira pedagógica e opulenta, demonstrando poder e exuberância, o Barroco nasce com o propósito de transmitir o conteúdo dos dogmas para as pessoas (Barbosa; Carvalho, 2020).

[...] todas essas produções foram portadoras de mensagens e valores que deveriam ser seguidos pela sociedade do período. Ou seja, tendo em vista o cunho catequético e civilizador, a arte nos primórdios da colônia, e quase que exclusivamente em todo período colonial, será uma arte religiosa.

O Barroco, provavelmente, será o primeiro estilo artístico europeu a ser exportado para outros continentes, porém, essa possibilidade de acesso aos modelos do Barroco europeu não impediu o caráter criativo dos artesãos nativos; pelo contrário, a arte barroca vai-se desenvolverem terras coloniais a partir da sociedade. A arte vai crescer seguindo o desenvolvimento da sociedade colonial, sociedade temente a Deus e seduzida pelas obras. (Barbosa; Carvalho, 2020, p. 94)

Entretanto, o Barroco mineiro se expandiu para além de um estilo artístico, ele foi fortemente incorporado na cultura e nas relações sociais por meio do catolicismo, com o objetivo de representar e cotidianizar a religiosidade.

Perceberemos como os signos barrocos exibem um espaço social em que o fausto e a opulência são formas de argumentação para a adesão das ideias religiosas.

O barroco mineiro se solidificará em meio a um catolicismo popular que levou seus artistas a se adaptarem de forma veemente a essa religiosidade local. (Souza, 2019, p. 94)

Essa religiosidade local, sustentada pela presença das “irmandades e ordens terceiras de iniciativa dos próprios fieis, visto a proibição de clérigos na capitania por uma política restritiva da Coroa Portuguesa.” (Souza, 2019, p. 37), se encontrava em uma sociedade marcada por conflitos, por um grande contingente de pessoas se estabelecendo de forma desordenada, e também por uma escassez de suprimentos para o abastecimento (Souza, 2004). Desse modo, a ordem, não apenas para a colônia e sua organização social, mas também da moral, dos costumes e do comportamento, precisava ser estabelecida. O Barroco mineiro, nessa conjuntura, estabelece, através de sua opulenta iconografia, não apenas o juízo social, mas também o juízo particular (Campos, 2007).

Campos (2007) ao abordar sobre esses juízos, procura evidenciar uma sociedade atenta, controladora e cheia de penitências a serem pagas. Os comportamentos não eram apenas controlados e julgados socialmente no cotidiano da vida urbana, era preciso cultivar e se atentar a uma boa conduta dogmática na relação particular com o sagrado, para assim alcançar as graças eternas. Nesse sentido, o Barroco ao mesmo tempo que se ancorava no imaginário popular para transmitir a mensagem dogmática, através da iconografia, também expressava e intensificava tal imaginário. Havia uma “necessidade da materialização da

experiência religiosa e do apoio de uma imaginação fértil, responsáveis pela antevisão dos sofrimentos do inferno e das alegrias do paraíso.” (Campos, 2007, p. 399).

Em resumo, Campos (2007) consegue sintetizar sobre os aspectos do barroco e sua incorporação na sociedade mineira:

A obra de Loyola, elaborada em um período dominado pela arte maneirista, acadêmica e nada popular, inaugurava formalmente os tópicos fundamentais da arte e da concepção de mundo barroca, a ser desenvolvida com plenitude nos séculos XVII e XVIII: apelo à imaginação, realismo das formas e das armações efêmeras, materialização da experiência religiosa, reflexão sobre a transitoriedade da existência terrena, ênfase na escatologia, preferência por cenas de martírio, de penitência e, em contrapartida, por visões celestiais. Muitos desses valores foram assimilados do cristianismo medieval, reintegrados nessa nova espiritualidade que mesclava a prática religiosa militante com a penitencial. No Setecentos mineiro, tais práticas contavam com uma contextualização absolutamente barroca, bastante diferente daquela europeia contemporânea de Loyola.

Mais expressiva no contexto do comportamento coletivo das Minas é a atuação das irmandades leigas e das ordens terceiras, erigidas para a veneração do santo padroeiro, realização dos ofícios divinos, auxílio ao filiado em caso de doença e necessidade, culto na intenção das almas dos irmãos vivos e defuntos, assistência na morte e, portanto, para ajudar a "bem morrer" e ao serviço fúnebre em geral. (Campos, 2007, p. 399)

Contudo, o Barroco mineiro não é apenas um produto do catolicismo português e utilizado como instrumento para o domínio da colônia, como mencionado anteriormente, ele também é o resultado de uma conjunção cultural. Souza (2019, p. 36-37) menciona, como exemplo, o enriquecimento significativo do barroco mineiro, a partir da presença e expressão dos povos africanos, através dos seus domínios na arte, na música e na literatura, que se sucedeu a partir da Igreja, pelas irmandades, possibilitando a mescla das tradições africanas a religiosidade portuguesa.

O barroco levou duzentos anos para chegar a Minas. No caminho, agregou elementos de diferentes origens e depois continuou a incorporar contribuições. Estas vieram dos índios que viviam ali e dos que foram levados pelos paulistas, daqueles africanos de diversas etnias que vieram como escravos para trabalhar nas minas e dos portugueses, incluindo alguns arabizados, outros judeus convertidos à força. (Lemos, 2008, p.41 *apud*. Souza, 2019, p. 36-37)

Através desse mesmo contexto histórico e social é que se constroi o imaginário popular mineiro, incorporando nas crenças portuguesas os mais diversos elementos culturais dos povos que tiveram contato ao longo do tempo, mesmo ele sendo, em sua maioria, por dominação. E essa relação ainda produziu um imaginário muito diferente daquele que permaneceu no continente europeu, como destaca Souza (1986).

Haviam se passado trezentos anos, tempo suficiente para que as projeções mentais dos europeus quinhentistas se espriassem pelo continente recém-descoberto, somando-se ao universo imaginário de povos de outras culturas e, finalmente,

fundindo-se a eles. Com o processo colonizador, tecer-se-ia um imaginário colonial americano, [...]. (Souza, 1986, p. 35)

Desse modo, reunindo o costume de primeiro ouvir antevendo ao ver, junto com a cultura predominantemente barroca, a interpretação do mundo a partir das crenças religiosas e da sua utilização da iconografia para transmitir mensagens a povos que não tinham domínio ou nenhum contato anterior a língua colonizadora, é possível entender tanto a construção do imaginário popular ouro-pretano, mas também a consolidação da tradição oral, ao se apoiar nela para a transmissão da cultura, memória e identidade.

2.2 As Lendas no cenário atual e continuidade da Tradição Oral

Compreendendo esse cenário sociocultural construído ao longo do tempo em Ouro Preto, aliado, como muitos afirmam, aos cenários que despertam diferentes sentimentos, algumas das lendas que percorrem o imaginário da população, se mantiveram até os dias atuais. A tradição da oralidade, se destaca como o principal motivo da sobrevivência desses causos, cristalizando na memória coletiva as histórias passadas e os elementos identitários, que possibilitou atravessar o tempo e permanecer no cotidiano da comunidade.

Essa tradição de contar histórias, que permeia o cotidiano, não era realizada apenas como tradições herdadas em reuniões familiares, mas também se tornou um costume popular dos moradores da cidade. Reuniões, serestas, velórios e serões domésticos são alguns exemplos de momentos em que as lendas eram contadas, divididas e transmitidas entre a população e as diferentes gerações. Todavia, na atualidade, é possível perceber que a oralidade vem perdendo espaço para a escrita, que por sua vez tem sido ajuizada como a melhor forma de transmitir, rememorar e salvaguardar a memória.

No entanto, é importante destacar a importância da oralidade na concretização escrita dessas lendas. Ao contrário da escrita, a oralidade aqui possibilita a memória ser recontada, e revivida no imaginário, à medida que se adapta à linguagem do interlocutor. Segundo Machado, “ato de contar convive, em nosso tempo, com a escrita e com os meios técnicos da comunicação eletrônica, com os quais as histórias sobrevivem. Os meios mudaram, mas o ato de contar continua vivo” (1994, p. 21 *apud*. Pauli et al., 2007, p. 3).

Esse ato de contar permitiu a continuidade das lendas em Ouro Preto. Atualmente, a comunidade ainda consegue manifestar seus costumes, sua cultura e sua ancestralidade, mesmo inserida em uma realidade que trava uma busca pela modernidade e questiona as tradições, as crenças, as superstições, as histórias e os folclores. Em outras palavras, a

população, mesmo que cada vez de modo mais reduzido, ainda divide de forma doméstica as histórias da cidade.

Dessa forma, percebendo que o costume de (re)contar e evocar essa memória, sobre as lendas, está cada vez mais difícil, surgem pela própria comunidade formas de reverter a situação. Ouro Preto, na atualidade, conta com diferentes projetos e trabalhos que têm o objetivo de fazer com que as lendas e causos de assombração retornem ao cotidiano da população. Essas iniciativas são diversas e contam com diferentes agentes, alguns passando por meios institucionais, outros partindo dos próprios moradores da cidade.

Como exemplos, podem-se citar as diferentes iniciativas apoiadas pela Prefeitura Municipal da cidade que incorpora e promove atividades que despertam a tradição oral. É possível citar os Encontros de Contadores de História¹ incorporados no Festival de Inverno de 2024, juntamente com o Prêmio Baobá, ou os projetos voltados para alunos e professores das escolas municipais, oficinas como a “A Arte das Histórias”² e projetos como “Encontros na Casa da Ópera”³, com especialistas em contação de histórias e de incentivo à leitura, que possui espetáculos como “Estação das Histórias: O que é que Ouro Preto tem?”⁴ que trabalham a história e a cultura de Ouro Preto através da contação de histórias para a população.

A iniciativa também está presente nas Escolas Municipais de Ouro Preto que promovem e possibilitam atividades com contadores de história da cidade, trabalhando o lado lúdico do público infantil, sendo possível citar nomes como Marcelino “Xibil” Ramos, Angela Leite Xavier e Maria Agripina Neves que conduzem trabalhos de incentivo à tradição oral na transmissão da cultura através de lendas e causos de assombração. Maria Agripina, como uma das contadoras de histórias que desenvolvem esses trabalhos, moradora e natural do município, se destaca por ser escritora e foi professora das primeiras séries da Escola Estadual Marília de Dirceu, onde ainda hoje desenvolve atividades de Contação de Histórias e Educação Patrimonial. Graduada em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), com especializações em Folclore e Cultura Popular, e pós-graduação em

¹ Notícia digital sobre a programação do Festival de Inverno de 2024, pelo Jornal Voz Ativa. Disponível em: <<https://jornalvoztativa.com/cultura/agenda-cultural/ouro-preto-mg-programacao-completa-festival-inverno-2024/>>. Acesso em: 20 fev. 2025

² Material digital do jornal “Diário de Ouro Preto” sobre a programação para professores. Disponível em: <<https://www.diariodeouropreto.com.br/encontros-na-casa-da-opera-realiza-programacao-com-homenagem-ao-dia-do-professor/>> Acesso em: 20 fev. 2025

³ Notícia vinculada no site oficial da Prefeitura de Ouro Preto, sobre oficinas de contação de história, oferecidas pelo município. Disponível em: <<https://www.ouropreto.mg.gov.br/noticia/4377>>. Acesso em: 20 fev. 2025

⁴ Publicação do perfil no Instagram @oqueouropretotem, sobre o projeto de educação patrimonial: Ouro Preto - Meu Lugar. Disponível em: <https://www.instagram.com/oqueouropretotem/p/DAS7gVcOSUX/?img_index=1>. Acesso em: 20 fev. 2025

Cultura e Arte Barroca, a autora é uma figura proeminente na preservação da memória cultural de Ouro Preto. Além de ter escrito o livro “Segredos e Mistérios da Arte de Partejar”, ela possui uma vasta produção de textos sobre a cultura e a história da cidade. Sua atuação se estende à co-fundação da Comissão Ouro-pretana de Folclore (COF) e à participação na Comissão Mineira de Folclore, consolidando seu papel como pesquisadora dedicada à religiosidade de Minas Gerais e, em particular, de Ouro Preto.

Outro exemplo dessa busca pela valorização sobre as lendas, foi a realização da 8ª (oitava) edição do Prêmio Baobá em Ouro Preto, como citado anteriormente. O Prêmio Baobá é um reconhecimento de grande importância no cenário cultural brasileiro, dedicado a celebrar e valorizar a arte da contação de histórias, a literatura e a tradição oral. Considerado por muitos como o "Oscar dos contadores de histórias", o prêmio busca destacar o trabalho de contadores de histórias, escritores, editoras e organizações que contribuem para a promoção da leitura e da cultura no Brasil, e a cada ano procura homenagear personalidades que desempenham esse papel em todo o país. A oitava edição aconteceu nos dias 26, 27 e 28 de julho de 2024. Dentre os 36 nomes⁵, há a presença de Marcelino “Xibil” Ramos, Hebe Rolla Santos, e a grande homenageada da premiação, Ângela Maria Leite Xavier, todos contadores de história da região.

Ângela Maria Leite Xavier, possui formação acadêmica em História e especialização em Restauração de bens Móveis e Imóveis, foi professora do ensino público de Ouro Preto e atualmente realiza diversos trabalhos comunitários como contadora de histórias em várias escolas do município sobre a história de Ouro Preto, promovendo a educação patrimonial. Ângela, além de conhecida como contadora de história, é ceramista e uma grande escritora. Nesse sentido, é possível destacar sua obra “Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto”, tendo sua 3ª edição publicada em 2021 - e primeira publicada em 2007, que pode ser descrita como uma imersão profunda no imaginário da cidade histórica mineira. Funcionando como um convite, o livro instiga o leitor a debruçar sobre os mistérios que permeiam as ruas de pedra, igrejas barrocas e casarões coloniais, apresentando um rico mosaico de histórias que se entrelaçam com a própria história de Ouro Preto.

A autora transporta através do imaginário, o passado de Ouro Preto abordando o contexto histórico e cultural em que as lendas surgem, e os medos, desejos e valores da

⁵ Publicação notícia sobre a realização do Prêmio Baobá em Ouro Preto, e sua programação. Disponível em: <<https://abcdoabc.com.br/premio-baoba-tera-cerimonia-de-entrega-em-ouro-preto-no-dia-27-de-julho/#fechar-aviso>> Acesso em: 20 fev. 2025

sociedade ouro-pretana ao longo dos séculos. Sua obra ainda procura abordar e trazer a valorização da tradição oral. Xavier (2021) reúne os relatos da população da cidade e reconstrói com delicadeza os cenários em que os causos são contados. No prefácio para a terceira edição, a autora destaca sua visão sobre a importância da história oral e ainda agradece nominalmente a cada morador da cidade que contribuiu com a construção da obra.

Considero de grande importância a história oral - ouvir os mais velhos com sua sabedoria ancestral. As histórias narradas por eles são histórias do povo e estariam perdidas, não fossem ouvidas e registradas. A população de Ouro Preto foi minha principal fonte de pesquisa. (Xavier, 2021, p. 15-16)

Outra obra, descoberta durante a pesquisa, que também tem uma preocupação com a tradição oral e aborda as lendas de Ouro Preto, é a “Lendas, Tradições e Costumes de Ouro Preto” de Alcebíades Taciano Jerônimo, com a 2ª edição publicada em 1973 - a primeira foi publicada em 1967. O autor resgata e preserva as narrativas que moldaram a identidade ouro-pretana, oferecendo um panorama rico e detalhado de suas tradições. O livro se dedica a trazer lendas que permeiam o imaginário local, desde histórias de tesouros escondidos e fantasmas que assombram os casarões coloniais, até contos que explicam a origem de fenômenos naturais e eventos históricos. Jerônimo não se limita a reproduzir as lendas, mas busca explorar o contexto em que surgiram, revelando como refletem os valores, crenças e medos da sociedade ouro-pretana ao longo dos séculos.

Além das lendas, a obra também se dedica a descrever os costumes e tradições que marcam o cotidiano de Ouro Preto, como festas religiosas, rituais folclóricos e práticas tradicionais. O autor oferece um relato vívido da vida na cidade, revelando a riqueza e diversidade de sua cultura popular. A obra é um valioso registro da memória cultural da cidade, ao resgatar e dar voz às narrativas que habitam o imaginário local, contribuindo para a construção de uma identidade cultural mais rica e completa, além de ressaltar a dimensão da tradição oral. O prefácio escrito por Clovis Salgado (s/d), ao se referir sobre Jerônimo, também expressa um aspecto importante da obra:

Consagrara boa parte de sua vida e de seus lazeres a colecionar contos, casos, histórias, lendas, costumes e usos de sua terra, transmitidos de geração em geração, pela sua tradição oral, e, assim, prestes a se deturparem e se perderem. Recolhera todo esse precioso material com paciência beneditina e fidelidade franciscana. Dera-lhes a redação mais singela, mais direta, mais aproxima-da dos relatos vivos que ouvira de seus maiores. (Clovis Salgado, s/d, *apud*. Jerônimo, 1973, p. 3-4)

A cidade ainda conta com o projeto “Caminhada Assombrada”, idealizado por Marcelino Luciano Ramos, que se destaca por proporcionar uma experiência única e imersiva

na história e cultura de Ouro Preto. Através de um percurso noturno pelas ruas e becos da cidade, os participantes são convidados a explorar os mistérios e lendas que permeiam o imaginário local.

Marcelino Luciano Ramos ou Marcelino “Xibil”, apelido do qual adotou e gosta de ser chamado, através do projeto resgata e preserva as narrativas populares que foram transmitidas oralmente ao longo dos anos. E através de sua vasta experiência em cultura popular e história oral, e experiência como produtor cultural, ator, diretor e artista contador de causos, conduz a caminhada compartilhando histórias de fantasmas, tesouros escondidos e outros causos que habitam o imaginário ouro-pretano.

O projeto da Caminhada Assombrada não se limita a apresentar as lendas, mas busca contextualizá-las historicamente, revelando como refletem os valores, crenças e medos da sociedade ouro-pretana ao longo dos séculos. O projeto também se preocupa em valorizar a tradição oral, dando voz aos moradores da cidade, que fazem questão de participar, e resgata suas memórias e experiências. Xibil ainda trabalha com um caráter educativo e cultural, contribuindo para a preservação da memória cultural da cidade e para a valorização do patrimônio imaterial brasileiro.

A Caminhada Assombrada conta com dois percursos, conhecidos como Jacubas e Mocotó. O trajeto passa por igrejas, cemitérios, casarões centenários, monumentos, becos sombrios e outros lugares interessantes. É interessante perceber que é um projeto que não apenas reúne os turistas ou a população flutuante de Ouro Preto, mas também a população nativa da cidade, que faz questão de ter uma participação ativa dentro do projeto, sugerindo os causos a serem contados, os percursos a serem feitos e comentando sobre detalhes da cultura que os moradores da cidade detêm. As caminhadas reúnem pessoas de todas as idades, os mais idosos, as crianças, os adolescentes e adultos de modo geral. Além disso, Marcelino Xibil utiliza da cidade como palco e exemplo das estórias a serem contadas, pois as mesmas variam de acordo com o percurso definido previamente. Atualmente, o projeto é amplamente difundido, participando até do rol de atividades a serem realizadas no Festival de Inverno, nos anos de 2023 e 2024, que marca a comemoração do aniversário de Ouro Preto e possui apoio da prefeitura do município.⁶

⁶ Conforme print do material gráfico publicado em 2023 nas redes sociais, coletado e apresentado no **Anexo 2**. Não é possível encontrar publicações referentes ao Festival de Inverno de 2024 nas redes sociais institucionais, devido a suspensão publicitária durante o período eleitoral. No entanto, é possível conferir a Caminhada Assombrada no rol de atividades, no dia 16 de Julho de 2024, pela programação divulgada pela Prefeitura Municipal de Ouro Preto e publicada pelo Jornal Voz Ativa. Disponível em:

3 AS LENDAS DE OURO PRETO ENQUANTO PATRIMÔNIO CULTURAL

Objetiva-se neste capítulo construir o entendimento sobre os elementos culturais presente nas lendas. Com isso, neste capítulo será abordada uma discussão sobre a metodologia da História Oral, como um importante mecanismo de resgate da ancestralidade presente nas lendas e capaz de transportar saberes e tradições entre gerações. Como técnica de coleta de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com os principais atores dessa história oral, que perpetuam as lendas nos dias atuais, com o objetivo de apresentar uma análise dos elementos identitários que permeiam a memória coletiva.

3.1 A Metodologia da História Oral

Antes de debater sobre as lendas que percorrem o imaginário e a memória coletiva da população de Ouro Preto, é necessário debater História Oral como um importante método de pesquisa para a concepção desta pesquisa. Ao discutir sobre oralidade, partimos da ideia de entendê-la como a forma de comunicação humana mais básica e universal. Sua manifestação é produzida principalmente pela fala, mas envolve sons, gestos e expressões que são transmitidos nesse processo de comunicação entre pessoas. Entretanto, a mesma vai além, ao possibilitar a construção da identidade individual e coletiva, a transmissão de conhecimentos e valores, a expressão de sentimentos e emoções, e a interação social. Assim, a oralidade se mantém como uma das principais formas de transmissão da cultura, da história e da memória, não perdendo espaço para a escrita ou novas tecnologias de comunicação, como é ilustrado por Araújo (1965, p. 11 *apud*. Chaer; Guimarães, 2012, p. 72): “o homem está na permanente dependência dos símbolos verbais e, por esse motivo, o desenvolvimento da linguagem é elemento essencial à sua perfeita realização na sociedade em que vive”.

É perante a esse contexto que torna-se possível entender que a oralidade alça outros patamares, para além de apenas uma forma de comunicação. A mesma se faz presente e tem um importante papel nas diversas manifestações culturais, como a música, o teatro, a contação de histórias, as festas populares e as conversas cotidianas. A oralidade se encontra na rotina, no costume e também na ancestralidade das pessoas, que passam a transmitir as emoções, os desejos, as ideias e as memórias que residem na individualidade e na coletividade.

Entendendo esse conjunto de significados, conseguimos compreender Vansina (2010, p. 158) ao afirmar que “uma tradição (oral) é uma mensagem transmitida de uma geração para a seguinte”. Para o autor, a oralidade alcança o patamar de tradição ao transmitir e detalhar acontecimentos passados e se tornam fontes importantes de conhecimento, que revelam ser uma fonte notável para a história das ideias, dos valores e da própria habilidade oral dos diferentes narradores.

Contudo, ao debruçar sobre a tradição oral é importante estar sensível ao meio social que as cria e transmite, além da necessidade de buscar estudar a visão de mundo que sustenta a expressão e conteúdo de uma cultura (Vansina, 2010, p. 158). É importante dentro dos estudos de tradição oral entender o processo da construção da memória individual e coletiva. Como mencionado anteriormente, através da concepção de Pollak (1992, p. 2), a memória é um fenômeno construído social e coletivamente, e sujeito a transformações, alterações e flutuações constantes.

Essa construção e reconstrução da memória através da oralidade faz surgir uma nova categoria de estudos, a História Oral, que vai além da história “positivista” ou da sacralização dos documentos escritos (Alberti, 2013, p. 23). Ibrahim (2014), ao traçar um curto histórico sobre a História Oral, ilustra brevemente as motivações que pertencem a essa categoria de conhecimento.

Destarte, em contraposição à história tradicional, surge a chamada nova história, promovendo uma reviravolta nos estudos históricos, voltando-se para a análise da cultura, da vida cotidiana, da vida privada, das crenças, das relações de poder em seus mais diversos campos sociais. Volta-se, então, o interesse e a atenção para a história do singular, do dia-a-dia, do ordinário. Esta nova história afasta-se dos grandes paradigmas explicativos das ciências e passa a se preocupar com as interrogações do presente e a se interessar pelos aspectos simbólicos e culturais da sociedade. (Ibrahim, 2014, p. 116)

Além da objetividade na recuperação das memórias e das fontes orais, a pesquisa em História Oral se envolveu e procurou trabalhar com a valorização da subjetividade dos narradores dos testemunhos e da experiência vivida. A objetividade dos fatos não deixa de existir, contudo a experiência e a interpretação dos indivíduos ganham mais relevância tornam-se objeto de interesse dessa área de estudo. (Portelli, 1996 *apud*. Ibrahim, 2014).

Nesse aspecto, a história oral propõe registrar e, portanto, propagar impressões, vivências, lembranças dos indivíduos que intenciona a socialização de sua memória com a coletividade e dessa forma apresentar um conhecimento da experiência do vivido, diferente, dinâmico e repleto de situações que, somente desse modo conheceríamos. Fonte oral engloba uma dimensão concreta, vislumbra novas perspectivas da historiografia, [...]. (Santos, 2015, p. 7)

O entendimento de Harres (2006, p. 133) sobre a recordação traduz de forma mais concreta sobre esse processo de ligação entre memória e subjetividade. A autora ilustra que a memória depende de encadeamentos, que funcionam como elos que são condições para recordar. E o ato de recordar, ao revisitar e reencenar o passado, liga-se à subjetividade do indivíduo, sob a forma de emoções, sentimentos ou imagens. Nesse sentido, os estudos sobre História Oral procuram despertar as memórias e se atentar às subjetividades que elas carregam, os significados e os sentimentos da experiência histórica (Thomson, 2023, p. 17).

Nesse caso, o objeto de estudo deixa de ser como concretamente aconteceu o passado, e passa a ser a compreensão e interpretação do mesmo (Alberti, 2013, p. 24). Entretanto, para conseguir fazer uma análise dos aspectos subjetivos presentes nas memórias que são recontadas pela tradição oral, Alberti (2013) e Thomson (2023) afirmam que a utilização de diferentes estratégias e abordagens para a compreensão de uma entrevista, pois se trata de uma pesquisa interdisciplinar, é essencial para entender as características distintas da evidência oral e compreender como a memória e a lembrança funcionam, além de proporcionar uma compreensão de como as memórias são recordadas e narradas em uma entrevista (Thomson, 2023, p. 18-19).

Torna-se interessante destacar que Thomson (2023) ainda faz algumas ponderações sobre as fontes de história oral, respondendo às críticas e aos questionamentos sobre essa metodologia. Algumas das críticas que o autor levanta são: a possibilidade da formação de grupos tendenciosos, ou a forma de conduzir as entrevistas como capaz de influenciar os fatos narrados, além da argumentação de que com o passar dos anos a memória se dissipa onde “as pessoas esquecem, autocensuram-se, mentem ou dissimulam” (Thomson, 2023, p. 18), ou mesmo a insinuação que a lembrança sofre interferência do narrador e da sociedade por causa de acontecimentos posteriores ao evento relatado, e até mesmo as suposições que os entrevistados podem contar aquilo que acreditam que o entrevistador espera escutar.

Thomson (2023) responde cada uma dessas inquisições e desaprovações sobre a metodologia da História Oral, afirmando que quaisquer fontes históricas precisam passar por uma análise crítica, pois não estão livres de falhas ou são imparciais, todas são enviesadas e tendenciosas ao seu modo. Desse modo, o autor ainda salienta que as fontes de história oral

[...] são criadas em uma relação de entrevista; são aurais e performáticas; sua evidência está embutida na narrativa; dependem do que é lembrado e contado em um contexto específico e em um momento específico; oferecem pistas não apenas sobre o que aconteceu, mas também sobre o que isso significou e como se sentiu, e o que isso significa e como se sente agora. (Thomson, 2023, p. 19)

Camargo (1989, *apud*. Alberti, 2013) e Thomson (2023), ainda trazem um ponto importante para o desenvolvimento da pesquisa da História Oral, o dever do pesquisador. Thomson (2023) sintetiza afirmando que “[...] cabe ao pesquisador, em uma entrevista de história oral, desempenhar um papel fundamental de orientar, estimular, investigar e registrar as lembranças do entrevistado” (Thomson, 2023, p. 13). Camargo (1989) vai mais além, a autora salienta que o pesquisador, ao realizar uma entrevista, deve construir uma relação, do que nomeia, de “cumplicidade controlada” com o entrevistado, um vínculo que possui sensibilidade e também rigor, possibilitando a reconstituição e o questionamento, de adesão na construção da compreensão e de ponderação no processo de interrogar. De acordo com a pesquisadora, essa consciência, por parte do entrevistador, garante a dimensão e a consistência do que é revelado (Camargo, 1989, *apud*. Alberti, 2013, p. 19).

O trabalho com história oral exige do pesquisador um elevado respeito pelo outro, por suas opiniões, atitudes e posições, por sua visão de mundo enfim. É essa visão de mundo que norteia seu depoimento e que imprime significados aos fatos e acontecimentos narrados. Ela é individual, particular àquele depoente, mas constitui também elemento indispensável para a compreensão da história de seu grupo social, sua geração, seu país e da humanidade como um todo, se considerarmos que há universais nas diferenças. Assim, se trabalhamos com visões particulares e muitas vezes idiossincráticas para ampliar nosso conhecimento acerca da história, é porque de alguma forma acreditamos que a história é um nome genérico para designar as histórias vividas e concebidas, diferentes ou parecidas, criadas por pessoas em contato com o mundo. (Alberti, 2013, p. 30-31)

Entendendo todo esse universo inserido na discussão sobre História Oral, sintetizada até aqui, que o presente trabalho procurou utilizar essa metodologia como forma de entender o significado das lendas dentro da memória coletiva de Ouro Preto. A subjetividade individual foi levada em consideração, mas tornou-se interessante quando a mesma possui signos que são compartilhados entre as pessoas em seu cotidiano, assim como é apresentado no capítulo 1 através das concepções sobre memória coletiva e identidade, trabalhadas principalmente por Pollak (1992).

Na aplicação da metodologia durante a pesquisa, foi priorizada uma entrevista semi-estruturada, visando possibilitar uma maior abertura para o diálogo com o entrevistado. A entrevista semi-estruturada destaca os pontos principais da pesquisa para conduzir a conversa, mas também funciona como oportunidade dos entrevistados definirem os pontos importantes, ou seja, as lendas e os elementos culturais que se destacam em suas memórias. Nesse processo de realização das entrevistas, também é importante destacar o papel da escuta. Ela possibilita que o entrevistado conduza a entrevista, contando as lendas que fazem parte do seu cotidiano, das suas memórias e do ambiente popular, faz dele o protagonista das suas

próprias percepções culturais onde delimita a dimensão e significado das lendas e dos elementos presentes nelas.

A metodologia da História Oral também revela algo interessante sobre as memórias. Elas surgem em uma espécie de “dança”, estão frequentemente em movimento, sendo relacionadas a diferentes épocas, lugares, comportamentos e costumes, onde o entrevistado à medida que conta a lenda, tece comentários desde os personagens até mesmo sobre como a estória contada se encontra com a sua vida pessoal e/ou no coletivo, rememorando outras memórias em um processo de assimilação.

Os historiadores orais aprenderam a conviver com um paradoxo da memória (THOMSON, 2011b). Por um lado, eventos que são pessoalmente significativos tendem a ser lembrados e, ao contrário das memórias de curto prazo, essas memórias de longo prazo são notavelmente robustas e duradouras - em grande parte porque são consolidadas por meio da contação de histórias [...]. Por outro lado, precisamente porque criamos e recriamos a memória por meio da contação de histórias, nossas memórias são influenciadas pelos processos neurológicos, psicológicos e sociais de lembrança e narração, que envolvem seleção, articulação e performance, desde o momento do evento até o momento da narrativa. (Thomson, 2023, p. 19)

Thomson (2023) destaca a dupla natureza do testemunho oral, sendo tanto uma fonte de evidências sobre o passado quanto uma janela para a compreensão da memória histórica. O autor argumenta que historiadores orais devem adotar uma "dupla visão", explorando as narrativas para entender eventos passados, a história, e, simultaneamente, analisar como o passado é lembrado, interpretado e influencia o presente nas vidas individuais e na sociedade, pela memória. Em essência, a história oral é apresentada como uma disciplina que investiga a dinâmica entre história e memória (Thomson, 2023, p. 19-20).

Desse modo, vem a ser possível compreender a importância da metodologia de História Oral, explicada e defendida pelos diferentes autores e pensadores aqui debatidos, para a construção desse trabalho. Entender os elementos culturais presentes nas lendas como parte da identidade local, não poderia se resumir apenas através de uma pesquisa bibliográfica, tornou-se necessária a escuta de contadores de história de Ouro Preto, que tem a cidade em sua história e em seu cotidiano. Através dessa metodologia, foi possível expandir as fontes que trabalham com causos de Ouro Preto, como, por exemplo, os eventos que acontecem na cidade e obras que se propõem a reunir essas estórias e costumes locais - que se utilizaram da História Oral para serem construídas.

3.2 O desenvolvimento da pesquisa em História Oral sobre Lendas e Causos de Assombração de Ouro Preto

Entendem-se a metodologia da História Oral como uma abordagem de pesquisa qualitativa que busca, através de entrevistas, resgatar experiências, memórias e interpretações de indivíduos sobre eventos, processos históricos ou aspectos culturais. A procura por entrevistados, nesse contexto, envolve a identificação de pessoas que possuam vivências relevantes para o tema em questão e que estejam dispostas a compartilhar suas histórias de forma aberta e reflexiva. A seleção dos participantes foi feita por meio de diferentes estratégias, como a indicação de especialistas, a busca em arquivos e documentos, o contato com associações e grupos comunitários, ou a utilização de redes sociais e plataformas online.

Para a realização do presente estudo, na seleção dos participantes foi utilizada a indicação por parte da população da cidade, de contadores de histórias que atuam em Ouro Preto e possuem um trabalho amplamente reconhecido pela população por estarem realizando essa atividade por gerações. Através dessas indicações foi possível construir o primeiro banco de dados em relação às lendas. É importante mencionar que à medida que as entrevistas foram realizadas, esse banco de dados dos contadores de história foi se expandindo, mas o contato com muitos deles não foi possível.

O banco de dados dos contadores de história (Tabela 1) procurou trazer informações essenciais e preliminares para o contato com os mesmos. Os dados coletados foram “Nome”, “Contato”, “Endereço” e “Observações”. Em “Nome” optou-se pela liberdade de utilizar os nomes ou apelidos dos contadores de histórias, conforme foram indicados ou apresentados. Já em “Observações”, foi utilizada a síntese de quem seria, a origem ou até mesmo que indicou os contadores de história.

Tabela 1 - Tabela final de relação dos Contadores de Histórias de Ouro Preto⁷

Nome	Contato	Endereço	Observações
Agripina			Professora e Contadora
Deolinda			Indicação Xibil
Angela Xavier			Contadora de História
Xibil (Marcelino Ramos)			Contador de História
João Batista Tatu Pena			Indicação Xibil
Dona Marisa e Ketson			Mãe e filho (Indicação Xibil)
Dona Lídia			Indicação Xibil
Olivia Coelho			Indicação Xibil
Helenice			Trabalha na Casa Gonzaga (indicação Entrevistada 02)
Valquiria			Indicação de Entrevistada 02
República Maracangalha			
Hebe Rola			Mariana (MG)
Associação de Caçadores de Fantasma de Mariana			Mariana (MG)

Fonte: Acervo do Banco de Dados da Pesquisa, 2025.

A partir dos primeiros nomes e contatos reunidos, para a realização das entrevistas, verificou-se a necessidade de uma autorização do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Após a concessão da autorização, através do parecer de nº 6.775.627⁸, as entrevistas foram marcadas através de diferentes formas de contato, por aplicativos de mensagens e redes sociais (WhatsApp e Instagram) e ligação de voz, principalmente, respeitando e deixando espaço para os entrevistados decidirem a melhor forma para a realização da entrevista. Alguns optaram por lugares públicos em que sentiram confortáveis e com significados especiais para elas, e outros optaram por serem entrevistados em suas próprias casas. Importante mencionar que, de acordo com a resolução do CEP, as identidades dos entrevistados serão sigilosas e estão sob os pseudônimos de Entrevistada 01, Entrevistada 02 e Entrevistada 03.

O objetivo de adotar essa medida, deixando os entrevistados decidirem o local da entrevista, se baseou na defesa do compromisso do entrevistador com aquele que será entrevistado, como foi mencionado através das ideias de Alberti (2013) e Thomson (2023). Para uma entrevista de História Oral, é fundamental que o pesquisador estabeleça uma relação

⁷ Essa é uma reprodução da tabela original; As informações de “Contato” e “Endereço” foram omitidas para fins de ética e preservação de dados sensíveis de pessoas físicas.

⁸ Conforme Parecer Consubstanciado do CEP no Anexo 5.

de confiança com os entrevistados. Desse modo, através do termo de consentimento livre e esclarecido para a gravação e utilização dos depoimentos, houve uma preocupação em explicar os objetivos da pesquisa, a forma como seria realizada e a necessidade da gravação, de modo a respeitar as suas narrativas.

Portanto, na realização das entrevistas, em que se optou por adotar a forma semiestruturada, foram utilizado celular para a gravação de áudio e um roteiro de perguntas (Apêndice 1) para direcionar a entrevista, mas que permitiu uma flexibilidade ao pesquisador para fazer outras perguntas e explorar as características de cada contador de história entrevistado, além de se adaptar ao fluxo da conversa. As entrevistas, nesse cenário, foram de grande relevância para o desenvolvimento deste trabalho. O roteiro para a entrevista foi dividido em duas partes, a primeira com perguntas relativas ao perfil dos entrevistados e a segunda procurando entender profundamente sobre a relação do entrevistado com as lendas da cidade. A delimitação do perfil dos entrevistados surgiu com uma procura de contadores de histórias conhecidos na cidade, a partir dos quais conseguimos outras pessoas que possuem uma ligação profunda com as lendas e causos de assombração. Por limitações, não foi possível entrevistar todas as pessoas reconhecidas pelo contato com as lendas. Contudo, três mulheres que estão ligadas ao folclore ouro-pretano e são contadoras de história conhecidas entre a população, Entrevistada 01 (Apêndice 2), Entrevistada 02 (Apêndice 3) e Entrevistada 03 (Apêndice 4), se disponibilizaram a participar das entrevistas e contar os causos de assombração e como eles fazem parte da sua história pessoal e do dia a dia da cidade.

Entretanto, não foi apenas a partir das entrevistas com os contadores de histórias que houve a coleta das lendas assombradas de Ouro Preto. Durante o desenvolvimento da pesquisa, houve também a participação na Caminhada Assombrada, como apresentada anteriormente, que é produzida e apresentada por Marcelino Xibil e promovida pelo governo municipal. Durante o trajeto percorrido, Xibil conta para os participantes da Caminhada os variados causos que se passam pelo cenário da cidade, sendo assim, uma valiosa fonte de história oral.

Foi possível participar em três ocasiões do projeto Caminhada Assombrada⁹, que ocorreram nos dias 18 de Julho de 2023, 20 de Abril de 2024 e 16 de Julho de 2024. E seus percursos foram, como mencionado anteriormente, o roteiro Jacubas e o Mocotó. Em duas ocasiões saíram da rodoviária de Ouro Preto, passando pela porta do Cemitério de Igreja de

⁹ Conforme registros fotográficos das Caminhadas Assombradas no Anexo 1.

São Francisco de Paula e pelo Cemitério da Irmandade de São José, percorrendo o Mirante Getúlio Vargas, a Rua São José, popularmente conhecida como Rua dos Bancos, o Largo do Cinema, a Igreja de Nossa Senhora do Carmo e finalizando na praça Tiradentes. Houve também outro percurso que se iniciou na porta do Cemitério da Igreja de Santa Efigênia, passando pela Rua Padre Faria, descendo a Rua de Santa Efigênia e finalizando no Cruzeiro Tenente José Pedro.

A oralidade também esteve presente em outras duas fontes: os livros “Tesouros, Fantasmas e Lendas de Ouro Preto”, de Angela Leite Xavier, e “Lendas, Tradições e Costumes de Ouro Preto”, de Alcebíades Taciano Jerônimo. Como mencionado anteriormente, Xavier (2021) utiliza as narrativas dos habitantes locais para compor sua obra, recriando com minúcia os cenários em que as histórias são contadas. Já o livro de Jerônimo (1973), foi incorporado à pesquisa através da entrevista com a Entrevistada 02, que indicou a obra e destacou sua importância no registro das lendas e tradições da cidade por parte de um morador de outra época. Em sua obra, Taciano Jerônimo conta sobre personalidades importantes da cidade, destaca a vida cotidiana, os costumes da população e demonstra como a cidade está envolta de acontecimentos e crenças, sendo palco das mais diversas manifestações culturais.

Possuindo todas essas fontes que contam as lendas de Ouro Preto, foi possível passar para a próxima etapa da construção do banco de dados: a construção da relação de causos de assombração, quais os contadores de história os apresentam e quais as fontes por onde foi possível ter acesso a eles. Através dessa relação (Tabela 2) é possível ter uma dimensão, principalmente, sobre a quantidade de causos que pertencem à oralidade da população da cidade e marcam presença em seu cotidiano.

Tabela 2 - Tabela de relação dos Causos de Assombramento de Ouro Preto

Causo	Contador(es)	Fonte(s)
Relato do Sr.Francisco de Paula Mendes, Seu Tito	Angela Xavier; Entrevistada 03	Livro "Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto"; Entrevistas
Almas Penadas	Angela Xavier; Entrevistada 01; Entrevistada 02; Entrevistada 03; Xibil	Livro "Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto"; Entrevistas; Caminhada Assombrada
A História Da Moça Da Casa Das Lajes	Angela Xavier; Entrevistada 03; Xibil	Livro "Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto"; Entrevistas; Caminhada Assombrada
Cavaleiro Misterioso	Angela Xavier; Xibil	Livro "Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto"; Caminhada Assombrada
Procissão das almas	Angela Xavier; Entrevistada 01; Hebe Rôla	Livro "Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto"; Entrevistas; Livro "Procissão das Almas"
Fantasma Nos Templos	Angela Xavier, Xibil	Livro "Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto"; Caminhada Assombrada
A Missa Das Almas	Angela Xavier; Entrevistada 01; Entrevistada 03	Livro "Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto"; Entrevistas
Bailes No 15 De Novembro	Angela Xavier; Entrevistada 02; Xibil	Livro "Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto"; Entrevistas; Caminhada Assombrada
Monsenhor Horta	Angela Xavier	Livro "Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto"
Aparições	Angela Xavier	Livro "Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto"
Lugares Assombrados	Angela Xavier	Livro "Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto"
Visão Do Sofrimento	Angela Xavier	Livro "Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto"
O Fantasma Do Sino	Angela Xavier	Livro "Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto"
Mulas Sem Cabeça E Os Lobisomens	Angela Xavier; Xibil	Livro "Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto"; Caminhada Assombrada
Mulheres De Branco	Angela Xavier; Entrevistada 01; Xibil	Livro "Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto"; Entrevistas; Caminhada Assombrada
Misteriosas Mulheres De Preto	Angela Xavier; Xibil	Livro "Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto"; Caminhada Assombrada
Festa Fatal	Angela Xavier; Xibil	Livro "Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto"; Caminhada Assombrada
Amantes Separados	Angela Xavier; Entrevistada 01; Xibil	Livro "Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto"; Entrevistas; Caminhada Assombrada
O Ouro É Caprichoso	Angela Xavier	Livro "Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto"
O Tesouro Do Baiano	Angela Xavier	Livro "Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto"
Teco Mulambo	Angela Xavier; Entrevistada 03	Livro "Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto"; Entrevistas
Palácio Velho	Angela Xavier	Livro "Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto"
Mina Do Velloso	Angela Xavier	Livro "Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto"
Ajuda Dos Espíritos	Angela Xavier	Livro "Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto"

O Tesouro Do Tiradentes	Angela Xavier; Entrevistada 02; Entrevistada 03	Livro "Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto"; Entrevistas
Joaquim, o seresteiro	Entrevistada 01	Entrevistas
Zé Manquinho	Entrevistada 01	Entrevistas
Sacas de Açúcar	Entrevistada 01	Entrevistas
Moça da Ponte do Xavier	Entrevistada 01	Entrevistas
Vira-Saia	Entrevistada 02; Entrevistada 03; Xibil; Alcebiades Jerônimo	Livro "Lendas, Tradições e Costumes de Ouro Preto"; Entrevistas; Caminhada Assombrada
Igreja de Santa Efigênia	Alcebiades Jerônimo	Livro "Lendas, Tradições e Costumes de Ouro Preto"
Lenda do Gambá	Alcebiades Jerônimo	Livro "Lendas, Tradições e Costumes de Ouro Preto"
Emília e Bolão	Alcebiades Jerônimo	Livro "Lendas, Tradições e Costumes de Ouro Preto"
O Tropeiro e Sua Devoção	Alcebiades Jerônimo	Livro "Lendas, Tradições e Costumes de Ouro Preto"

Fonte: Acervo do Banco de Dados da Pesquisa, 2025

Para além da quantidade de causos de assombração, na construção dessa tabela, foi possível perceber as lendas que se fazem mais presentes no imaginário popular, aquelas que ganharam mais destaque na memória coletiva da população.

Entretanto, destacar os causos de assombração que permeiam a coletividade não mostrou-se suficiente. Procurando uma maior compreensão de como as lendas carregam a memória e a identidade da população de Ouro Preto, foi necessário destacar os elementos culturais que estão presentes nos causos catalogados. Dessa forma, o banco de dados da pesquisa expandiu para uma nova relação (Tabela 3), que dessa vez se preocupou em abordar os elementos culturais existentes nas histórias, qual a classificação cultural que delimita o elemento dentro da realidade da comunidade e, por fim, uma descrição da representação do elemento cultural.

Tabela 3 - Tabela de Elementos Culturais presentes nos Causos de Assombração de Ouro Preto

Elementos dos Causos	Classificação Cultural	Observação
Clube 15 de Novembro	Elemento material/concreto	Lugar/Espaço identitário que permite a fruição da memória coletiva
Cemitério da São Francisco de Paula	Elemento material/concreto	Lugar/Espaço identitário que permite a fruição da memória coletiva
Rua das Cabeças	Elemento material/concreto	Lugar/Espaço identitário que permite a fruição da memória coletiva
Igreja de Nossa Senhora Pilar	Elemento material/concreto	Lugar/Espaço identitário que permite a fruição da memória coletiva

Igreja do Antônio Dias	Elemento material/concreto	Lugar/Espaço identitário que permite a fruição da memória coletiva
Curva do Vento	Elemento material/concreto	Lugar/Espaço identitário que permite a fruição da memória coletiva
Igreja Santa Efigênia	Elemento material/concreto	Lugar/Espaço identitário que permite a fruição da memória coletiva
Igreja de São José	Elemento material/concreto	Lugar/Espaço identitário que permite a fruição da memória coletiva
Cemitério da Igreja São Francisco	Elemento material/concreto	Lugar/Espaço identitário que permite a fruição da memória coletiva
Minas de Ouro Preto	Elemento material/concreto	Lugar/Espaço identitário que permite a fruição da memória coletiva
Ponte do Xavier	Elemento material/concreto	Lugar/Espaço identitário que permite a fruição da memória coletiva
Rua Bernardo Guimarães	Elemento material/concreto	Lugar/Espaço identitário que permite a fruição da memória coletiva
Bairro Antônio Dias	Elemento material/concreto	Lugar/Espaço identitário que permite a fruição da memória coletiva
Rua Padre Faria	Elemento material/concreto	Lugar/Espaço identitário que permite a fruição da memória coletiva
Ladeira de Santa Efigênia	Elemento material/concreto	Lugar/Espaço identitário que permite a fruição da memória coletiva
Rua Xavier da Veiga	Elemento material/concreto	Lugar/Espaço identitário que permite a fruição da memória coletiva
Rua Conde de Bobadela/Rua Direita	Elemento material/concreto	Lugar/Espaço identitário que permite a fruição da memória coletiva
Lagoa do Gambá	Elemento material/concreto	Lugar/Espaço identitário que permite a fruição da memória coletiva
Morro do Cachorro	Elemento material/concreto	Lugar/Espaço identitário que permite a fruição da memória coletiva
Morro do Cruzeiro	Elemento material/concreto	Lugar/Espaço identitário que permite a fruição da memória coletiva
Café	Elemento material/concreto	Alimentos ligados a memória, usos/ritos, costumes, tradições e/ou crenças populares
Alecrim	Elemento material/concreto	Alimentos ligados a memória, usos/ritos, costumes, tradições e/ou crenças populares
Arruda	Elemento material/concreto	Alimentos ligados a memória, usos/ritos, costumes, tradições e/ou crenças populares
Manjerição	Elemento material/concreto	Alimentos ligados a memória, usos/ritos, costumes, tradições e/ou crenças populares
Incenso	Elemento material/concreto	Alimentos ligados a memória, usos/ritos, costumes, tradições e/ou crenças populares

Destilados	Elemento material/concreto	Alimentos ligados a memória, usos/ritos, costumes, tradições e/ou crenças populares
Caveira	Elemento material/concreto	Objetos ligados a memória, usos/ritos, costumes, tradições e/ou crenças populares
Canela de defunto	Elemento material/concreto	Objetos ligados a memória, usos/ritos, costumes, tradições e/ou crenças populares
Cabaça	Elemento material/concreto	Objetos ligados a memória, usos/ritos, costumes, tradições e/ou crenças populares
Cruz	Elemento material/concreto	Objetos ligados a memória, usos/ritos, costumes, tradições e/ou crenças populares
Vela	Elemento material/concreto	Objetos ligados a memória, usos/ritos, costumes, tradições e/ou crenças populares
Lampião	Elemento material/concreto	Objetos ligados a memória, usos/ritos, costumes, tradições e/ou crenças populares
Mortalha	Elemento material/concreto	Objetos ligados a memória, usos/ritos, costumes, tradições e/ou crenças populares
Rosas/Roseiras	Elemento material/concreto	Objetos ligados a memória, usos/ritos, costumes, tradições e/ou crenças populares
Refeições (Almoço/Lanche/Jantar)	Elemento material/concreto + Elemento social	A utilização do alimento enquanto modo de produzir sociabilização
Sinos/Soar dos Sinos	Elemento material/concreto + Elemento do cotidiano	Objetos e/ou práticas ligadas a memória e a afetividade despertando/simbolizando tradições e eventos populares
Manutenção da Ordem	Elemento social	Regulação social dos comportamentos e regras de convivência
Mazela da Doenças	Elemento social	A queixa sobre as dificuldades sociais
Status/Classe Social	Elemento social	Denúncia sobre as diferenças da estrutura social
Religiosidade Católica	Elemento social	Religião que delimita a dinâmica social (como regras, comportamentos, crenças, usos, costumes e tradições)
Festividades	Elemento social	Momento importante de sociabilidade entre a população
Sepultamento Devocional	Elemento social + Elemento do cotidiano	Objetos e/ou práticas ligadas a memória e a afetividade despertando/simbolizando tradições e eventos populares
Serões Domésticos	Elemento social + Elemento do cotidiano	Práticas ligadas à memória e a afetividade simbolizando as tradições populares do ato de contar e dividir
Velório	Elemento social + Elemento do cotidiano	Evento que permite a sociabilidade e possibilidade de oralização cultural
Finados	Elemento do cotidiano	Feriado religioso importante para cotidiano da população e sua demarcação de tempo
Quaresma	Elemento do cotidiano	Feriado religioso importante para cotidiano da população e sua demarcação de tempo

Semana Santa	Elemento do cotidiano	Feriado religioso importante para cotidiano da população e sua demarcação de tempo
Tesouros escondidos	Elemento do cotidiano	Procura ou Descoberta de artefatos misteriosos do passado que despertam imaginação

Fonte: Acervo do Banco de Dados da Pesquisa, 2025.

Para entender profundamente como as lendas e causos de assombração articulam com a identidade da população, tornou-se necessário compreender os elementos culturais presentes nessas histórias que através da oralidade reavivam a memória e a memória coletiva à medida que são capazes de se vincular à realidade do interlocutor. Esses elementos culturais foram classificados como material/concreto, para aqueles que possuem, em sua materialidade, significado e valor para a população, podendo funcionar como ponte para a presença vivida do imaginário; como social, para aqueles elementos que são de ordem da sociabilidade, definem os costumes e os comportamentos; e os elementos do cotidiano, para aqueles que se fazem presente no dia a dia da população, que de certa forma mesmo sendo tão incorporados à rotina, e por vezes passando despercebidos ou caindo na irrelevância em uma análise social, dentro das lendas são fortemente mencionados e incluídos.

3.3 Análise dos dados coletados sobre a pesquisa de Lendas e Causos de assombração de Ouro Preto

Ao pesquisar profundamente e dialogar com os atores selecionados, através de entrevistas semi-estruturadas e da participação em eventos populares, como rodas de contação de histórias, como a Caminhada Assombrada, além da leitura de obras literárias sobre a cidade, foi possível perceber a dimensão que as lendas e causos de assombração adquirem. Não são apenas histórias oralizadas inventadas, elas atuam como elemento de uma expressão cultural presente no cotidiano social. Configuram-se como uma reunião de crenças, costumes, manifestações e saberes populares.

Dessa forma, após reunir as mais variadas fontes de pesquisa, tornou-se possível entender que as lendas manifestam os elementos populares na medida em que recontam uma história e remontam à memória. “Toda lenda surge de fatos verdadeiros”¹⁰. As lendas estão ligadas à realidade cotidiana, material e social em que circulam, fazem parte da vida popular de forma oralizada, despertando a crença, explicando costumes, evidenciando problemáticas

¹⁰ Entrevista com Entrevistada 01, agosto de 2024. Acervo pessoal.

sociais e funcionando como instrumento de manutenção da ordem comunitária. Sendo assim, torna-se possível perceber que dentro da cidade de Ouro Preto (MG), as lendas e causos de assombração são das mais variadas, abordando as mudanças culturais e os segmentos sociais que ainda constituem a identidade local.

Então, assim, tem muitas histórias. Eu não saberia dizer qual delas é mais interessante, qual delas leva essa questão da cultura e vai mostrando, cada uma delas vai mostrando uma etapa da nossa cultura, né? É a seresta, tem a da amêndoa. Tem essa coisa dos estudantes de pular quintal pra roubar fruta. Tem uma história nesse sentido. Tem uma que o cara saiu lá do Antônio Dias, de um baile do Clube 15 de Novembro, famoso. E larga a esposa em casa, como sempre a maioria dos homens. [...] Então, assim, tem muito a ver essa história, essas histórias da cultura local, dessa sociedade machista. Tem uma outra também que é muito boa. Essa questão dessa... alimentação. Então, ela vai trazendo essas histórias, vai trazendo um pouco dessa cultura. Então, é difícil para determinar. [...] É difícil dizer qual delas era a coisa... Eu gosto muito dessa do Zé Manquinho, que ela entra a questão já juntando um terceiro grupo, que são os estudantes que vêm pra cá, que vão também influenciar, participar da cultura da cidade. Mas tem muitas outras. Se for listar, são muitas.¹¹

Como aborda a Entrevistada 01 em suas entrevistas, há uma multiplicidade de lendas presentes no município que percorrem as diferentes esferas sociais. Perante a realidade material, os causos de assombração se encontram presentes nas ruas, becos, bairros, cemitérios e igrejas da cidade. Esses locais se tornam palco para os diversos personagens dessas histórias e das memórias que são transportadas através delas. É comum escutar nas lendas alguns locais específicos da cidade, como a Curva do Vento, a Rua das Cabeças, a Igreja de Nossa Senhora Pilar, a Igreja do Antônio Dias, o Clube 15 de Novembro, o cemitério de São Francisco de Paula, entre outros lugares que são pontos de referências para a população da cidade e estão presentes na memória e no imaginário. Eles evocam essa memória de acontecimentos históricos, familiares e pessoais, das pessoas que por ali passaram, e das transformações que se sucederam até os dias atuais, e são comuns no cotidiano social.

As lendas também moldam a realidade à medida que se popularizam no imaginário da comunidade, como é o caso da Lagoa do Gambá. Jerônimo (1973) ao narrar sobre a lenda do Vira Saia, menciona outra lenda que marca e se faz presente de maneira, quase como, natural e habitual à população, ao contar o motivo da nomeação da Lagoa do Gambá, que, posteriormente, popularizou chamar a Rua Pandiá Calógeras como Morro do Gambá, e informa como a configuração da cidade e o entendimento sobre a mesma também pode estar envolto de lendas e causos de assombração. Jerônimo (1973, p. 69 e 70) conta que junto a uma lagoa da cidade vivia uma espécie de “monstro humano”, um feiticeiro praticante de rituais de magia negra chamado de José Dez, mas que fedia de tal forma que era conhecido e

¹¹ Entrevista com Entrevistada 01, agosto de 2024. Acervo pessoal.

respondia pelo apelido de Gambá. O autor ainda afirma que, segundo diziam, para aquele lugar eram levados os cadáveres de pessoas assassinadas e afundados na lagoa para a prática de feitiçaria. Quando assassinaram Gambá, foi colocado fogo em sua casa, que se espalhou, fazendo queimada em um morro próximo. Essa sequência de fatos, nomeou dois outros morros, o Morro do Cachorro e o Morro do Cruzeiro.

Aquele asqueroso mago era imundo e fedia de modo tão nauseabundo que lhe deram o apelido de Gambá. Era ali no fundo daquela lagoa que foi suspeitado estivessem os corpos do Vira-Sália e do Gibu. Por isto, condenado à morte pelos terríveis P.P. (Proporções Permitidas) dos salteadores, uma noite também o Gambá foi apunhalado e sua casa totalmente incendiada, dela saindo labaredas infernais a fazerem queimadas no morro próximo dali, onde, desde então, diz a lenda, à meia-noite, por vezes, se ouvia o uivar horripilante e tético de um cachorro ou dragão diabólico, saído com forte estouro e cheiro de enxofre da casa do Gambá ao ser incendiada. Disto originou o nome dado àquele morro que é chamado o Morro do Cachorro.

Contra o dragão demoníaco, anos mais tarde, foi necessário a ereção com bênçãos de um cruzeiro no morro em cadeia perto dali, que recebeu e tem o nome de Morro do Cruzeiro; visando a cidade, bem à frente do local onde veio a ser feita a Igreja de São Francisco de Paula, a última igreja a ser construída em Ouro Preto com início de suas obras já em 1804. (Jerônimo, 1973, p. 70)

Desse modo, torna-se possível entender os espaços da cidade não apenas como palco para o imaginário da população e de suas histórias, mas também como um molde de afirmação de como as lendas estão vivas de modo a interferir nos espaços, reafirmar crenças e guardar a memória. Esses lugares viabilizam o lembrar, em outras palavras, constituem como lugares de memória. Nora (1993), um importante historiador que se propôs a estudar a área, estabelece que, tais lugares,

São lugares, com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. [...] É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por um pequeno número de uma maioria que dela não participou. (Nora, 1993, pag. 22)

Ou seja, um lugar material que simboliza a memória e a identidade comunitária, possibilitando suas transmissões. O território, desse modo, é entendido para o uso e fruição da cultura da comunidade, transportando suas histórias, seu imaginário, suas trocas afetivas e simbólicas para a materialidade, e que acompanha, em suas dimensões, as experiências vividas nele.

Outro elemento muito presente nas lendas é a alimentação. Aparentemente, a cultura alimentar aparece pela falta ou privação dos alimentos ou sua proibição em determinadas épocas, por exemplo em datas religiosas. A utilização de ervas e remédios naturais também estão presentes, muitas vezes para tentar curar alguma doença e enfermidade, ou a comida

como uma espécie de acompanhamento de uma tradição do contar em determinados eventos sociais, como por exemplo as rodas de causos em velórios. Todos esses são exemplos de como a alimentação é um elemento que acompanha as lendas e o ato de contá-las. Em algumas histórias, é também destacado o exagero no consumo de determinados produtos alimentícios, podendo ser, em alguns causos, o pontapé inicial ou o ponto decisivo, a exemplo da história do sacristão que perdeu a chave da igreja por estar embriagado demais (Xavier, 2021, p. 196). Desse modo, a alimentação e a comida, de modo geral, tornam-se um elemento importante a destacar.

Além desses elementos materiais abordados nas lendas, há também aqueles que fazem parte do folclore e do dia a dia, como é o exemplo da canela de defunto, a cabaça, a cruz e o plantio de rosas. Alguns deles são abordados de forma frequente nas histórias, e outros, porém, possuem uma lenda própria em volta de si. A cruz, as velas e lampiões são objetos mencionados regularmente, a primeira como um símbolo sagrado, muito utilizado para proteção - e que também se encontra presente em diversos pontos da cidade -, a segunda e última muito utilizada para iluminação, e principalmente carregada em procissões. Já a canela de defunto e a cabaça possuem lendas próprias, uma sendo osso de algum falecido utilizado na Procissão das Almas e a outra sendo encantada para atender a vontade ébria de seu proprietário. E no caso do plantio de roseiras, de acordo com Jerônimo (1973, p. 30), há uma crença de que é preciso cultivar rosas e ter o jardim bem cuidado para que “Numa noite de cada ano, um Anjo de Deus visitá-los-á, deixando felicidades celestiais proporcionalmente para os lares domésticos onde haja flores para recebê-lo”.

Outro elemento material, que se encontra no cotidiano e está presentes nas lendas, são os sinos das igrejas de Ouro Preto. É comum escutar por parte dos moradores, visitantes e até pesquisadores sobre como a cidade ainda possui a preocupação sobre o soar dos sinos. E essa atividade possui diferentes aspectos a depender da ocasião tocada, podendo sinalizar velórios, preces e festividades. Jerônimo (1973) afirma que o soar dos sinos nas igrejas da cidade despertam a afetividade e os sentimentos da população; através das badaladas existe um sentimento de piedade, “há alegria de uns sinos, respeitabilidade de outros e, de modo geral, em todos eles diversas maneiras de piedosas manifestações ao culto religioso” (1973, p. 99). O autor ainda dá outro tom sobre as sentimentalidades despertadas na população para essa prática, quando escreve que

Talvez por isto que no som de alguns sinos de Ouro Preto, parece haver uma voz mística e com esforços querendo revelar suspiros ou quem sabe? conclamando

preces permanentes pelas criaturas humanas que outrora, sem justiça, foram vítimas inapeláveis e estão sepultadas no solo da cidade

Diziam os velhos ouro-pretanos que os sinos da Igreja Mercês de Cima, bem como os da Igreja de São Francisco de Paula, em seus sons, mormente quando são "dobrados", exprimem tristíssimas, místicas e indefiníveis lamúrias sobre grandes cousas irrelatadas à humanidade quanto ao passado de Ouro Preto. (Jerônimo, 1973, p. 38)

Diante da realidade social, as lendas reúnem universos culturais distintos que compõem a formação da cidade, elas também conseguem transmitir as mazelas e as diferenças sociais que acompanharam a população, além de ser um importante mecanismo de manutenção da ordem. É possível perceber essas questões sociais, quando são retratadas em alguns casos de assombração, por exemplo, a presença do escravizado, que faleceu realizando as atividades a que era submetido e assim permanecendo naquela atribuição - as lendas daqueles que zelam e assombram as minas de ouro dentro da cidade. Em entrevista com a Entrevistada 03, ela conta que “[...] dizem que quando a pessoa achava muito ouro, não ia usar o ouro, então mandava um escravizado enterrar aquele ouro lá na mina e tampar. Só que tinha que matar ele, porque ele sabia onde estava o ouro. Então ele fica lá até hoje, tomando conta do tesouro”. Mas há também outros casos, como a figura de indivíduos que faleceram por alguma enfermidade comum à época - o caso do fantasma de um menino, de uma família tuberculosa, que reside na República estudantil Maracangalha. Ou, ainda, as assombrações que existem devido a alguma estrutura social que não permitia a liberdade individual - como a história da moça da casa das lajes presente na obra de Xavier (2021, p. 195).

A questão da manutenção da ordem também é muito vívida como pano de fundo dos casos de assombração. Eles serviam como forma de reafirmar regras sociais e alertar/avisar sobre a punição e consequências aos que não as cumprissem. Entrevistada 01 afirma que muitas vezes não era preciso impedir, por exemplo, dos jovens saírem de casa à noite ou de madrugada, as lendas causavam medo e apreensão sobre os prováveis perigos noturnos que encontrariam fora de casa. Essa manutenção da ordem está muito associada a valores éticos, morais, de responsabilidade e de respeito, através da possibilidade de sofrer penalidades do sobrenatural.

E quem transgride essa ordem... Tem uma penalidade, essa penalidade às vezes é pesada. É o outro que tinha má intenção com a menina e a mulher, de repente se transforma. É o outro que rouba a fruta e a fruta some no meio do caminho. É o outro que vai tentar entrar em cemitério, cemitério é um lugar sagrado, e quem entra em cemitério com propósito dos escusos, ele está profanando um espaço sagrado. Essa questão de manutenção da ordem era muito rica, era muito interessante ver. E cumprimento de dever, a questão da missa das almas. “Eu tenho que cumprir, eu não posso deixar de cumprir, eu não tive tempo para cumprir isso no horário normal, mas

eu tenho que fazer aquela responsabilidade” que as pessoas do passado tinham muito forte. A ordem não é só de quem transgride, mas também de um cumprimento, de não transgredir essa ordem, de manutenção de que essa ordem seja cumprida.¹²

É importante destacar que, como é abordado pela entrevistada, a manutenção da ordem social está de certa forma associada à religiosidade. É muito comum notar a presença de elementos religiosos nas lendas; eles são componentes da identidade retratados de forma muito recorrente. Mas aqui torna-se importante ressaltar a religiosidade pela sua influência sobre a organização social. A ordem católica, muito presente na cidade, evoca muito uma educação pelo medo e uma disciplina punitivista, e dessa ideologia que as lendas conseguem alcançar um lugar de instrumento de manutenção de ordem.

Contudo, nesse processo de ensinamento sobre a ordem social, a oralização das lendas se apoia no lado lúdico das histórias, trazendo consigo exercício da imaginação e da memória coletiva. Fernandes e Maluf-Souza (2021, p. 2) trazem que as lendas são capazes de elaborar e reelaborar imagens, sentidos e projeções históricas e sociais que interpelam os indivíduos, constituindo-os pelo modo de narrar incontáveis vezes essas histórias, que são atravessadas pelo horror, pelo fantástico e pelo sobrenatural. Nesse sentido, as lendas promovem o movimento de união da tradição e da fé, através da imaginação daqueles que contam e escutam as histórias.

Assim, no ato de repassar, rememorar e também reviver uma memória que repousa sobre o coletivo da população, há um processo que consiste em, não apenas a ordem social e as consequências de transgredi-las se destacam, mas também as tradições e a cultura popular. Em algumas das histórias contadas por Entrevistada 01 e Entrevistada 02, em suas entrevistas, e presente na obra de Xavier (2021) há também o elemento das datas religiosas como pano de fundo do enredo. Datas como Finados, *Corpus Christi* e Quaresma são alguns exemplos desse encontro da tradição popular com a religiosidade.

Tendo em vista todos esses aspectos que as lendas possuem ao manifestar e refletir a sociedade, torna-se evidente que elas também fizeram, e de certa forma ainda fazem, presentes no cotidiano da população. E é nesse cotidiano que as lendas expressam e ao mesmo tempo ganham expressão através das crendices, dos ritos, do saber-fazer/construir, e das superstições. É possível perceber que a ligação com esses elementos se resume em uma troca simultânea, uma retroalimentação, de forças. Em síntese, ao passo que as lendas reforçam as

¹² Entrevista com Entrevistada 01, agosto de 2024. Acervo pessoal.

crenças, as superstições e os ritos, através de sua narrativa, personagens, locais e símbolos, essas expressões socioculturais também fortalecem e propagam as lendas.

Entre muitos exemplos, as superstições ganham destaque dentro do cotidiano da população. A Entrevistada 02 mostra como exemplo a aquisição do ouro de forma imprevista, como escavando as propriedades ou achando no meio das construções e casas da cidade. O ouro nesse cenário carrega consigo uma infeliz sorte, levando aos que o descobrem serem assombrados por aqueles que foram encarregados por protegê-lo em tempos passados. Desse modo, há um alerta para aqueles que continuam procurando ouro pela cidade.

E acontece que meu pai sempre falou. “Se o ouro for nosso, um dia cê descobre. Se não for, deixa quieto. Não mexe com coisa dos outros, não. Você não trabalhou pra conseguir.” [...] Ah! deixa eu acabar a respeito do ouro enterrado. Meu pai sempre falou pra gente, “Respeita! Ne? Se um dia for seu, vai acontecer alguma coisa que vocês vão.” Por quê? Várias pessoas aqui em Ouro Preto já foram no local, onde que estava o ouro enterrado, e apanhou que nem burro ladrão.¹³

É importante mencionar sobre o sepultamento devocional, muito contado nas histórias e lendas da cidade. Jerônimo (1973) destaca como uma tradição antiga, o enterro nos cemitérios das igrejas, daqueles que, em vida, tinham suas devoções voltadas a elas. Além de uma tradição, o sepultamento devocional baseia-se na crença individual e configura-se como um respeito à memória. Atrelado ao sepultamento, há o elemento do velório.

Esse é outro elemento que se fez presente muito no cotidiano da população, o velório. Entrevistada 01 afirma que a realização de velórios dentro das casas dos falecidos se perdeu com o tempo, por inúmeras questões da mudança de valores e de costumes das diferentes gerações. Mas é importante destacar o velório como um dos principais eventos que além de permitir a sociabilidade e a reunião da população, era onde as lendas eram contadas e revividas pela população. Ao lidar com a morte, pelo contexto ali presente, o velório não apenas fornecia um tom de tensão para as lendas naqueles que se faziam presentes, mas também servia como espaço de celebração da memória do falecido e das tradições existentes na cultura local.

¹³ Entrevista com Entrevistada 02, agosto de 2024. Acervo pessoal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De maneira geral, a oralidade das diferentes estórias, além de contar os processos históricos que a cidade sofreu, de uma forma lúdica, também rememora com afetividade uma ancestralidade, construída a partir das trocas de diferentes saberes culturais que foram reunidos e praticados de forma coletiva por aqueles que viveram no local. Os costumes, as crenças e as manifestações populares, mesmo sendo de origens diferentes, foram reunidos e misturados no folclore e na memória coletiva que integra o cotidiano de Ouro Preto.

Em outras palavras, foi possível identificar, no decorrer da presente pesquisa, os diferentes elementos que integram a cultura da população de Ouro Preto e que são revividos pelo ato de contar. Esses elementos materiais, sociais e do cotidiano presentes nas lendas e causos de assombração, de certa forma, continuam a alimentar o imaginário da população, ao mesmo tempo que viabilizam a continuidade da memória coletiva sobre determinados costumes, momentos da história, rituais, crenças e normas sociais, e reafirmam a identidade local. Ao passo que detêm uma característica lúdica, onde os causos sempre permanecem interessantes, e que não apenas facilitam a disseminação, mas também contribuem na assimilação da cultura.

O entendimento sobre os conceitos trabalhados e o contexto histórico social, e também a percepção que os causos coletados estão impregnados de traços de memória, retomam as ideias de Pollak (1992) ao afirmar que a memória herdada está ligada ao sentimento de identidade, e na realidade de Ouro Preto, é possível perceber que sua origem está diretamente ligada ao Barroco, que se utilizava da iconografia e da oralidade para tecer as normas e relações sociais, entre pessoas e das pessoas com o espaço. Esse último, sendo uma cidade tombada como patrimônio mundial pela UNESCO, e que se faz frequentemente presente nas lendas, de maneira pontual e concisa, serve como elo de ligação entre a memória e a história, enquanto, na atualidade através das iniciativas populares apresentadas, permite também a fruição do imaginário e, por vezes, funcionando como representação material da identidade.

Dessa forma, o contexto de um imaginário ligado à religiosidade católica e ao Barroco, mas que também incorpora as diferentes culturas que foram encontradas pelo caminho, como aponta Souza (1986) e Lemos (2008), evidencia o teor social que essas lendas carregam, não atuando apenas como controle de conduta e ordem da população, mas também como forma de denunciar as mazelas e a estrutura na qual a sociedade foi formada. Uma

sociedade imbuída de inúmeras crenças e superstições, e uma forte religiosidade, que se faz presente no modo de pensar e agir de cada pessoa.

Dentro desse contexto, torna-se essencial destacar o papel da oralidade, sua importância e representatividade para a preservação e propagação dos elementos identitários de Ouro Preto, que estão presentes nas lendas contadas e recontadas até os dias atuais. A história oral, na medida que evoca a memória coletiva no ato de contar, permite a participação dos indivíduos, possibilitando o protagonismo das suas subjetividades, ou seja, suas perspectivas, vivências, lembranças e afetividades. Desse modo, corroborando com essa compreensão e a partir das entrevistas com os contadores de história da cidade, é inegável que a oralidade é um elemento fundamental para as lendas e causos de assombração adquirirem um espaço na memória da população.

Com isso, a compreensão sobre as lendas de Ouro Preto enquanto patrimônio se torna cada vez mais evidente, uma vez que configuram como práticas e saberes culturais que promovem valores identitários e respeitam as tradições, articulando as experiências e vivências correlacionadas no passado e no presente, ao passo que colaboram para o estabelecimento de uma identidade regional e local, conceito trabalhado por Pelegrini (2020) para definir patrimônio cultural.

E entender aqui as lendas como patrimônio cultural, não propõe delimitar a preservação de uma única narrativa sobre elas. Importante salientar que o presente trabalho demonstrou que os causos e as lendas se constituem através da tradição oral, onde a mesma transmite e possibilita as múltiplas narrativas, entendimentos e atribuição de valores dos seus narradores e ouvintes, mas também consegue cristalizar na população os elementos culturais marcantes da realidade e construção histórica de Ouro Preto.

Portanto, o presente trabalho também buscou contribuir empenhando-se em colaborar com o avanço de estudos no campo do Patrimônio Cultural Imaterial, em especial, sobre o Imaginário e a Memória Coletiva através da História Oral, trazendo uma maior compreensão e reconhecimento sobre as mentalidades e representações em sociedades que vivenciaram a experiência da colonização e do imaginário barroco, contribuindo nos estudos para a preservação da memória e da cultura local de Ouro Preto e atuando como um registro das lendas e dos elementos culturais.

E para fins de sugestão de pesquisas, que complementariam a discussão e trariam um maior entendimento sobre as lendas enquanto patrimônio, sugere-se uma análise individual e aprofundada sobre as lendas aqui catalogadas e apresentadas, para assim entender os aspectos culturais e históricos particulares de cada uma. Outra proposta, seria explorar a diferença do entendimento popular entre lendas, histórias e causos, uma vez que essa diferença foi mencionada durante uma das entrevistas realizadas ao longo da pesquisa, mas não foi aprofundada. É possível ainda aprofundar na discussão sobre o debate e categorização das lendas enquanto pertencente ao folclore na qualidade de área de pesquisa. E por último, refletir e se debruçar sobre o papel do turismo como possibilidade de salvaguardar a memória presente nas lendas e causos de assombração, o turismo não apenas como seguimento/atividade, mas também enquanto categoria de pensamento, se utilizando dos seus diversos dispositivos para atuar na preservação da identidade local e promovendo uma educação patrimonial.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.
- BARBOSA, Felipe dos Santos; CARVALHO, Thales Ryan de. **O barroco em Minas Gerais: da revelação de Deus à estrutura social**. ESPAÇOS-Revista de Teologia e Cultura, v. 28, n. 1, p. 91-102, 2020.
- BAYARD, Jean-Pierre, 1957. História das lendas, eBooksBrasil. Disponível em: <<https://www.ebooksbrasil.org/eLibris/lendas.html>>. Acesso em: 15 de janeiro de 2024
- BERNARDES, Marcelo Elias. Memória coletiva e contos de assombração: uma abordagem sobre a identidade e a tradição da cultura popular em Caldas, Minas Gerais. **ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA**, v. 23, p. 9-11, 2016.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018
- CAMPOS, Adalgisa Arantes. Escatologia, iconografia e práticas funerárias no barroco das Geraes. In: RESENDE, M. E. L. de; VILLALTA, L. C. As Minas Setecentistas. Belo Horizonte: **Autêntica: Companhia do Tempo**, 2007. v. 2. p. 383-425
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. Tradução: Maria Leticia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2011.
- CASTELLS, M. “A construção da identidade”. In O poder da identidade. São Paulo: Paz e terra, 1999.
- CHAER, Mirella Ribeiro; GUIMARÃES, Edite da Glória Amorim. **A importância da oralidade: educação infantil e séries iniciais do Ensino Fundamental**. Pergaminho, n. 3, p. 71-88, 2012.
- CHUVA, Márcia. **Fundando a nação: a representação de um Brasil barroco, moderno e civilizado**. Topoi (Rio de Janeiro), v. 4, n. 7, p. 313-333, 2003.
- CHUVA, Marcia. **Possíveis narrativas sobre duas décadas de patrimônio: de 1982 a 2002**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, v. 35, p. 79-103, 2017.
- COSTA, Simona. **Economia, Sociedade e Urbanização em Minas Gerais (Séculos XVIII-XIX): Vila Rica, Futura Ouro Preto, e a Sua Rua Principal**. 2017. Dissertação de

Mestrado. Universidade NOVA de Lisboa (Portugal). Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/32485/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_Simona%20Costa.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2025

DA COSTA FREITAS, Sara; TEIXEIRA, Josina; MACHADO, Miriam. **Desafios no ensino da oralidade**. Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica, v. 2, n. 1, p. 197-215, 2017.

DE CARVALHO FERREIRA, Carlos Eugenio. **Construindo a demografia dos povos indígenas**. Revista Brasileira de Estudos de População, v. 22, n. 1, p. 201-204, 2005.

DE MACEDO, Helder Alexandre Medeiros. **Circularidade cultural e religiosidade popular no Brasil Colonial: uma análise historiográfica de O Diabo e a Terra de Santa Cruz**. Revista Urutáguia. Maringá, n. 7, p. 1-7, 2005.

DEL PUERTO, Charlene Brum; MARTH, Raryana Duarte; HALLAL, Dalila. A Apropriação da História Oral pelo Turismo. In: XX CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA III MOSTRA CIENTÍFICA, 20, 2011, Pelotas. *Anais eletrônicos* [...] Pelotas: CIC, 2011. s/p. Disponível em: <https://www2.ufpel.edu.br/cic/2011/anais/pdf/SA/SA_01481.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2023.

DE OLIVEIRA, Késia Rodrigues. Diabo e feitiçaria no Brasil Colônia. **Arquivo Maaravi: Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG**, v. 4, n. 7, p. 130-132, 2010.

Dia do Professor teve programação especial no Paço da Misericórdia e na Casa da Ópera. 2024, Disponível em: <<https://www.ouopreto.mg.gov.br/noticia/4377>>. Acesso em: 20 fev. 2025.

DICIO, Dicio, Dicionário Online de Português, 2024. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/lenda/>>. Acesso em: 15 de jan. 2024.

Encontros na casa da Ópera - Ouro Preto. 2024, Disponível em: <https://www.instagram.com/oqueouopretotem/p/DAS7gVcOSUX/?img_index=1>. Acesso em: 20 fev. 2025.

Encontros na Casa da Ópera realiza programação com homenagem ao Dia do Professor. 2024, Disponível em:

<<https://www.diariodeouropreto.com.br/encontros-na-casa-da-opera-realiza-programacao-com-homenagem-ao-dia-do-professor/>>. Acesso em: 15 nov. 2024.

FERNANDES, Fernanda Surubi; MALUF-SOUZA, Olimpia. **Discurso e memória na lenda “o arranca-línguas”**. Revista Sapiência: sociedade, saberes e práticas educacionais (2238-3565), v. 10, n. 6, p. 1-14, 2021.

FIGUEIREDO, Eurídice; NORONHA, Jovita Maria Gerheim. Identidade nacional e identidade cultural. Conceitos de literatura e cultura. Niterói: EdUFF, p. 189-205, 2005.

FONSECA, Cláudia Damasceno. DO SERTÃO DOS CATAGUASES ÀS MINAS GERAIS: As modalidades e o léxico da ocupação. In: **Arraiais e vilas d'el rei: espaço e poder nas Minas setecentistas**. Editora Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Humanitas series, p. 51-81, 2011.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Para além da pedra e cal: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In.: **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: DP&A, v. 28, p. 59-79, 2003.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes antropológicos**, v. 11, p. 15-36, 2005.

HALL, Stuart. Identidade cultural e diáspora. Comunicação & Cultura, n. 1, p. 21-35, 2006.

HARRES, Marluza Marques. **Trabalhando com memórias. Memória e história da reforma agrária do banhado do Colégio: Camaquã**, RS, Brasil–1962-1972. Estudos Ibero-Americanos, v. 32, n. 1, 2006.

IBRAHIM, Elza. Um passeio pela História Oral em companhia de Portelli, Foucault e Coutinho. **Mnemosine, Rio de Janeiro**, v. 10, n. 1, p. 114-127, 2014.

JERÔNIMO, Alcebiades Taciano. **Lendas, tradições e costumes de Ouro Preto**. Imprensa Oficial, 1973.

MARTINELLI, Maria Lúcia et al. **História oral: exercício democrático da palavra**. A História Oral na Pesquisa em Serviço Social, p. 27-39, 2019.

MICHAELIS. Michaelis on-line, 2024. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/legenda/>.

Acesso em: 15 de jan. 2024.

MIRANDA, Denis de. **A construção da identidade do oficial do Exército Brasileiro**. 2012. Tese (Mestrado) - PPG em Ciências sociais, PUC-RIO, Rio de Janeiro. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/21902/21902_1.PDF

MIRANDA, Lucas Mascarenhas de. Memória individual e coletiva. **Jornal da Unicamp**. São Paulo, 27 mai. 2019. Disponível em: <https://unicamp.br/unicamp/ju/noticias/2019/05/27/memoria-individual-e-coletiva/>. Acesso em: 15 nov. 2024.

NEVES, Sérgley de Matos. **Ouro Preto, além do centro histórico : indígenas, mineração e movimentos sociais. Território em disputa**. 2022.124 f. Monografia (Graduação em Arquitetura e Urbanismo) - Escola de Minas, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2022.

NORA, Pierre et al. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993.

PAULI, Alice Atsuko Matsuda; SILVA, Andréa Cristina Fontes; BRANCO, Patrícia Martins Castelo. **Histórias de Assombração: Quem tem Medo de Quê**. Revista Eletrônica de Educação. Ano I, n. 01, 2007.

PELEGRI, Sandra. Patrimônio Imaterial. In: CARVALHO; MENEGUELLO. Dicionário Temático de Patrimônio - Debates Contemporâneos. **Editora Unicamp**. 2020. p. 71-72.

PEREIRA BEDIM, B.; PAULA, H. E. DE. **“Relatos visitados”: história oral e pesquisa em turismo e hospitalidade**. Considerações teórico-metodológicas. Caderno Virtual de Turismo, v. 7, n. 1, p. 63–77, 2007. ISSN: 1677-6976.

PEREIRA, Edilson. **Patrimônios, tempos e “tradições” de Ouro Preto**. Rio de Janeiro: Centro Lucio Costa/Iphan, 2017.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. v. 2, n. 10, 1992.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

PORTELLI, A. **Entrevista com Alessandro Portelli**. Revista Historiar, [S. l.], v. 3, n. 4, 2013. Disponível em: <historiar.uvanet.br/index.php/1/article/view/53>. Acesso em: 15 nov. 2024.

PORTELLI, A.; JANINE RIBEIRO, T. M. T.; RIBEIRO FENELÓN, R. T. D. O QUE FAZ A HISTÓRIA ORAL DIFERENTE. **Projeto Históriaf: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 14, 2012. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233>>. Acesso em: 15 nov. 2024.

Prêmio Baobá terá cerimônia de entrega em Ouro Preto no dia 27 de julho. 2024,

Disponível em:

<<https://abcdoabc.com.br/premio-baoba-tera-cerimonia-de-entrega-em-ouro-preto-no-dia-27-de-julho/>>. Acesso em: 20 fev. 2025.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Instituição, relatos e lendas: narratividade e individuação dos sujeitos**. Pouso Alegre: Universidade do Vale do Sapucaí, 2016.

Ouro Preto-MG: Programação completa do Festival de Inverno 2024. 2024. Disponível em:

<<https://jornalvozativa.com/cultura/agenda-cultural/ouro-preto-mg-programacao-completa-festival-inverno-2024/>>. Acesso em: 20 fev. 2025.

RODRIGUES, A. Quem eram as negras e os negros minas da capitania de Minas Gerais no século XVIII? In: STOLZE, I.; FARIAS, J.; RODRIGUES, A. (orgs.). **A Diáspora Mina: africanos entre o Brasil e o Golfo do Benim**. Rio de Janeiro: Nau, 2020. p. 323-356.

Disponível

em:

<https://www.researchgate.net/publication/373990855_Quem_eram_as_negras_e_os_negros_minas_da_capitania_de_minas_gerais_no_seculo_XViii>. Acesso em: 25 fev. 2025.

ROHDEN, Luiz; JÚNIOR, João Zaqueo Origuella. **A importância da oralidade em Platão**. 2013.

SANT'ANNA, Marcia. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (org.). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2009.

SANTOS, Mariangela Santana Guimarães. *MEMÓRIA E HISTÓRIA: contributos da história oral para a preservação da cultural*. XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis, 2015.

SARAIVA, Enrique. *As miragens do barroco: a cidade de Mariana, cenário do barroco mineiro*. 2005. Disponível em: <scielo.br/j/cebape/a/8jBbynPR9NzkLJDx3ZLSXJs/?lang=pt>. Acesso em: 15 nov. 2024.

SILVA, Isânia das Graças. *Identidades Étnicas dos Escravos em Vila Rica dos Setecentos*. 2006. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, 2006. Disponível em: <<https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/pghis/monografias/identidade.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2025.

SOUZA, Alex Augusto de. *Cultura e religião: tramas e narrativas do barroco mineiro*. 2019. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2019. Disponível em: <<https://pgc.uem.br/arquivos-dissertacoes/alex-augusto-e-souza.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2025.

SOUZA, Laura de Mello e. *O Diabo e a terra de Santa Cruz*. São Paulo: **Companhia das Letras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

SOUZA, Laura de Mello e. O Falso Fausto. *In.: Desclassificados do ouro: a pobreza mineira no século XVIII*. Rio de Janeiro: **Graal**, 2004, p. 33-69.

THOMSON, Alistair. **HISTÓRIA ORAL**. História: Questões & Debates, Curitiba, v. 71, n. 2, p. 176-210, 2023.

THOMPSON, P. **História oral e contemporaneidade**. História Oral, [S. l.], v. 5, 2002. DOI: 10.51880/ho.v5i0.47.

UNESCO. Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. MISC/2003/CLT/CH/14. 2003. Disponível em:

<https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000132540_por.locale=en>. Acesso em: 03 janeiro 2024.

UNESCO. Recomendação sobre Salvaguarda da Cultura Popular e Tradicional. 1989. Trad. IPHAN. Recomendação de Paris. s/d. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Recomendacao%20Paris%201989.pdf>>. Acesso em: 03 janeiro 2024.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In KI-ZERBO, J (org). **História Geral da África: Metodologia e pré-história da África**. 2ª ed. São Paulo: UNESCO, 2010, p. 139-166.

VENÂNCIO, Renato Pinto. **Os últimos Carijós: escravidão indígena em Minas Gerais: 1711-1725**. Revista Brasileira de História, v. 17, p. 165-181, 1997. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbh/a/8T6XwTmB3hRbCmMKhFr5jLG/?lang=pt&format=html>>. Acesso em: 20 fev. 2025.

VIANNA, Leticia CR. "Patrimônio imaterial." IPHAN/DAF/Copedoc, 2017.

WOLFF, Clarice Lehen; NAZARI, Gracielle Tamiosso. **A importância da oralidade no processo de alfabetização**. Letrônica, v. 2, n. 1, p. 150-167, 2009.

XAVIER, Ângela Leite. Assombrações, almas penas e diabos. *In.*: Tesouros, Fantasma e Lendas de Ouro Preto. **Edição da Autora**, 3 ed., 2021.

APÊNDICES

Apêndice 1 - Roteiro para entrevistas semi estruturadas com contadores de histórias de Ouro Preto

1) Primeira parte:

- a) Gênero
- b) Cidade de residência
- c) Idade
- d) Escolaridade
- e) Profissão

2) Segunda parte:

- a) Você conhece algum caso, lenda, história de assombração da cidade de Ouro Preto?
- b) Qual a importância destas histórias na sua vida?
- c) Você sabe o que é patrimônio cultural?
- d) Você considera que há algum risco de perda ou esquecimento destas histórias? E se sim, quais seriam os prejuízos decorrentes?
- e) Poderia nos contar algumas destas histórias?

Apêndice 2 - Transcrição da Entrevista com Entrevistada 01

Entrevista com Entrevistada 01 no dia 30 de Junho de 2024 - às 10h30

Entrevistador: Ivan Aguiar

Equipe: Bruna D'Angelo

00:00:01 Ivan

Entrevistada 01. Ela tem que pôr um roteirozinho. Mas assim, a gente... Não vou seguir o roteiro, mas a gente só vai conversar mesmo. E aí, na primeira parte, ela pergunta sobre o gênero, qual que é a sua cidade, sua idade, sua escolaridade e profissão.

00:00:18 Entrevistada 01

Bom, eu... Gênero, acho que não precisa nem responder, né? Minha idade, eu tenho atualmente... Tenho 68 anos, moro aqui em Ouro Preto, sou natural de Ouro Preto, mas nasci na área rural, vim para Ouro Preto e já há uma eternidade. Tenho curso superior completo com especialização em folclore e cultura popular. Já profissão. Atualmente eu sou historiadora, mas eu trabalhei, a última profissão minha foi professora. Dei aula para essa meninada toda aí. Outro dia meu genro, falou “é difícil saber quem não foi seu aluno”, porque falo um converso com o aluno meu, com o outro com o outro.

00:01:18 Ivan

E você dava aula pra...?

00:01:19 Entrevistada 01

Eu trabalhei da educação infantil até o ensino médio. Trabalhei assim, não numa linha fixa. Meu trabalho fixo, eu comecei com educação infantil, depois passei pro ensino fundamental 2, quando o Estado acabou com a educação infantil, passou a ser responsabilidade da Prefeitura. Então, eu tive que passar para o ensino fundamental 1, que vai de 1º ao 5º ano. Mas trabalhei com alunos do 5º ao 9º ano, trabalhei também no ensino médio, com aulas específicas, aí já era aula específica, Dei aula de licenciatura, dei aula de geografia, dei aula de história, dei aula de artes. Então, aula de artes foi exclusivo no ensino médio. Com os outros, em períodos alternados, eu trabalhei com essas outras disciplinas.

00:02:17 Ivan

Você falou que você é formada em história, né?

00:02:19 Entrevistada 01

Eu formei História aqui na UFOP.

00:02:21 Ivan

E aí a sua pós-graduação também foi na História?

00:02:25 Entrevistada 01

Não, a minha pós-graduação foi na... Eu fiz uma pós-graduação em Cultura e Arte Barroca também, pela UFOP, aí já foi UFOP. E esse Folclore e Cultura Popular foi pelo Unicentro Nilton Paiva, em convênio com a Comissão Mineira de Folclore. A gente tem uma comissão com 70 e tantos anos de fundação que continua viva ainda.

00:02:53 Ivan

É legal ter essa comissão de folclore porque muitas das coisas a gente não tem acesso.

00:03:01 Entrevistada 01

E esse curso foi bom porque foi um curso planejado, organizado pela comissão de folclore, ministrado em conjunto com a Newton Paiva porque precisava de uma universidade para dar o suporte. Mas até os professores foram todos membros da Comissão de Folclore que trabalharam com a gente. A Newton Paiva cedeu o espaço e o suporte institucional para a validade do curso.

00:03:35 Ivan

Entendi. Aqui na segunda parte a gente começa a falar sobre a pesquisa mesmo, né? Se você conhece alguma lenda, algum caso assombração da Cidade de Ouro Preto, é claro que você conhece várias. E aí, você tem mais ou menos uma ideia de quantas?

00:03:52 Entrevistada 01

Tem um punhado. Eu tenho muitas. Tem algumas que a gente... Aprendeu algumas de domínio público, que não tem uma autoria. Outras de autores, até de gente de Ouro Preto mesmo. São muitos, já tem... Eu tô com duas, três que eu mesma criei. Então, são histórias de Ouro Preto. O passado... O passado e a paisagem ne, inspira essa questão da assombração. Eu fui criada numa fase em que contar casos de assombração era comum nas noites. Sentava todo mundo ali na beira de um fogo, dentro de casa mesmo. Velório era feito a base de contos de assombração, de contos de mentira. Agora que os velórios estão acabando essa prática nos velórios. Ninguém mais faz velório em casa também. Mas isso era uma prática comum na minha infância e juventude. Contar casos às noites, contar casos nos velórios, nas festas populares, reunia um grupinho ali, quando você chegava lá tinha alguém contando uma história.

00:05:22 Ivan

E geralmente essas pessoas que contavam eram os mais velhos?

00:05:27 Entrevistada 01

Varia. Às vezes eram pessoas mais velhas, mas era variável, porque, como diz um ditado, que quem conta um conto, aumenta um ponto. E aí você me escuta contar, e aí você se lembra de um caso que você conhece, e o outro lembra outro. Então, nem sempre ficava preso numa pessoa só. Às vezes, acabava virando uma roda de causos, sem combinar, dado o momento ali, surgia a ideia e vamos contando. Velório acontecia isso o tempo inteiro. As pessoas começavam, contavam um, contavam outro, contavam outra coisa, me assustava, virava... O povo estava dando gargalhada, o defunto na sala, os velórios eram feitos em casa, o defunto lá na sala, o povo, um grupinho lá velando o defunto, e o resto na cozinha, sentado na beira do fogão

contando histórias, dando altas gargalhadas. Eu mesma vivi... Eu perdi um cunhado em 99. E ele... E aí, no meio da madrugada, sentou uma turma de homens lá na cozinha, sentou na beira do fogão, tinha um fogão a lenha lá. Todo mundo aí, mas as gargalhadas que eles dão... De contos, de assuntos, de causas que foram contando ali. Tinha lá em São Bartolomeu. Eu fiz um trabalho lá. Eles fizeram um livro há algum tempo atrás chamado Doces Memórias. Doces Memórias de São Bartolomeu. E eu fiquei encarregada de trabalhar essa... Eu fiz parte da equipe, era uma equipe. E eu fiquei encarregada dessa parte, de coletar informações orais. E aí tinha um senhor lá que dizia que toda vez que morria alguém, o povo já chamava ele pra ir pra lá contar história. Ele falou assim, agora ninguém vai ficar fazendo velório ali na capela. Ninguém vai lá contar a história. Porque o bom era dentro de casa, todo mundo ali ao redor do fogo.

00:07:37 Ivan

E qual a importância dessas histórias para a sua vida?

00:07:40 Entrevistada 01

Ah, elas fizeram parte da minha vida. As histórias sempre fizeram parte da minha vida, desde a minha infância. O meu pai gostava muito de contar história, a minha mãe gostava muito de contar história. É igual eu tô falando assim, a gente juntava, porque não tinha televisão, as pessoas não tinham televisão. Pouquíssimas tinham rádio, tanto que eu sou da era que quem tinha rádio de vez em quando recebia os amigos à noite para ouvir sertanejo à noite. Ia para a casa de quem tinha rádio para ouvir sertanejo à noite. Aí as pessoas juntavam muito. Quando tinha alguém doente, ia visitar o doente, juntava aquele grupinho e ficava ali contando. Eu faço parte dessa era em que as pessoas reuniam para fazer uma visita, para passar o tempo, para dar hora de dormir, para não dormir muito cedo também. E ficava ali contando histórias, ali ao redor da fogueira. A maioria das pessoas tinha a prática de colocar uma fornalha em plena cozinha, uma fornalha no chão para acender à noite. Sabe? Então, eu lembro que essa fornalha, na maioria das vezes, era usada para cozinhar comida para os porcos. Enquanto a comida dos porcos estava cozinhando, o povo ali se deliciando, se aquecendo. E é importante que isso passe também para as novas gerações. É interessante que eu fiz muito isso nos últimos anos que eu trabalhei na escola. Eu não tinha turma. O governo fez umas mudanças nas escolas, a municipalizou uma série de escolas. As escolas estaduais que permaneceram foram Nucleadas, algumas ficaram só com o ensino médio. Então, o que aconteceu... Quem era lotado em escolas que foram desmontadas teve que ir para outra escola que tivesse. Tinha que assumir em outra escola. As outras escolas já estavam com a organização toda pronta, tinham seus professores ali. Então, quem chegava tinha que aguardar a hora que tivesse turma para eles, não tinha. Aí uma amiga falou assim, olha, você gosta muito de história, vamos montar um projeto de educação patrimonial. E dentro da educação patrimonial eu inseri as histórias. E é interessante que muitos alunos, hoje adultos, não esqueço da história, até a hora eu chego em algum lugar e começo a falar, alguém levantou e falou assim, é, eu lembro dessa voz. Então tinha, eu acho que é importante esse, essa cultura de, de, é uma cultura, eu diria, cômica, né, as histórias em sua maioria traz essa comicidade, né. E sem ter aquela preocupação de estar ali para fazer rir. E também impor certa ordem. As histórias serviam também para manter a ordem. Você não pode... Período de quaresma. Uma série de coisas são proibidas. Então, quem transgredir a ordem... vai ser punido de alguma forma. Muitas dessas histórias têm esse sentido de punir algum

transgressor, alguém que não cumpriu uma ordem estabelecida. As histórias da quaresma são assim, muito disso. Todas elas, em sua maioria, têm essa coisa de manutenção da ordem, de impor a ordem de forma mais lúdica, mais suave, que aí o cara vai passar. Puxa vida, hoje é sexta-feira da quaresma. Se eu fizer isso, daí ele lembra da história.

00:11:58 Ivan

E tem alguma que você identifica mais?

00:12:01 Entrevistada 01

Bom, tem... Ah, eu me identifico com várias. Tem uma que é incrível que eu não sei o autor, ela não é minha, não. Tem, mas depois eu vou contar uma minha. Tem a... Essa é da Semana Santa, de Sexta-feira da Paixão. Existia muito, em Ouro Preto, a questão da seresta. Fim de semana, sexta, sábado, saía. Juntava um grupo, ia fazer seresta pela rua. Quando alguém estava querendo conquistar uma menina, ia lá fazer uma serenata lá perto da porta da casa, embaixo da janela. E existia um seresteiro que morava ali na Rua das Cabeças. É até bom que daqui a gente vê a Rua das Cabeças lá. Aquela rua que sobe lá é a chamada Rua das Cabeças. E era um costume. Semana Santa, ninguém. Sexta-feira Santa. As pessoas nem mesmo acendiam o fogo. A gente acendia um pedaço de pau mais grosso pra ele manter a chama, não apagar durante a noite, pra não ter que acender fogo de manhã. De manhã eles tiravam a cinza ali de cima, davam um soprinho, com uma palinha ali em cima, a chama ia acender. Era tudo muito pecado. Pecado acender fogo. Pecado pentear cabelo. É pecado dançar, é pecado cantar, é pecado comer carne. Então, assim, essa coisa, essa manutenção, né? O que é da proibição das coisas. E esse Joaquim era seresteiro, daqueles grandes, famosos, na cidade. Mas chegava a quaresma, pra você ter uma ideia, meia-noite o carnaval acabava. Nesses tempos lá de 1900 e antigamente não tinha carnaval depois da meia-noite. E porque a partir de meia-noite era quarta-feira de cinza, era período sagrado, então não se podia cantar, não se podia dançar. E o Joaquim fazia seresta, mas começava a tarde, guardava os instrumentos e só cantava de novo no sábado da Aleluia. Resultado. Ele foi para a procissão de sexta-feira inteira. A procissão inteira também era longa. Era assim, se a procissão saía do Antônio Dias, ela ia lá na porta da Igreja de Nossa Senhora Pilar e voltava pra Igreja do Antônio Dias. E vice-versa. Se saía do Pilar, ela ia na porta da outra matriz e voltava pra matriz de coisa. [Vamos chegar um pouquinho pra cá, porque o sol tá batendo no nosso rosto. Aí você vai ficar no sol, só um pouquinho.] Mas aí... O que que acontece? Aí o Joaquim guardava os instrumentos e não tocava. Um dia ele estava voltando dessa procissão lá para as duas e tantas da madrugada, aí foi descendo, o pessoal vai descendo e cada um vai tomando o seu rumo, à medida que vai voltando para casa, cada um vai tomando. Não tinha carro também, não tinha onde, não tinha táxi. Pessoa do tempo, que táxi? E se você quisesse um táxi depois das dez da noite, você tinha que combinar com o taxista. De contra, você não achava táxi na rua, não. E aí, o pessoal tava voltando e, de repente, emparelhou com ele um senhor bem vestido, de terno, chapéu, todos os homens usavam chapéu. Tudo bem vestido, emparelhou com ele, falou, ó, que que esse povo tá voltando, que sei o quê? Aí o Joaquim explicou tudo pra ele, contou que eles tavam indo à procissão. Aí ele falou assim, “ó, mas eu soube, eu perguntei ali atrás umas pessoas, falaram, eu tô procurando gente que canta na cidade, eu sou produtor musical, posso fazer, posso ajudar pra quem canta bem, gravar um disco, vai ganhar muito dinheiro.” Aí foi, procurou, aparelhou e foi conversando com o Joaquim, que ele

queria ajudar ele a gravar um disco. O Joaquim “tá bom, aí. O senhor quer uma boa ideia de quem sabe eu ganho um dinheiro extra. Mas eu nunca cantei por dinheiro. Meu canto é pra alegrar as pessoas que eu cantei com dinheiro, não.” Mas aí foi seguindo. Ele falou assim, “então eu posso ir aqui conversando com o senhor? O senhor tá indo pra casa?” “Tô”. “Qual que é o caminho do senhor?” “Ah, eu moro lá nas cabeças.” Então, meu caminho, aí ele foi. Aí quando chegou perto da Igreja do Rosário, o turista começou a se esquivar. Ele falou assim, “Joaquim, o senhor não quer me dar as informações aqui mesmo? Que já tá tarde, já é madrugada. E falou assim, ó, eu canto, só me basta o senhor cantar uns pedacinhos de música que eu já tenho ouvido apurado, já vou ver se vale a pena investir”. Aí o Joaquim falou assim, “bom, se o senhor esperar até amanhã, amanhã eu canto para o senhor, mas hoje eu não canto não, hoje é sexta-feira da paixão, é o dia que Nosso Senhor Jesus Cristo morreu na cruz, desde as três horas da tarde o Senhor Jesus Cristo morreu na cruz. Eu não canto hoje, é proibido e eu não vou cometer esse pecado. Minha mãe me ensinou isso desde que eu era bebê.” “Ouça, Joaquim, mas é rápido. É só cantar um pedacinho. Não. Então, nós vamos conversando. Quem sabe o senhor muda de ideia. Eu vou conversando com o senhor. Vamos conversar.” Mas o Joaquim percebeu que ele se esquivou quando ele viu a igreja. “E ele falou assim, mas o senhor tem que passar ali.” O Sr. Joaquim falou, “é meu caminho. Não tem outro caminho pra gente passar?” O Sr. Joaquim pensou assim, homem estranho, querendo que eu passe por um outro caminho estranho, perigoso, aí é que eu não vou mesmo. “E, não, se o senhor quiser seguir comigo, só fica à vontade. É o meu caminho esse, eu não vou mudar, não.” Ele falou, “tem outro caminho, mas o outro caminho é longe, e eu não vou passar lá.” A coisa seguiu, mas ele percebeu que o senhor que estava ao lado dele abaixou a cabeça o máximo que pôde, passou mais distante do que pôde, nem olhar para a igreja. Ele olhou e falou, essa história está mal contada. Foram seguindo. Aí foram seguindo, seguiram a Rua Bernardo Guimarães, quando chegou na... Tem uma ponte e as pontes de Ouro Preto, todas elas tem uma cruz. Aí quando chegou na entrada da ponte, o turista de novo, “tem outro caminho pra gente passar, não?”. Ele falou, “não tem não. Tem, tem caminho sim. Se o senhor quiser passar, eu mostro o senhor. Eu vou seguir esse aqui. Esse é o meu caminho. Eu vou seguir esse aqui. Se o senhor quiser passar, eu ensino o senhor outro caminho, só passa por lá.” “Não, mas eu quero passar junto com o senhor, porque...” “Então vamos fazer o seguinte aqui. A gente está entrando aqui nessa ponte. O senhor não pode me dar uma palinha do que o senhor sabe cantar? Uma linha de música do seu canto e meu ouvido já vai apurar.” Num é que falou? “Não. Vamos fazer o seguinte, então. Já que o senhor está tão insistente, eu vou até naquela cruz. O senhor está vendo aquela cruz ali no meio da ponte? Aquela cruz ali, ela significa o sofrimento de Jesus. Eu tenho muita fé com Jesus crucificado. Ele morreu às três horas da tarde hoje. Eu vou lá, vou conversar com ele lá, aos pés da cruz, e vou pedir-lhe um sinal. De acordo com o sinal que ele me der, eu canto ou não canto. Vai depender do sinal que ele vai me dar.” E aí o Joaquim seguiu até a cruz. E o senhor, que era um turista, gente desconhecida, ficou na entrada da ponte. Quando o Joaquim andou um pouquinho, estava quase chegando na cruz, o Joaquim resolveu olhar para trás e viu que o turista tinha um pé de bode. Não tinha pé de gente. Ele viu um pé de bode lá na... Aí, pronto, o Joaquim se arrepiou. Os cabelos arrepiaram todos. O Joaquim deu no pé, arrumou a varinha fora. Chegou em casa no maior sufoco. A esposa dele não tinha ido porque ela era uma criança pequena. Era difícil para levar. Ela entrou toda assustada. Ela falou, “o que que é? O que que aconteceu? Ainda bem que você chegou porque eu sonhei. Eu tive um sonho muito ruim com você. E graças a Deus que você está em casa”. Ele

falou assim, “pois eu também tive uma tentação muito grande na rua. Tinha um homem me tentando para eu cantar. Mas, graças a Deus, o Nosso Senhor Jesus Cristo me ajudou... que eu consegui ver que Ele não era gente, não. Ele tinha um pé de bode. Ele estava descalço e com um pé de bode. Graças a Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, eu consegui ver antes.” Aí a mulher falou assim, “pois é, e eu sonhei... que tinha um capeta te tentando. Tinha um demônio te tentando... para você passar para o lado dele. E que ele tentou, tentou, tentou, e aí na hora que você entrou na ponte, eu acordei, acordei e rezei para todos os santos da minha devoção. Vou te levar desse capeta, graças a Deus.” Aí o homem falou, “graças a Deus”. O turista, na hora que viu o Joaquim correndo, ele falou assim, “é, com isso não tem jeito, porque além dele ter uma fé muito grande e ainda tem uma cruz que o defende dos perigos”. E sumiu, e aí ele só sentiu, o Joaquim só sentiu aquele cheiro de enxofre no ar. Quando ele olhou de novo, já não viu mais turista nenhum. E assim... Entrou por uma porta e saiu pela outra. Quem não gostou dessa história, que conte outra.

00:22:17 Ivan

Eu gostei dessa história.

00:22:22 Entrevistada 01

Essa história é engraçada. Alguém escreveu. Um dia, quando eu estava fazendo esse curso de especialização, eu passei na Biblioteca Pública de Belo Horizonte para procurar livros referentes à folclore. Eu e um colega meu, e eu achei uma folha debaixo da prateleira, assim, solta, com essa história. Não tinha nome do autor, eu sentei, copiei a história, entreguei lá de novo no balcão, falei, essa folha estava ali debaixo, entreguei, não sei quem é o autor. Aí fica, acaba virando de domínio público, mas não tinha nome do autor.

00:23:01 Ivan

E você sabe que patrimônio cultural, o que você entende de patrimônio cultural?

00:23:05 Entrevistada 01

Bom, eu entendo que patrimônio cultural é tudo aquilo que pertence ao povo, que faz parte da vida do povo, que está inserida ali de alguma forma na vida do povo. Lógico que as igrejas, os monumentos, eu falei aí das coisas, mas isso só tem sentido, só se tornou patrimônio cultural porque tem um povo que usa esses espaços, que utiliza desses objetos Ou utilizou, às vezes hoje não utiliza, mas já utilizou em algum momento, para expressão de sua fé, da sociedade daquele momento. Para mim, patrimônio cultural é isso. É aquilo que tem sentido para o povo. Ou teve em algum momento, ou continua tendo, às vezes, de forma transformada. É o caso das histórias que, às vezes, mudou a forma, mas elas continuam vivas. É o caso das igrejas, mas a cultura é aquilo que emana do povo que vem e continua para a sociedade, para o povo.

00:24:21 Ivan

Você considera que há algum risco de perda ou esquecimento dessas histórias? E se sim, quais seriam os prejuízos?

00:24:28 Entrevistada 01

Bom, eu não vejo assim esse risco de perda Ela hoje não acontece tanto mais nas famílias. Eu

falei com você, era comum. Essa prática, pelo menos aqui em Ouro Preto, ela já não é tão intensa mais. Então é um risco de perda, porque a criança ouvia aquelas histórias. Eu falo que muitas vezes ela ia dormir morrendo de medo da história, mas ela guardava. Hoje já não tem tanto isso mais nas famílias. A televisão chegou e hoje o celular já tomou parte. Já excluiu até a televisão. Então eu vejo uma perda por esse lado. Mas, enquanto tiver alguém que goste de história e as escolas se preocuparem com a transmissão da oralidade, mesmo que não seja também oral, os livros, tem muita, tem uma literatura muito ampla de histórias que você pode ler na sala de aula, não precisa ser um contador de história para ler história na sala de aula. Bem, eu acho que, assim, o risco de perder, talvez com tanta tecnologia, com tanta diversidade tecnológica, lógico que acaba se perdendo um pouco. Outro dia eu achei interessante que eu fui ensinar uma brincadeira numa escola. E aí a professora falou assim, você sabe que eu descobri essa brincadeira na internet? Falei, pois é, então assim, tem esse outro lado de transmissão também pelos meios digitais. Os prejuízos que eu vejo é tirar um pouco dessa manutenção de ordem. Porque, embora a minha geração foi trabalhada nessa questão de manutenção da ordem com muito mais rigidez, eu vejo um pouco a perda disso, porque a história tinha esse fundo. Pai e mãe, às vezes, nem sempre precisavam falar que não saia à noite, não fica na rua até madrugada, que é perigoso, porque ele contava a história e aquela história ficava ali, aí o cara... já viu, isso pode acontecer. Mas um pouco dessa... eu vejo um pouco de perda também dessa manutenção da ordem, desse... desse saber ouvir, de perder também. Hoje as pessoas estão muito impacientes com tudo. Ninguém quer ouvir muito o outro, parar pra ouvir o outro, né? Então é essa perda de audição das coisas, das tradições.

00:27:17 Ivan

E tem alguma, se você fosse escolher uma lenda pra representar Ouro Preto? Você acha que tem alguma que fala assim, nossa, isso aqui é a cara de ouro preto?

00:27:26 Entrevistada 01

Essa que eu contei um pouco, a cara de Ouro Preto, né? Porque ela traz a questão da paixão de Cristo muito intensa, né? A questão dos costumes tradicionais da paixão de Cristo, da quaresma. Mas tem outras também, por exemplo, A questão entre as assombrações fora dessa aí, por exemplo, tem uma da... Essa tem autor. O autor se chama Davi Dekeche. Ele escreveu um livro que se chama, assim, Isto, palavra Isto, Dantes em Ouro Preto. Não é Estudantes, é Isto, Isso acontecia antes, (Isto)dantes em Ouro Preto. Então, é uma lenda que traz a questão das assombrações, do envolvimento dos estudantes, da farra que os estudantes sempre fizeram. E chama-se... O nome dela não é esse que eu vou falar, não, mas eu adotei o nome Zé Manquinho. A história do Zé Manquinho, que ele é um grupo... Entra de novo e engloba a questão das serestas no fim de semana, a questão das farras com estudantes, a questão dessas farras mesmo, né, que ela se passa com um grupo de seresteiros que vem até a praça. Na praça eles param pra descansar, pra tomar, umas em outras, em banheiro. E aí alguém surgiu como um fantasma que estava aparecendo ali na Igreja de São Chico, no cemitério de São Chico de Paula. E aí os colegas pra fazer troça do... O Zé Manquinho fala que não tinha medo. Isso era bobeira, isso era conversa fiada, que ele não tinha medo. E aí eles resolvem montar uma... montar, falou: “Vamos fazer uma aposta, nós te damos tanto se você entrar no cemitério meia-noite. Já que você não tem medo, você vai ter que entrar, se você quiser”. Ele falou, “isso é dinheiro fácil pra mim, é

tranquilo.” E a turma de amigos resolveram pular o muro e se fantasiar de fantasma pra que ele perdesse a aposta. Só que ao invés deles assustar o Zé Manquinho, quem foi assustado foram eles. Eles começaram a ver fantasmas dentro do cemitério. Eles montaram toda uma estrutura e chegou lá e os fantasmas começaram a aparecer pro grupo. E aí, na saída do cemitério, eles encontram que o Zé Manquinho saindo.. Aí chegando. Que eles combinaram uma turma, ele ia antes e ficaria um pra garantir que ele entrasse. E aí eles se encontram com Zé Marquinhos chegando e ele falou assim, aí Zé Marquinhos falou, “você estão pensando que isso que você estão falando aí vai me botar medo? Vai me botar medo nenhum, eu vou entrar e cumprir o que eu prometi”. E aí ele entra e os outros não esperaram ele lá fora não, porque eles já estavam todo mundo amedrontado. Diz que ele tinha se comprometido que ficaria mais ou menos até meia hora lá dentro. Que ele não chegou a ficar nem um minuto. E que ele tinha um problema na perna e andava mancando, por isso o nome. E ele saiu numa carreira do cemitério correndo pela cidade. Então, assim, tem muitas histórias. Eu não saberia dizer qual delas é mais interessante, qual delas leva essa questão da cultura e vai mostrando, cada uma delas vai mostrando uma etapa da nossa cultura, né? É a seresta, tem a da amêndoa. Tem essa coisa dos estudantes de pular quintal pra roubar fruta. Tem uma história nesse sentido. Tem uma que o cara saiu lá do Antônio Dias, de um baile do Clube 15 de Novembro, famoso. E larga a esposa em casa, como sempre a maioria dos homens. Desculpa, sei que não é seu caso. A maioria dos homens estava aí. E eles podiam viver todas as aventuras possíveis. Então a mulher ficasse em casa. E ele vem, aí quando chega aqui, que ele vai subindo, ele passa a praça, que ele começa a subir ali, ele vê uma mulher subindo sozinho ali. Aí ele vai, “Oba! Uma mulher sozinha, na última madrugada”. Aí vai seguindo ela, mas quanto mais ele apertava o passo, mais distante ela ficava dele. E foi seguindo, seguindo, quando chegou ali na... Ali, próximo, depois que passa o hospital, a Santa Casa Velha, tinha um lugar ali que chamava ponte, tinha uma ponte ali, chamava, a famosa Ponte do Xavier, que era um ponto de suicídio. As pessoas, quando queriam, se dava e ia lá e pulava da ponte. A ponte atravessava o vale ali, Tinha um vale ali entre coisas, então as pessoas pulavam ali fatalmente. Quase ninguém sobreviveu. E aí quando chega lá nessa tal ponte, nesse lugar, a ponte já nem existia mais, chega lá no lugar dessa tal ponte, a mulher começa a crescer, a aumentar de tamanho, de tamanho, de tamanho e vai ficando assustado, assustado. E ela segue, e ele ainda meio assustado, ele continua seguindo ela, ela vai até, vai seguindo em direção à igreja, aí quando, aí ele não vê mais nada. Ele só vai acordar, com o dia, com o sol, já batendo nele e ele não sabe o que aconteceu a partir daí. Então, assim, tem muito a ver essa história, essas histórias da cultura local, dessa sociedade machista. Tem uma outra também que é muito boa. Essa questão dessa... alimentação. Então, ela vai trazendo essas histórias, vai trazendo um pouco dessa cultura. Então, é difícil para determinar... tem a da missa das almas que aconteceu ali naquela igreja, que é outro costume que tinha antigamente, né? E entra dentro desse costume, entra uma coisa interessante também, que era a questão de ter que celebrar uma missa pelas almas. Ainda hoje se celebra missa pelas almas, mas no passado era muito mais intenso. Tinha gente que deixava milhares de missas para o padre celebrar. E os padres ficavam ali desesperados. Às vezes ele morria antes de terminar as tantas missas pedidas. Missa em que somente as almas assistiam. É difícil dizer qual delas era a coisa... Eu gosto muito dessa do Zé Manquinho, que ela entra a questão já juntando um terceiro grupo, que são os estudantes que vêm pra cá, que vão também influenciar, participar da cultura da cidade. Mas tem muitas outras. Se for listar, são muitas.

00:35:14 Ivan

Você quiser contar a sua agora? Aquela que você falou que queria contar?

00:35:20 Entrevistada 01

Deixa eu ver. É, essa que eu acabei de contar foi minha. Essa é da sala do Quinze, vai. Ah, tá. Essa é minha. Ela tá publicada num livrinho de manifestações culturais que a Comissão Ouro Pretana de Folclore produziu alguns anos atrás. Não me lembro o ano certo. Essa é minha também. E ela vai e essas histórias vão povoando, né? Vão secando, vão... Tem os mitos que vão aparecendo por aqui também.

00:35:53 Ivan

E essa da Missa das Almas?

00:35:55 Entrevistada 01

Essa missa das almas, conta-se que tem duas missas das almas. Tem essa, dali, tem uma que aconteceu no Padre Faria. E essa dali tinha um sacristão. Houve uma época em que os sacristãos ou moravam na própria igreja ou moravam ao lado. Aqui, por exemplo, o sacristão morou. Essa parte baixinha aqui foi moradia do sacristão. Há uns anos. De novo, 1800 e antigamente. E eles moravam dentro da própria igreja. E que uma noite o senhor cristão, de nome João, acordou no meio, de repente acordou com o clarão na igreja. E aí ele falou: “meu Deus, será que alguém entrou aqui? O que que é?” Ele levantou. E quando ele levantou, que chegou na sacristia, tinha um padre já vestido. Ele aparaamentado com a celebração. Entregou para ele os objetos de culto para levar para o altar. E ele nem perguntou, que foi... “Nossa, ninguém me falou que tinha essa luz a essa hora. Eu estava dormindo. Nossa, que vergonha. O padre chega aqui, não tem ninguém para... para atender”. Aí que ele foi e levou as coisas lá para o altar, e que aí todo mundo já estava sentado lá, todo mundo. Era uma época que as mulheres usavam véu, os homens usavam chapéu, então era difícil identificar o rosto de cada um, estava a igreja cheia de gente. “Ninguém me avisou, esse padre deve ser ele mesmo que abriu a igreja, porque a hora que acaba a missa, eu pergunto pra ele. Então, eu vou ajudar a minha missa, eu cumpri minha obrigação, né?” E aí que o padre celebrou a missa toda, mas ele, ao longo da missa, ele ficou se questionando com o padre, era aquele que ele não conhecia. Como que aquele padre entrou, se a chave da igreja estava com ele? Mas ele ficou se questionando com ele mesmo. “Mas minha obrigação é ajudar a missa”, e ajudou! Aí terminou a missa. Quando terminou a missa, e durante a missa ele foi vendo que a nuca do padre era muito branca. Ele percebeu, mesmo com os paramentos, que uma parte da nuca aparecia e é que era muito branca. Ele falou assim, “mas que padre, que nuca branca é essa? Eu nunca vi esse padre na minha vida. Ninguém me falou que tinha missa.” Aí que acabou a missa, enquanto o povo foi saindo, ele foi guardar os objetos de culto, né? Aí voltou, falou assim: “deixa eu fechar a porta da igreja, porque altas horas da noite não pode deixar a porta aberta.” Aí quando ele voltou para fechar a porta, que ele olhou todo mundo que estava assistindo a missa, inclusive o padre, estava entrando para o cemitério, o portão do cemitério era do lado ali, não era o portão do cemitério ali, depois aqui eles mudaram, né? O portão estava aberto, todo mundo entrando para o cemitério, e aí ele olhou, estava todo mundo entrando e cada um já ocupando o seu lugar. Ele desmaiou na porta da igreja de manhã, acharam ele desmaiado lá. E era uma missa de alma, celebrada também por um padre já falecido. Então assim, eu

trabalhei, eu fiz um trabalho grande com testamentos, recentemente, e era interessante porque as pessoas tinham muito medo de não se salvar após a morte. Medo de ir para o inferno, de ficar vagando, da alma ficar vagando sem ter um lugar para se aquietar, era muito grande. Então, as pessoas pediam muitas. Milhares. Tinha gente que já ia pedir milhares de missas. Que se celebrassem milhares de missas em lugares variados. E assim, e se hoje, hoje eu vejo, é uma diferença que eu vejo hoje. As pessoas hoje não têm mais uma maioria, talvez. muita preocupação em cumprir aquilo que ele ia determinar. Às vezes ele tenta negociar. Antes não, a ordem era a ordem. Ele tinha que cumprir. Então, os padres tinham que celebrar aquelas missas. Muitas vezes eles morriam antes. Ficavam aí. Enquanto ele não terminava aquele número de missas, a alma dele também não se secretava. Aí tem essas missas de almas.

00:40:42 Ivan

Então é isso.

00:40:43 Entrevistada 01

É isso que você queria saber? Já contei um punhado de histórias. Já contei um punhado de histórias.

00:40:50 Bruna

Você falou de um moço que o pessoal geralmente chama ele sempre que acontece algum velório?

00:41:02 Entrevistada 01

Ele faleceu recentemente. Eu estive em São Bartolomeu. Ele não morava aqui não. Ele morava lá no distrito de São Bartolomeu. Quando nós fizemos o livro Doces e Memórias, Ele contou que ele era sempre chamado para contar histórias, mas ele não quis contar nenhuma história para mim não. Mas depois de muito tempo ele contou das cabaças e resolveu contar. Mas ele falou que ele era sempre chamado para contar histórias, só que ele faleceu. Recentemente eu estive lá e perguntei por ele, que eu não vi. Ele estava sempre circulando por lá. Aí o pessoal falou que ele faleceu. É uma coisa que acabou praticamente. Porque o velório no necrotério não tem o mesmo sentido que tinha nas casas, né? As pessoas... São necessidades que tiveram que se... se alterar, porque hoje é muito perigoso fazer um velório em casa, não só pelo lado higiênico da questão, como também pelo lado de segurança pessoal. Mas tinha muito isso de contar histórias nos velórios, de contar histórias à noite. Juntava, às vezes, o pessoal ficava uma turma dentro de casa, outra hora eles faziam uma fogueirinha do lado de fora da casa, Tava aquela rodinha de gente agachada ali. Ria, dava muitas gargalhadas. Porque sempre uma história puxando a outra, né?

00:42:29 Ivan

E essas histórias que ele contava, será que tem um registro? Ele chegou a contar para alguém?

00:42:34 Entrevistada 01

Uma das que ele conta, lá eu não sei, né? Porque as histórias que eu ouvi lá são histórias que vão de boca em boca. E ele só me contou a história das cabaças, de uma cabaça, mas dela eu já percebi também que não é uma história exclusiva de lá, não. Ela tem N variantes. Aqui na região ela tem várias variantes. Então, que era alguém que mandava uma cabaça buscar pinga pra ele no

buteco. E a cabaça ia sozinha, chegava lá, pulava no balcão, O dono do boteco já sabia de quem era a cabaça. Enchia a cabaça de cachaça e a cabaça voltava para o dono. Mas essa história, ela gira também. Eu ouvi essa mesma história em outros povoados aqui da região, não só de Ouro Preto, mas da região de Mariana aqui também. Você tá falando de histórias aí, né? É uma coisa que eu acho que tem que ser preservada, né? Eu, sempre que é possível, sempre que me convidam, sempre que é possível propor também, a gente está sempre fazendo essa rodinha de história.

00:43:57 Ivan

É, porque também é do boca a boca, né?

00:44:00 Entrevistada 01

É, é do boca a boca. É do boca a boca. Eu falei de lá de São Bartolomeu, tem uma que eu fiz agora recentemente também de lá. São Bartolomeu é terra dos doces. O distrito de Ouro Preto, onde o doce foi o primeiro patrimônio imaterial tombado pelo município. E o pessoal sempre teve uma demanda muito grande de produção de doces. Tinha demanda de quem fazia o melhor doce, de quem fazia, de quem comprava mais goiaba, de quem. Tinha os lavadores que tinham seus centais com goiaba e aproveitavam para vender para os doceiros. Então, tinha uma política de roubar goiaba do outro, no meio do caminho. A minha tropa ia, e tiravam os balaies, trocava os balaies de goiaba cheio por um vazio. A tropa chegava lá, os balaies estavam vazios. Tinha a questão de eu ir à tropa com açúcar. Aqueles mais espertos iam lá e acabavam tirando algum. Então tinha muito essa questão de tirar do outro, pra se dar bem, né? E continua isso, continua hoje em todos os sentidos. E tinha um senhor lá de nome Lourenço, que um dia, ele tinha esse costume, sempre que ele sabia que uma tropa... E eles ficavam sabendo, era por um lugar pequeno, não sabia quem buscava goiaba de onde, né? Aí eles tinham já o costume de esconder no mato, E a hora que a tropa passava, normalmente, os puxadores de tropa iam mais na frente. Às vezes, ia um menino. Era muito... as crianças trabalhavam muito, e ia um menino ajudando. Era fácil engambelar o menino e tomar algumas balagens de goiaba no caminho. E ele sempre, Lourenço, sempre fazia isso. Fazia, fazia, fazia. Alguém falava com ele assim, “um dia você ainda vai se dar mal, hein?” “Vai se dar mal nada, eles nem ficam sabendo. Como é que eles vão saber que sou eu, se eles nem me viram? Burro não fala, que não sei o que é. Os burros que levam a goiaba não falam. E eles não vão me contar.” E ele sempre fazia isso. E aí ele começou a fazer isso também com os sacos de açúcar. As pessoas compravam saco fechado de açúcar pra produção do doce. De vez em quando, sempre que pediram, tinha um jeito. E aí um dia... O senhor foi buscar os sacos de açúcar e esse senhor estava sozinho, então o senhor foi puxando a tropa na frente e não tinha. E os burros, por incrível que pareça, eles conhecem o caminho. Eles vão seguindo um atrás do outro, mas eu sei que esse dia ele pegou muitos sacos de açúcar do outro produtor e levou pra casa e foi em casa. Aí, chegou em casa, a mulher falou, “mas onde é que você arrumou tanto saco de açúcar?” “Ah, não, eu consegui negociar aqui, não sei o quê.” Ele arrumava sempre, eu, desculpa, “negocieei, veio”, “tá bom, tá.” e pôs os sacos de açúcar. Lá, os produtores tinham o costume, como eles produziam doce em casa, eles separavam uma parte da casa exclusiva para depósito do açúcar. Ainda me lembro de viver muito doceiro, separava um quarto, tirava tudo do quarto, só pra pôr açúcar. Açúcar até no alto da parede, pôndo no saco. E aí, ele arrumou, pôs todos os sacos de açúcar lá na coisa, quando falou, “agora eu já posso

começar a produzir o doce. Eu vou pegar mais uns balaim de goiaba por aí e aí me dá bem.” Quando ele foi, aí num dia desse ele preparou a goiaba, se cozinhava, limpava, cozinhava, amassava. Quando ele vai buscar o açúcar, que ele tenta entrar dentro de casa, cada porta que ele tentava entrar tinha uma serpente, tinha uma cobra, e ele não conseguiu passar. Aí, com muito custo, ele quando se falou assim, “ah, eu não posso entrar pela porta, eu vou entrar pela janela. Vou rebentar a janela e vou entrar pela janela.” Aí, quando ele chega, que ele vai tentar, que ele consegue arrombar a janela para tirar o saco de açúcar, Em cada saco de açúcar tinha uma cobra vigiando o açúcar. E ele não conseguiu pegar nenhum daqueles sacos de açúcar que ele tinha roubado e perdeu toda a goiaba que estava preparada para fazer o doce naquela safra. Ele não conseguiu mais porque aí ele ficou meio perturbado, porque de onde saiu tanta cobra? Aí ele acabou contando em casa que ele tinha aquele açúcar e não tinha comprado. Aí a mãe disse: “Pois é, isso é castigo. Falei com você que um dia você ia ter um castigo. E o castigo veio não sei de onde, não sei quem mandou, mas veio. Então você aprende a respeitar o que é dos outros. O que é seu é seu, o que é dos outros é dos outros. Não deixo de fazer mais isso.”

00:49:35 Bruna

Uma coisa muito legal das histórias é isso, né? Que prova essa questão da ordem, ela sempre mantém uma proposta.

00:49:44 Entrevistada 01

E quem transgredir essa ordem... Tem uma penalidade, essa penalidade às vezes é pesada. É o outro que tinha má intenção com a menina e a mulher, de repente se transforma. É o outro que rouba a fruta e a fruta some no meio do caminho. É o outro que vai tentar entrar em cemitério, cemitério é um lugar sagrado, e quem entra em cemitério com propósito dos excluídos, ele está profanando um espaço sagrado. Essa questão de manutenção da ordem era muito rica, era muito interessante ver. E cumprimento de dever, a questão da missa das almas. “Eu tenho que cumprir, eu não posso deixar de cumprir, eu não tive tempo para cumprir isso no horário normal, mas eu tenho que fazer aquela responsabilidade” que as pessoas do passado tinham muito forte. A ordem não é só de quem transgredir, mas também de um cumprimento, de não transgredir essa ordem, de manutenção de que essa ordem seja cumprida.

00:50:54 Ivan

Acho que é isso mesmo, incrível.

00:50:56 Entrevistada 01

Então, fechou.

00:50:57 Ivan

Fechou, muito obrigado.

00:50:58 Entrevistada 01

Conheço, eu falei de mil histórias pra você.

00:51:01 Ivan

É, mas isso que é gostoso, você escutar essas histórias.

00:51:05 Entrevistada 01

É.

00:51:05 Ivan

Eu gosto bastante, sabe? Eu tinha esse costume de sentar com a minha avó, e ela me contava histórias, eu gostava bastante.

00:51:14 Entrevistada 01

É, e é muito bom, eu ouvi muita história, assim, como em casa mesmo, a gente sentava, tinha uns vizinhos que iam lá pra casa, outra hora era a gente que ia na casa do vizinho, Sempre saía uma história, e graças a Deus que a minha filha pôde vivenciar isso também com a minha mãe. Mas é engraçado que a minha filha já vivenciou isso. Isso é uma coisa muito própria também de zona rural. Os contos de velório, não. De velório era geral. mas de sentar, pois era uma coisa bem desse público, de zona rural, né? Juntar todo mundo, não ria ninguém. Vocês imaginam que eu sou do tempo em que alguém falecia lá onde eu morava, um batom meu, e aí eles iam ver quem tinha tábua em casa, quem podia ajudar a fazer o caixão. A gente queria ajudar a fazer o caixão, mas o caixão não tinha pronto. Não tinha caixão pronto. Aí juntava aquele grupo de homens que tinha alguma habilidade, que tinha ferramenta. Aí ia alguém buscar mortalha, por exemplo. Tem os distritos São Bartolomeu e Glaura. Então, quem morava nos arredores, morria alguém, tinha que buscar o tecido lindo, para fazer, chamavam de mortália. Comprar pano para forrar o caixão e fazer uma roupa para enterrar o morto. Buscar vela para iluminar. Então era muito comum assim. Morria alguém, então a primeira providência é avisar os parentes próximos, avisar os vizinhos. E durante a noite, enquanto o corpo estava lá na cama, outra hora numa mesa grande na sala, ali o povo estava trabalhando, a costureira ia fazer a roupa, os homens do lugar iam dar providência ao caixão, ia fazer padiola, porque dependendo do lugar, o defunto ia numa padiola, juntava um grupo de homens e ia levar pro caixão numa padiola pra disputar. Eu ia portando, eu tava conversando com um rapaz que morou lá em São Bartolomeu, que falou que uma vez eles foram passar, tinha que atravessar um córrego, E aí a padiola arrebentou na hora que eles estavam atravessando o corvo. O caixão caiu na água. Eles tiveram que tirar o pai. Aí nessa altura sempre tem um mais velho que xinga. Mas passamos a pé porque o caixão molhou todo. Saímos com o caixão pingando água. Hoje isso não acontece tanto que hoje mesmo nessa zona rural já leva, já faz o velório próximo do cemitério. Acabou a cultura de fazer velório em casa. Hoje está praticamente extinta, né?

00:54:08 Bruna

Hoje as histórias, então, elas acabam sendo contadas mais em outras questões.

00:54:11 Entrevistada 01

É.

00:54:13 Bruna

Sentar em volta.

00:54:15 Entrevistada 01

É! Às vezes... Eu não faço muito velório. Não gosto muito de fazer velório. As vezes.

00:54:20 Bruna

Ainda tem, mas é...

00:54:23 Entrevistada 01

Mas assim, os velórios hoje a gente tem o necrotério aqui, que foi nosso querido padre Simões que lutou para construir. E ele contava que ele ficou muito preocupado com... Até quando a mãe dele morreu, os velórios não tinham necrotério. A paróquia não tinha o necrotério. E que no dia que a mãe dele morreu, ele terminou o velório, levaram para o sepultamento. Quando ele voltou, tinha alguém dormindo em um dos quartos e ninguém sabia quem era. Essa pessoa entrou certamente, acabou deitando lá e dormiu, ficou, não fez nada. Mas também podia ser alguém com más intenções, ficar ali escondido. Então é um momento que a família está muito emocional, muito abalada, não tem muita preocupação em resguardar. Aí que ele ia fazer o velório. Ele lutou, pediu ajuda de todos os meios possíveis para construir o necrotério ali. Isso ele contou no dia em que foi benzer o necrotério. Ele falou, olha gente, nos dias de hoje não dá mais para, as coisas mudaram. E no necrotério, assim, eu não acompanho muito velório, não é muito minha prática no necrotério. Eu já acompanhei muito velório em casa. Você ia, fica lá um pouquinho, dá um apoio. Nesse que eu falei que o pessoal sentou na beira do fogão, a viúva... Foi um senhor que tinha falecido e a viúva me encarregou de fazer os cafés durante a noite. Acabava o café, tinha que jogar e fazer outro. Aí o pessoal tomava café a noite toda. Então, hoje essa política está acabando. E no Necrotério eu não fico muito não. Só quando tem gente muito próxima da minha família, algum parente próximo, que eu... Mas mesmo assim não tem mais essa coisa de... A gente percebe que não tem mais... Eu fico ali, conta casos, às vezes, conversa, mas de contar história, conta piada. Aqui tem, tem um outro livro aí da... Digo que o pessoal tinha... Esse aí é verídico. Eu tinha um amigo que... Esses velórios em casa... No Necrotério também tem. Sempre tem um café. Um café com alguma quitanda pra degustar. Pra passar a noite. Conseguir passar a noite. Então... Nos velórios é interessante que no passado a gente percebe que havia mesmo até... Fazia até jantar mesmo, comida mesmo, sabe? E que tinha, e tem um povo que eu já vi aqui, esse povo, esse morador de rua, morreu e eles vão lá tomar o café. Eles não querem saber quem morreu e quem tá lá. Vai embora, tá isenta, vai lá, toma o café, e vai embora. E que teve alguém que morreu e o pessoal não fez velório, era alguém muito solitário, não tinha parente, não tinha muito amigo. Então ele morreu e eles mantiveram ele morto com a porta, fecharam a porta. Aí vai alguém lá no meio da noite procurar café, procurar. Aí chega lá, tudo fechado, aí ele olha pelo buraco da fechadura e viu que o morto estava lá, mas não tinha velório. O cara pega e sai xingando pela rua fora. E pensou que ele ia ter um café aquele dia e que não teve. Que povo pão duro, né? Nem para abrir a porta e fazer o velório decente. As histórias de Ouro Preto envolvem muito a questão religiosa. O morto não podia ficar sozinho, então as histórias surgem por causa dessa coisa religiosa. Quem morreu, a última passagem dele, ele não pode ficar sozinho. A família precisa de apoio, mas deixar um morto sozinho, não. Eu ouvi muito na minha infância do pessoal dizer assim: “Nossa, tem que ir pra lá, a gente não pode... E eu não quero morrer e ficar sozinha em casa.” Entendeu? Então, assim, havia um

costume. Morresse, a hora que morresse, mandava avisar os vizinhos de Roça. Não é igual, eu saio daqui e bato na porta do outro ali. Às vezes, você anda um quilômetro pra chegar na outra casa. Há pouco tempo, eu tava conversando com um senhor de 80, ele tá com 85 anos, e ele foi contando que quando o avô dele faleceu. O avô dele faleceu alta noite. E que o pai dele fez ele levantar e ir lá na casa dos vizinhos em plena madrugada, não importa se é... Pra avisar os vizinhos irem pra casa dos vizinhos, para fazer, ajudar, fazer companhia. Então, era um costume de ficar, de juntar. Todo mundo não queria deixar o outro sozinho, um pouco por amizade, um pouco pela religião e um pouco também por temor. Se eu não for no enterro do meu vizinho, eles também não vão vir no meu. E eu vou ficar a passar o meu velório sozinho, de jeito nenhum. Então é isso. Cultura de Ouro Preto.

00:59:43 Entrevistada 01

Falei demais, né?

Apêndice 2.1 - Frase da entrevistada em sua despedida após o fim da gravação



Apêndice 3 - Transcrição da Entrevista com Entrevistada 02

Entrevista com Entrevistada 02 no dia 01 de Julho de 2024 - às 14h30

Entrevistador: Ivan Aguiar

00:00:03 Entrevistada 02

Eu separo muito isso... Causo, aconteceu! Causo. Ele aconteceu. E, logicamente, tem algumas pessoas que eles não acreditam, têm medo de falar dos fenômenos físicos que ocorrem aqui dentro de Ouro Preto e falam que é lenda. Porque eu tive oportunidade. Eu saí daqui de Ouro Preto, a minha especialidade é pesquisa da cultura mineira. Arquitetura, escultura, pintura, música, literatura, teatro, cinema. Isso é um patrimônio material. E o patrimônio imaterial, que é a culinária, o artesanato, a dança, a literatura oral, é essa que você está pesquisando. E sempre que eu vou nas cidades... quando tem manifestação de religião, mas é a criatividade do povo, aí eu falo... Hoje, inclusive, a própria Comissão Mineira de Folclore já não está usando mais a palavrinha folclore. Eles estão usando a palavrinha patrimônio imaterial, literatura oral, que são vários! Letras, poemas, causos, histórias. És com é. Histórias. Eu tenho essa listinha que eu posso passar para você. Dentro da literatura oral, como que é dividido... entendeu? Em que? Durante as minhas viagens, eu dava aula no curso de guia nacional, guia regional e no curso de turismo. É da Newton Paiva, da Universidade do Estado de Minas Gerais, na Escola de Música, e da FEAD, e da Faculdade de Turismo de Formiga. Então, eu tinha de viajar que nem uma doida. A partir de 1979, não tinha uma bibliografia que atendesse as necessidades do trade turístico. Entendeu? Aí, bota aí o pé na estrada. Não tinha dinheiro de projeto, era pão doce, pão de sal, pão com miolo, ne? Eu aprendi muito nos botecos. Eu, geralmente, eu levava uma gravura, né, daqui, de Nossa Senhora da Conceição, falando que eu era daqui de Ouro Preto... Assim, nunca falei que eu era professora. Porque era a única forma de eu ouvir as pessoas e a comunidade, sem eles quererem forçar a informação. E usando aqui esse português, que não tinha nada a ver com eles. E algumas cidades não tinha como, porque os alunos falavam assim “a minha professora”, principalmente o pessoal da região do Centro-Oeste, lá, eles falavam comigo. O povo, “a minha professora veio”, eu ficava assim, “gente, pelo amor de Deus”, porque senão eu não consigo, né, ouvir as pessoas, que muitas vezes ficavam acanhado para conversar comigo, ficaram tentando falar um português que não tinha nada a ver, ne? Então, quando você chega humildemente, senta, toma um café, depois você pega uma cachacinha e começa a conversar, aí você começa a ver os causos e as histórias da comunidade. E, logicamente, eu tive de estudar os Usos, Costumes e Tradições de 16 grupos humanos que vieram para Minas Gerais. Porque não basta só você falar Portugal... Portugal do norte, do centro, do sul e das ilhas, cada um tem seus usos, costumes e tradições. Inclusive, terminologia que Lisboa não entende o pessoal do Porto. É igual a muita gente do Nordeste, aqui. Eles chegam aqui, eles falam certas coisas, você pergunta “o que significa isso?”. Porque o linguajar é essa influência cultural. Quando se fala negros, “aaaah africano”... Meu Deus do céu, a África é enorme! Os que vieram pra cá foram as nações Banto e Guiniana, então, também com seus usos, costumes, tradições, religião, e fizeram o processo de aculturação dentro do território. Aí, depois, começam os espanhóis... Porque Nossa Senhora do Pilar, que é padroeira da Espanha, e é padroeira de Ouro Preto, é de São João del Rey, e tem sete cidades só

que ela é padroeira, por causa da influência cultural espanhola... A Irmandade de Nossa Senhora das Mercês é a influência da cultura espanhola! Os mulatos e os alforriados, louvam Nossa Senhora das Mercês, São Raimundo Donato, São Pedro Nolasco, todas as pessoas da região da Espanha. Quando foi 1800... Isso no processo de colonização... Quando foi a partir de 1816, aqueles elos de ligação com a cultura francesa, italiana, que a corte portuguesa tinha, então você vai ver também influências da cultura italiana, francesa, polonesa, ne? Então, na Primeira Guerra Mundial, a quantidade de gente que vieram para cá escondido... Inclusive, os de guerra, eles eram refugiados de guerra, saíam de lá escondidos e chegou aqui no Brasil. E aí, logicamente, cada região que eles se organizavam, ne?! Ali eles deixavam marcas, como deixou as marcas da cultura de um povo aculturado! Porque houve esse processo de miscigenação. Então, quando você fala causos, lendas, histórias de um povo, aí eu sei, assim, várias pessoas que escreveram esses causos, essas histórias, saem conversando com as pessoas mais de idade e falam assim, isso é uma lenda. Mas eu estudei Física Quântica, por quê? Aqui, na minha casa, que tem 297 anos, quatro andares de Pau a pique, tinha várias manifestações espirituais. Vários espíritos que não queriam ir embora nunca. Aí, por exemplo, a gente estava estudando aí. Agora não tem mais porque eu tirei, troquei de lugar. Mas as taças, uma batia na outra. E nos meus 15, 16, 17 anos, elas batiam uma na outra. E aí minha mãe falava “Dai o descanso deixe o descanso eterno, a luz perpétua ilumina. Descanse em paz. Amém!”. Tinha um senhor aqui, duas casas aqui pra baixo, ele via uma moça com os cabelos cacheados, ela toda bonita com a saia de tafetá, que antigamente os tecidos mais chiques, e o laço de fita lindo, poderoso, grande, largo, e que ela saía lá da casa dele, vinha correndo, entrava aqui e enfiava debaixo da escada. Algumas vezes eu tive a oportunidade de ver só aquele farfalhar da seda, do tecido, do tafetá... e a gente só rezava. Não tinha medo, não! Porque quando eu nasci, em 1949, meu pai estava com 38 anos, minha mãe estava com 27. O casal era velho para casar na época. E aí, minha tia, que os outros sobrinhos dela estavam em Belo Horizonte. Então, ela fazia tudo o que eu queria. Eu era o dodoi, que eu sou a primeira filha, a primeira neta, a primeira sobrinha. Aí, a outra mora em Belo Horizonte, era muito mais velha do que eu, ela não tinha contato, porque meu outro tio, ele foi por causa da ferrovia, ele foi embora pra lá, pra Belo Horizonte, somente aumentando o fluxo por causa da transferência da capital de Ouro Preto pra Belo Horizonte. Essa casa foi a doação da madrinha do meu pai pra ele. Na época ele falava, “Dindinha, Dindinha, Dindinha”. Foi um Deus que nos acuda! Porque na hora que foi fazer o inventário, pergunte se nós sabíamos o nome da madrinha... Uai, porque o meu pai falava assim, vamos rezar pra Dindinha, agradecer ela, de ter dado a casa pra nós. Mas nunca falou o nome dela. E a gente rezava, sabe? Pra dar um bom lugar, agradecer, aquelas coisas... Então, todo esse processo histórico, cultural, essas manifestações de religiosidade popular e espiritual, a gente sempre rezava pra São Miguel, né? “Daí Senhor, descansa nos eternos, perpétua e ilumina, descansa em paz, amém!” Aí, minha mãe chamava um dos bispos... Hoje ele foi bispo e morreu até em Tomeara..., Mas o Dom Veloso, ele era muito conhecido, é a família Veloso... Inclusive Doutor Ivo Porto de Menezes, né? Que é um grande arquiteto da Universidade Federal. Ele morava ali naquela esquina, onde é o Chocolate da Praça Tiradentes, sabe? Aquela dicida ali! Aí eram famílias muito conceituadas aqui, a família Veloso. É tanto que, em 1928, foi o prefeito, Zé Veloso, que conseguiu tombar o patrimônio e não deixar o Ouro Preto acabar. Apesar da pobreza na época, porque o pessoal foi embora e aqui era um Deus que nos acuda para sobreviver. Aí, bom, ele, logicamente, isso aí depois eu vou para a parte histórica e artística que eu falo para você. Ai... Esses fenômenos

naturais, acredito perfeitamente, porque se você pegar uma fotografia kerleana, ne?! Você já ouviu falar na fotografia kerleana? É uma máquina fotográfica cujo o filme da Agatha Colwer... Isso é usado muito no budismo, pra ver a aura da pessoa. Sabe?! Na hora que fotografa você, você vê a sua aura, se ela tá pequenininha ou se ela tá grande, né? A emanção energética de luz. E de bem-estar e, às vezes, também de mal-estar. Né? Por exemplo, antes de ontem, tava aqui uma senhorita que eu fiquei, assim, muito triste porque eu conhecia ela mais jovem. E ela usando o crack, usando tudo que tinha direito... Ela tem um respeito muito grande por mim. Mas dava para perceber perfeitamente a energia muito ruim ao redor dela. E ela falando assim “A Senhora me ajuda a rezar para que eu possa ter força para ir para o Bom Pastor”. Que é uma casa para a mulher lá em Ouro Branco. E isso é uma questão muito séria! Você sabe que o Chico Xavier não conseguiu entrar em Ouro Preto. Porque ele era vidente. E na hora que ele chegava na entrada da cidade, os espíritos sabiam que ele estava vendo, e queria conversar. Só que era aquela quantidade de gente que não dava para atender todo mundo. E eu passei por essa experiência, querido. 1968, a Linda, poderosa que você está vendo aqui, foi uma das primeiras guias de turismo mulher. Que foi um escândalo, né? Onde já se viu uma filha de família entrando em carro de gente estranha, né? Mas minha mãe sempre falava, “A educação que eu dei, ela pode entrar e sair em qualquer lugar!” E eu já tive na Praça Tiradentes, ali na Câmara Municipal, aonde que faz a Carteira de Identidades, sabe ali? Ali a janela, o setor de turismo era ali. Aí o pessoal pagava a entrada... do meu trabalho de guia de turismo e depois eu ia andar com o turista. Mas eu atravessava a rua, sentava o pessoal na estátua Tiradentes e começava a conversar com eles sobre a história, mostrando o Palácio de Governo, onde foi Câmara e Cadeia, e que depois, no século XIX, é que arredaram ele para lá, porque ele não era ali, era mais perto, e mostrando sobre a linha imaginária de Mocotó e Jacuba. Menino, dali a pouco, um dos membros da família falava assim “Eu tô vendo um monte de gente, eu tenho que ir embora agora”. Aí eu ficava assim “Meu Deus do céu, o que será?”. Eu olhava assim para um lado, olhava para o outro, mas eu ainda não tinha o conhecimento que eu tenho hoje, entendeu? Aí o cara falava comigo, geralmente é um membro da família... Aí eu pensava assim, “Deve ser alguma pessoa que tá com problema, né? Problema mental, trouxeram pra passear em Ouro Preto, tal, pra rezar. E por isso a pessoa não tá dando conta.” Ele falava comigo assim, “Eu tenho que ir embora agora.” Aí falava assim, “Ó, toma a taxa!” Eu pegava, logicamente, tirava do meu bolso a taxa. Falei, “Toma!” “Não, não precisa disso não! Nós temos que ir embora porque ela está com um problema. Mas é um prazer receber a senhora, taraná, taraná.” Isso aconteceu umas oito vezes. 1969, uma mulher olhou na minha cara, e falou assim comigo “Você é muito forte!”. Eu falei, “Claro, minha mãe me deu educação. Eu sou da cruzada, eu participei...!”, eu levei em pro outro lado, deu participar das atividades religiosas aqui. Era a cruzada eucarística, é a coroação, é a irmandade, eu sempre ajudei, né? Achei... “Nossa, você é uma mulher muito forte”, ela falou, “Não é isso que eu estou falando não. Você sabe o que é vidente?” Eu falei “Não.” “Você sabe o que é vidência?” Eu falei, “Não.” Aí falou, “Então, eu estou indo embora, que a minha mãe não está passando bem. Ela está vendo muita gente ali, no Museu da Inconfidência, descendo, e ela não dá conta de atender todo mundo.” Aí eu olhei assim lá e voltei. Fiquei assim um pouco tensa, porque a mulher, assim, sabe? Preocupada com a mãe. E a mãe começou a... sabe? Falei, “Vixe Maria!” Mas, né, eu não conhecia ainda, não tinha estudado sobre isso. Eu sabia que tinha espírito, passeando pra baixo e pra cima, porque desde pequena, minha avó, minha tia me ensinava. Tive uma vez que ela falou... Aí a mulher foi embora. Aí cheguei aqui em casa,

peguei o Aurélio, né, fui olhar o que que era vidente, o que que videncia. Aí é que eu pude entender. A mudança da expressão da pessoa, sabe? Quando ela estava começando a entrar em sintonia com esses espíritos que andam pela rua. E não é um, nem dois, nem três, não. Aqui são muitos! E aí, eu vou até te dar o nome de umas quatro pessoas tradicionais daqui do nosso bairro, para contar para você o que que acontece na casa dela. Depois de tanto rezar, jogar água aberta, eles tomaram ronco. E lá da Lúcia também, você vai ficar impressionado. De hora que ela estava descendo a escada e encontrava com a dona subindo... “Oi!” E ela ia embora. Depois é que ela dava conta. Que a pessoa estava sentada lá na sala. Era muito curioso! E aqui a gente ouvia era barulho. Meu pai chegava lá em cima. Porque são dois andares pra cima e dois pra baixo. Essa menina... com a saia linda, maravilhosa, com os cabelos cacheados, loira. E.... Seu Manuel falou assim, “Olha, tem um ouro dentro...”. O Seu Manuel era uma pessoa assim, que era sacristão da Igreja São Francisco de Assis, porteiro da escola de farmácia bioquímica, uma pessoa que estudava, apesar da coisa dele, mas era uma pessoa muito inteligente. Era secretário da Irmandade de Nossa Senhora das Mercês também. Então era uma pessoa muito esclarecida. Então, ele falou com o meu pai. “Olha, tem ouro enterrado aí, na sua casa.” E acontece que meu pai sempre falou. “Se o ouro for nosso, um dia cê descobre. Se não for, deixa quieto. Não mexe com coisa dos outros, não. Você não trabalhou pra conseguir.” Sabe? Todos os movimentos, subir e descer escada, porque é tudo de madeira, né? Você ouve, né? Naquela época eu ouvia muito mais. Mas a gente tinha respeito. Sempre tivemos muito respeito. Não só pela fé, a devoção a São Miguel.... Você vai ver ele ali do lado. Sabe? E eu sempre pedindo para dar luz e sabedoria, e os missionários da luz, para levar esses irmãos. Você viu uma coisa curiosíssima, né, meu amor? Por que será que a Igreja Católica foi celebrar a missa ali na Curva do Vento? Muitas pessoas sensitivas, e passa lá e vê as pessoas chorando de dor, machucado, sentado na cova. e não aceita a morte. E aí, celebrar a missa, que as coisas, né? Isso é, é assim, em busca, assim, dos anjos de luz para vir buscar essas pessoas, esclarecer que elas já morreram, não tem jeito de ficar ali mais. Porque elas continuam sentindo dor do mesmo jeito. Eu não dei conta de ler dois livros sobre o vale do suicídio. Você já leu?

00:19:41 Ivan

Não.

00:19:42 Entrevistada 02

No! Você não dá conta não... você vai até na metade, na metade você reza. Principalmente se você tem pessoas amigas que faleceram nesse tipo. E eu andei na minha pesquisa... Ah! deixa eu acabar a respeito do ouro enterrado. Meu pai sempre falou pra gente, “Respeita! Ne? Se um dia for seu, vai acontecer alguma coisa que vocês vão.” Por quê? Várias pessoas aqui em Ouro Preto já foram no local, onde que estava o ouro enterrado, e apanhou que nem burro ladrão. Um deles, uma história, que é famosa, não sei se você já coletou. Já falava para você a respeito da casa onde morou o Tiradentes? Não é mais... porque a casa dele foi ali na Rua São José. Ali tem uma loja, Aroma, Ali é do lado da Caixa Econômica? Ali do lado. Ali era um terreno vago. Porque quando o Tiradentes morreu, foi salgado o terreno para todo mundo passar lá e lembrar da vil traição, ne? Tudo bem! Aí, fizeram um barraco lá. Sô Joaquim Salame foi lá para ajudar... Aquela planta é mais ou menos de 1938, aquela casa que está lá. E ele, logicamente... as coisas, os portais lá, ele... na hora que ele mexeu em um portal assim, essa parte de cima assim, de uma porta que

estava lá toda ruída, caiu uma caixa de moedas de ouro. Aí ele pegou essa caixa de moedas e levou pra casa. E aí, toda vez que ele ia beber, ele era chegado. Aí na hora que ele ia beber, o pessoal aumentava mais a dose, né? Porque o comerciante sabia do valor da pataca de ouro que estava na mão. Teve um dia que ele brigou aqui pra rua afora deu uma facada num cara, mas não bateu, não chegou a morrer não... Isso meu pai conta pra gente, mas foi um problema sério! A polícia saiu correndo atrás dele. Antigamente as pessoas tinham muito medo da polícia militar. Aí a mãe dele, já velha, viu ele, a polícia chegando lá, “cadê ele, cadê Joaquim Salame, cadê Joaquim Salame?” Aí a mãe dele falou assim, “é por causa do ouro? Toma, vai embora, mas dá sossego, meu filho”. Pegou a caixinha de moeda e jogou pela janela e foi embora. E aí ele voltou a ficar pobre do mesmo jeito. Teve outro caso também, na hora que estava... Isso é da minha época também. Eu tenho 75 anos. Na hora que estava abrindo a rodovia para Mariana, ali perto da Cooperouro, ali naquele pedaço por ali, ali tinha uma fazenda muito interessante, ruínas, e você precisava de ver os paredões, que coisa fantástica! Sabe, lindo... E eu sempre gostei de história e tal, sempre era muito curiosa. Aí, na hora que... O tratorista foi tirar uma das paredes que ele derrubou, encontrou duas garrafas de barro com ouro em pó. Aí o babaca pega, ele chegou perto do engenheiro e falou, “o que será isso?” Porque o ouro, ele não fica brilhando na mesma hora, o ouro em pó, né? Ele fica meio assim opaco, o que será isso? Aí o cara, o engenheiro pegou e falou assim, “olha, vou levar pra Belo Horizonte pra saber se é ouro, e aí a gente traz e eu te devolvo, você me dá um pouquinho.” Só que o engenheiro nunca mais voltou. Agora, pergunta se ele conseguiu sair de lá sozinho. Teve que chamar a polícia, porque os colegas falaram pra ele, “olha, se você não queria, desse pra nós! Agora você vai dar por um engenheiro? De Minas...” Sabe? Nossa, isso foi uma confusão. Lá... né? E ele falou, eles queriam matar ele lá. Falavam, “Nós vamos dar nele uma coça pra ele aprender a viver.” É muito doido, mas disse que o bicho pegou lá. E meu pai ficava sabendo dessas fofocas todas, porque ele andava em tudo que era República, tocando violino. E por ele trabalhar na Escola de Minas, sabia dos entremeios todos, sabia da construção civil. E aí, cada coisa mais curiosa. Então, esses fatos são causos, são histórias. Por exemplo, tem alguns causos que eu tive em Diamantina, em Sabará, em Santa Bárbara, em Barão. Eu fui em Congonhas. Quadrilátero ferrífero, em tudo... Eu fui em tudo quanto era canto. Dos 854 municípios, eu conheço mais ou menos 527, 528, mais ou menos. Atrás desse processo histórico-cultural de Minas.

00:25:20 Entrevistada 02

Cada um tem a sua história, tem seu causo, e tem causos que as pessoas têm um respeito todo especial pra falar com você. E, óbvio, logicamente, pra poder eu pesquisar, eu tenho maior respeito, eu rezo junto. Eu faço Pai e Espírito Santo no lugar, eu sei lá se o Espírito tá lá. Você entendeu? Os fenômenos, é muito interessante. Pra você ter uma ideia, eu tava com uns 7, 7 pra 8 anos. Minha tia ia contando as histórias desde lá, porque minha avó morava ali do lado da... do Grupo Marília. Escola Estadual Marília de Dirceu. Hoje, mas antigamente era do Grupo Marília. Aí minha tia ia andando comigo, contando os causos e as histórias e os fenômenos que ocorriam. E ela falava de canela de defunto, falava de caveira. Eu falei, “o que é canela de defunto?” Ela falou assim, “eu vou pedir Pereira para levar ocê”. Pereira, ele foi soldado, inclusive até tenente, sei lá. Ele teve uma coisa por ele enterrar os mortos lá no Monte Castelo, na Itália. Aí quando ele voltou, ele se transformou em coveiro. E aí, você sabe, que grande parte dos nossos cemitérios era de cemitério de gaveta, né? Depois eu te conto o porquê. Aí, minha tia me falou, “ó, a menina

tá doida pra ver o que é uma canela de defunto.” Ele falou, “Na hora que morrer um, eu levo você lá!” E eu toda alegre, né? Aí eu fui lá ver. Ele batia, ele primeiro rezou, né? Ele bateu na... É uma coisa muito interessante! Não sei se hoje é a mesma coisa, mas antigamente era assim. Batia aqui, né? E aí o martelo dele, isso uma ponta. Aí caía o primeiro reboco. E aí é tudo de tijolo, né? Aí na hora que ele dava a segunda martelada de ponta, aí o gás de putrefação, jogava o tijolo longe. Aí a gente baixava assim. Aí puxava o caixão, rezava no chão, né? Puxava lá de cima. “Taaaa!” Aí tirava a roupa. Era tudo caveira, né? Era osso puro. Hoje muitos corpos são encontrados semi... que não é acabado por causa de remédio. Porque as pessoas, em excesso, os remédios acaba... É, mantendo as células, né? Mas o osso tá lá perfeito. E aí, ele ia botando dentro da caixinha, rezando. E nós lá, “Dai Senhor, descanso eterno aos perpétuos, ilumine. Descansei paz, amém. São Miguel, dê um bom lugar.” “Isso é o dente, cê tá vendo? Aí o cabelo cresce, fica o cabelo do menino muito doido. A unha também. Aí, ó, o dente, né? Tá vendo?” Aí, eu pegava a caveirinha, botava lá dentro da caixinha. Aí, ele ia pegando. “Isso aqui é a costela”. Ia botando a costela assim. “Agora, nós vamos pegar os ossos do braço, dos dedinhos.” E eu lá, toda metida, achava assim o máximo. Só minha mãe, que quando ficou sabendo, nossa, só foi um escândalo aqui dentro dessa casa. Mas, aí, na hora que chegou na canela de defunto, que é o fêmur. E falou, “isso aqui é a canela de defunto. Isso aqui é que acendia quando o povo fazia procissão das almas, que saía e fumegava.” Sabe? Aí a gente achava que era a coisa mais curiosa da face da terra. Porque eu fui conhecer Branca de Neve, Pequeno Polegar, Gato de Bota, essas coisas lá por uns 9, 10 anos. Até então eu só sabia de fantasma, de espírito, de tudo. Na maior felicidade, alegre e feliz, sem neuras e sem traumas. E a gente sempre rezou, né? Logicamente, com o maior respeito. E quando eu fui fazer esse curso da física quântica, lá em Belo Horizonte, que eu tive a oportunidade de ver a parte científica propriamente dita. Porque quando faz assim, faz assim, faz assim pra você ver. Tá vendo? Isso aqui morre, mas a energia fica. Sabe? E é essa energia que quando você tá com bons pressentimentos, ela vai aumentando. Se você tem mau pressentimento, inveja, ambição, e... sabe? Aí ela fica desse tamaninho. Isso aí eu já assisti palestras de um físico da UERJ, o Raul, que ele fazendo a raiz quadrada, a robuda lá, eu fiquei impressionada de ver como que realmente tem uma ciência em cima dessa brincadeira. Aí eu consegui entender porque que as pessoas... por exemplo, uma das perguntas lá, no curso que eu fiz, eu falei para eles, “Olha, tem duas imagens que durante o percurso da procissão, que o povo rezando, o povo cantando, me dá uma emoção muito forte.” E eu fico olhando para as pessoas, sabe, assim, qual a reação psíquica ali das pessoas, vê uma imagem. Os mais idiotas pensam assim, “ah, uma imagem de madeira, não tem nada a ver”. Mas as pessoas não sabem que ao redor daquela imagem, a quantidade de núcleos de luz, espíritos, que estão no processo de crescimento, de alcançar a justiça, temperança, fortaleza, prudência, fé, esperança e caridade. Os santos do Divino Espírito Santo que o Povo reza tanto e pede tanto. E que vai ali, aquelas bolinhas, porque são pessoas que morreram, estão acabando de pagar os pecados aí pra fora, né, dentro dessa energia positiva, né, e que normalmente, né, você vê porque que as pessoas fazem, banho de descarrego... Vamos botar ali, por exemplo, e eu tenho o manjerição que eu deixo na janela para o alecrim, para energizar. E eu fico para entender uma coisa mais séria que você possa imaginar. Porque as pessoas não sabem por que o negro divulgou isso. Porque conta a história dos judeus. Porque lá na savana africana não tem essas plantas, não. E aí as pessoas esquecem o que que o Santos Reis levou pra Jesus. Aí você fica pensando assim, meu Deus do céu, esses elos, sabe? Histórico, de ligação, de emoção, né? Vai, eu tive duas alunas, teve uma

excursão para a Fátima, em Portugal. Elas eram artistas. Aí, logicamente, o povo católico se organizou, entrou em fila para entrar no pátio lá onde a Nossa Senhora de Fátima apareceu. Aí eram os caras comedificados lá do lado de fora. Pegou e acompanhou. Aí chegou dentro da sala de aula e falou assim, “Dona Entrevistada 02, eu chorei o tempo todo”. “Mas por quê? Será que é a mãe de Jesus que te cutucou lá?” “Não, Dona Entrevistada 02, não estou brincando, não. A emoção, parece que a gente está pisando em nuvens.” O pessoal que vai em Lourdes, também na França, e o pessoal que vai na Aparecida do Norte, o pessoal que vai aqui em Congonhas, que são os grandes centros de Romaria, lá... agora, em agosto, início de agosto, tem lá em Bacalhau, que é a Santo Antônio de Pirapetinga, que pertence à cidade de Piranga. Então aí, todos esses elementos culturais que nós herdamos do povo, esses causos, essas lendas, e que muitas vezes as pessoas ignoram que tem um processo histórico e cultural atrás dessa brincadeira. Por exemplo, os judeus que... eles eram, entre aspas, cristãos novos. Porque eles converteram o catolicismo pra quê? Pra poder vir pra cá, pra poder negociar ouro. E outros produtos, porque são hábeis comerciantes. Aqui estava dando dinheiro, então tinham que entrar aqui. O jeito que tem foi falar que era convertido ao catolicismo. Mas, na sexta-feira, eles fechavam a casa toda e faziam o culto deles. Os sabat, e etc. E faziam os zunguetos. Faziam os banhos. E essas folhas aqui eram que vêm lá do Oriente. Só a mirra que não conseguiu aqui, porque ela é típica do deserto. O que o povo chama de mirra é incenso, aqui, na nossa região. Aí, os fofoqueiros passava na porta e via aquele castiçal triangular e o Torá. O Torá do lado desse castiçal triangular, que tem as 12 tribos de Israel. Aí, meu filho, denunciava. Na hora que denunciava, ele chamava a polícia, da quartel, os dragões, eles batiam na porta, jogavam a porta no chão, pegavam o judeu, jogavam óleo quente nos pés pra ele não fugir e todos os bens eram confiscados. Agora, na lista de bens confiscados, estavam os escravos que trabalhavam para eles. Esses escravos tinham aprendido a plantar essas plantas energéticas, o alecrim, arruda, a manjerição, a alfavaca, o incenso. Eu tenho tudo lá no jardim. Fazia os zunguetos, fazia os banhos. É tanto que você sabe que pra enterrar um judeu é totalmente diferente, né? Eu tive a oportunidade, lá em Belo Horizonte, de conversar com um judeu, propriamente dito. É tanto que quando eles mudaram pra lá, eles saem do Bonfim e vai construir um cemitério pra eles, lá no Jaraguá, que é dos judeus. Cujo o tratamento do corpo e também os rituais é totalmente diferente dos nossos. E aí, esses escravos, né, que eram leiloados, eram confiscados, todo mundo queria comprar, mas em conta, né, claro. Aí eles levaram os costumes de plantar, fazer os zunguetos, fazer os banhos, para energizar o corpo e o espírito. Por isso a gente vê tanto caso e tanta história, né? Dentro da nossa cidade, coisas curiosíssimas. Minha tia falava ali perto naquele... Tem a porta grande aqui do lado de cá? Aí ela mostrava pra gente, que ali tinha, na época que ela era jovem, várias pessoas viam uma galinha com sete pintinhos, andando pra lá, pra cá. Aí o pessoal de tanto rezar, aí o... ou a galinha desapareceu com os pintinhos. Meu pai sempre foi ousado, ele morreu com 94 anos, tem 20 anos que ele morreu. Ele falava assim, que os velhos não deixavam os jovens saírem na rua, porque eles não sabiam o que estão aprontando, sabe? E aí contava esses causos, essas histórias. Por exemplo, de Baixo da Gameleira, sempre tinha manifestação de espírito sem luz.

00:38:48 Ivan

Sério?

00:38:49 Entrevistada 02

É, muito doido. E várias, e várias histórias aí, sem respeito, da gameleira. E aí, meu pai falava, teve uma vez que eu estava sentado, quase nove horas da noite, jovem, lá sentado, lá na ponte. Aí um colega, aí falaram assim, “quem tem coragem de ir lá na Igreja das Dores, tirar uma cruz de lá e trazer.” Sabe? Aí era parente do exército, né? Filho, não sei se era filho ou se era neto do capitão do exército, porque aqui tinha, né? O 4º Companhia de Comunicação. E a... e a infantaria. “Aí pode deixar que eu vou lá e tal.” Aí ele foi e buscou a cruz. Na hora que ele chegou com a cruz, o pessoal rezou. “Você é doido? Volta lá e põe a cruz lá no lugar.” Rezaram e ele voltou para a cruz. E ele não voltava de jeito nenhum. Aí um dos colegas do meu pai, na época, falou assim, “ele deve ter feito uma caganeira pelas pernas abaixo para devolver a cruz lá”. E você lembra que antigamente usava muito mantor, né? Aí, logicamente, ele deve ter borrado, por isso ele não voltou. Aí quando foi chegando 22 horas, eles foram embora pra casa. E quando foi no outro dia, 5h30 da manhã, quando as donas que iam pra fábrica, trabalhar na fábrica, viu a porta do cemitério aberto, né? Aí foram lá ver, “uai, o que será aconteceu que o cemitério estava aberto?” E aí quando chegou lá, ele tinha colocado a barra do mantor, tinha agarrado na ponta da cruz e ele foi enterrar na hora que ele foi levantar, não saía. Ele ficou agarrado lá e desmaiou. Mas na verdade era na nada.

00:40:55 Ivan

E ele achou que alguém estava segurando.

00:40:57 Entrevistada 02

Ele estava puxando, sabe? Meu pai volta e meia contava isso. Ah, teve uma vez que meu pai foi chamado, lá na Piedade. Lá na Piedade tinha cinco, pelos meus cálculos, do que meu pai tinha um respeito muito grande, cinco minas que ninguém entrava porque apanhava que nem burro ladrão, por causa do ouro que estava enterrado lá. Era muito comum. As pessoas ricas botavam dois, três escravos, matavam eles para tomar conta do ouro. E aí ele ia embora para Portugal, esperando a derrama, e depois ele voltaria. Só que o cara não veio buscar, porque a Inconfidência Mineira ficou muito marcada. Aí o que acontece? A mulher meteu o couro no homem lá e o homem todo lombado, sabe? Aí, vinha buscar meu pai. Disse, “ó, sou Dodô, sabe das histórias”. “Aí, não, eu não fui na zona, não, mulher.” “Foi sim, apanhou, foi na zona, porque teve briga na zona”, que ali era na rua Xavier da Veiga, né, a zona boêmia. Aí, lá foram levar meu pai lá. Quando chegou lá, “Sô Dodô, olha como é que ele tá todo lenhado. Olha as costas dele. Olha a tala, na mesma largura, nos braços e nas costas.” Aí, pai, “Ondé que ce foi?” “Ah, Sô Dodô, eu entrei ali na mina, tentando pegar uma garrafa de ouro, que tava lá dentro, e aí eu comecei a apanhar, apanhar, custei a sair cá fora. E aí eu vim pra casa e a mulher aqui achou que eu tinha apanhado na zona.” Aí, meu pai pegou e falou, “Não, lá ele não tava, não. Eu tava lá. Eu tava tocando violino lá, com as dona, não teve briga, não teve confusão, não.” Porque meu pai gostava muito de dançar, tocava violino, conversava com o deus do mundo, ele não tinha diferença pra ele. Todo mundo era igual. E aí, você vê. Por exemplo, lá na Ponte dos Tabuões, é outra história, séria, que esse aí, inclusive o professor Vadim, lá da Escola de Farmácia e Bioquímica, ele mais uns estudiosos, já estava começando a aparecer aqueles aparelhos para detectar ouro, metal, né? Vai andando assim, o metal. E aí ele falou, “Olha, tentamos. Chegamos lá...”, eles foram buscar um médium lá de Belo Horizonte... O que há de chique. Aí o cara baixou o santo lá, mostrou onde é que estava, aí na hora que eles começaram a furar o buraco

apareceu as caixinhas que eram de madeira com as moedas de ouro lá aí na hora que eles tentaram tirar os dois que estavam lá dentro, inclusive dois estudantes aqui da Castela estavam lá dentro, ele levantou assim lá pra cima e apareceu em cima da terra, aí o pessoal, os dois colegas. “Ah, ele luta capoeira, por isso é que ele conseguiu sair de lá, ele vai voltar aqui mais tarde.” “Não, gente, não é não.” Aí, na hora que o outro, metida besta, foi dar o pulo, ele levou um tapa aqui, que a mão ficou assim, marcada no peito da pessoa. Aí, esse médium falou, “Olha, muito simples, vocês podem levar, mas dois tem que ficar.” Aí pergunta se alguém quis ficar. Nem o que não acreditava quis ficar. Então é muito interessante. Cada lugar que você vai andando, cê vai ouvindo as pessoas, vendo os causos e as histórias... pela rua afora. Isso aí é comum! Hoje já não tem mais, porque os carros tiraram os espíritos, mas eles passam do lado. Sabe? É tanto que Chico Xavier não conseguiu entrar aqui. E outras pessoas que são videntes... Tem um problema muito sério aqui em Ouro preto. Sabe? Porque não consegue andar porque eles querem conversar, querem pedir razão de algumas coisas. Você já conversou com o pessoal da Maracangalha?

00:45:57 Ivan

Não, ainda não.

00:45:57 Entrevistada 02

De lá tem um fenômeno também.

00:45:59 Ivan

Sim, o pessoal fala muito pra ir lá conversar com eles.

00:46:03 Entrevistada 02

Muito interessante. Mas aí, por exemplo, lá do Pico de Itacolomi, onde que o Vira-saia enterrou... A equipe, né? Era um grupo que enterrou o ouro lá, eles... Até os aparelhos altamente tecnológicos, há uns seis anos atrás. Inclusive, a última notícia que eu tive foi dois chilenos. Eles escorregaram para a beira abaixo lá e quase que eles morreram. Porque vai mexendo onde não deve. Sabe? E o ouro tá lá, 400kg de ouro documentado. Eu sou da época, e Seu João Pinheiro, que era um dentista muito conceituado aqui, estudioso também. O Estado, ele era dentista do Estado, e ele consegue esse mapa. Só que a maioria das coisas que tava lá no mapa, não tem mais. Sabe? Porque lá, quando chove, as pedras... as árvores vão enrolando, porque é 1.200 de altitude, né? O pico é 1.774. E aí, na hora que chove, vem rolando tudo, né? Desce. Ali atrás, a serra que você vê aqui, o pico desce lá embaixo e depois você sobe pra chegar nessa serra que é plana. Que você vê daqui da igreja lá. E é muito interessante. Também já fui mais de 5 ou 6 vezes lá.

00:47:39 Ivan

Eu tenho vontade de ir no Pico.

00:47:41 Entrevistada 02

Ah, é lindo, maravilhoso.

00:47:42 Ivan

Eu tenho vontade de ir.

00:47:43 Entrevistada 02

Tem esses meninos aqui embaixo. Um dia você marca com eles para ir. Porque agora é a época, né? Porque o problema de chuva lá... Eu já peguei duas chuvas lá, que eu dava o curso de informações turísticas, em 70, 74, até 76. Nossa Senhora... É lindo né? Eu adoro raio! O raio bate na pedra e volta assim tictictictic. Ah, mas é lindo. Aí a gente gritava, “Santa Bárbara e São Jerônimo, Jesus Cristo crucificado, arreda a tentação e as trevoadas que lá no céu estão bem armadas. Santa Bárbara e São Jerônimo.” E aquilo vem assim. E a gente pelejando pra descer.

00:48:25 Ivan

É, o problema é descer.

00:48:27 Entrevistada 02

É muito legal. Então tem que ser na época de seca mesmo. A única babaquice que, nossa senhora, me dá tristeza é quando vê idiotas que botam fogo lá. Porque lá tinha, na minha época, até meus 15, 16 anos, né, que... 19 anos também, porque eu saí daqui de Ouro Preto, eu tinha 27 anos. Mas eu... era muito comum. A gente subia o morro, né, e você via onça levar os dois filhotinhos, pra tomar água. Ela paria lá na Serra do Caraça e vinha trazendo os dois filhotinhos. Porque ali, logicamente, pela lei da cadeia alimentar, tinha uns veadinhos desse maninho assim. Bonitinhos, você precisa ver. Que era a cadeia alimentar delas. E era muito bonito a gente ficar. Mas a gente tinha que ficar de olho, né? Porque o vento, vem aquela catinga de carniça. Então, né, logicamente, você pode andar. Agora, na hora que você perde esse cheiro, volta pra trás, porque ela que tá recebendo, né, o vento, o cheiro do seu corpo. Nessas caminhadas, todo mundo sempre teve muito respeito desse ouro enterrado lá, por quê? João Pinheiro morreu lá, várias pessoas atrás desse ouro. E logicamente...

00:50:00 Ivan

É ouro, né?

00:50:01 Entrevistada 02

Não vai mexer não, mexe não que o pau quebra na cadinoca! Sabe? E eu vejo, sabe, assim, mesmo turista, é questão séria. Eu, às vezes, eu tô com turista, né, que eu trabalho ainda como guia, eu chego perto da mina e eu pergunto, Tá sentindo bem? Se não tá, não entra não. Porque corre risco da pessoa chegar lá e ela vir trazendo um monte de espírito que tá lá. Aqui na nossa, no lado da igreja, é muito interessante. Eu já passei por algumas experiências ali. Teve uma vez meu filho que tinha um senhor. Eu perguntei ele, ele falou que era 1,95m. Mas eu acho que tinha mais um pedacinho, uns 10 centímetros a mais. Um crioulo, assim, grandão, fortão. Ele estava na grade e eu lá, do outro lado, depois do tanque. Ele falou, “Minha senhora! Oi, minha senhora. Oi.” Falei, “Oi, como vai? Tudo bem?” Aí ele falou, “A senhora pode vim cá?” Aí eu fui lá. “Escuta, a senhora me dá três ramos da sua lavanda e dois ramos do alecrim? Escuta, tava lá, ó, lá perto daquela janela, ó, ali ó, daquela janela.” Fiquei “Gente, que cara que consegue ter um olhar tão sério de ver no meio do mato, as três plantas que ele tava querendo.” Aí eu tirei as três

plantinhas e dei pra ele. Aí ele começou, sabe? A se benzer, falando em urubá. Depois ele fez um tipo de uma ladainha em Nagô. Eu peguei, meu filho botei aqui assim e falei, “Amém! Salve Maria! Amém!” Aí ele acabou de se benzer, né? “A senhora entendeu o que eu falei?” “Mais ou menos, meu filho, que eu sou rainha conga.” Ele falou, “Eu também! Eu sou rei congo de uma guarda de congado lá de Divinópolis. Eu vim aqui pra fazer a saudação aos espíritos que morreram aqui nas minas, que é uma obrigação minha na atualidade. E eu... Tô vendo um monte de criança aí, ó. E eles querem me acompanhar. São os eres.” Os erês, né? “Eles tão aí adorando a senhora mexer nisso aí.” Aí eu peguei e falei, “Jóia, beleza!” Aí eu rezei. Logicamente, ele rezou comigo mais uma vez. E foi muito curioso. Essa manifestação. E aí é que eu pude entender. E eu ainda xingando os meninos da escola. Uai, aparecia lá no meu jardim cocadinha, bananinha desse maninho, paçoquinha, cajuzinho. Três dias sumia. Eu ficava, “Gente, não é possível. Esses meninos vêm, ganham lá na hora de sair da escola, não gostam e jogam aqui no jardim. Ta é querendo chamar formiga!” Sério? É muito curioso! Aí, meu filho, ele falou. “Por isso é que daqui três dias some, né?” Falei, “É! Some tudo...” É muito curioso. E eu me divirto, logicamente. Porque a partir de que você estuda, que você pesquisa, quando você vê pessoas, por exemplo, igual a física, que é uma ciência de alto nível, que eu tenho um respeito todo especial do conhecimento, as pessoas que se especializam na área da física, na área da biologia. É fantástico. E aí o cara lá, provando por aí, mas bem. E aí começa a passar os vídeos da fotografia Kirlian, mostrando o comprometimento com as suas palavras, quando você fala, “Deus te abençoa”, “Nossa senhora que te ilumina”, “Vai com Deus”, né? Tem alguns pastores que falam, “Ah, Deus, Jesus misericordioso, te acompanha!”. Voce fala “Amém!”, né? Agora, como tem ondas negativas de pessoas que falam palavrão, e aí por isso é que eu lembro que a minha mãe, aí meu Deus, o pau era assim ó, tirava até sangue da boca se falasse algumas palavras pesadas, né? E ela ensinava, né, que a gente, se você quer que a luz do Divino Espírito Santo te acompanhe, fala coisas boas. Por quê? Porta de cemitério, porta de Santa Casa, Maumau e a data, o nome e a data de nascimento. Ela trabalhava na Santa Casa. E ela tinha largas, 24 anos, largas de experiência, né? Seis da tarde, seis da manhã. Era quando o pau quebrava na cadinoca lá, né? E os pedidos de orações, os pedidos, né? Pessoas assim, que ela nunca podia imaginar, né? Que ia pedir ela, porque aqui em Ouro Preto tinha muita discriminação. Era assim, pra entrar lá naquela, na escadaria do Grupo Marília, primeiro, era as filhas dos engenheiros da UTA. Depois, era a filha dos professores da Escola de Minas. Depois, a filha dos professores da Escola de Farmácia. Depois, a filha dos juizes, né? Advogados, etc. Aí, depois, vinha a gentinha, “Ah isso é fim de funcionário, não vai dar nada mesmo!” Era muito curioso. E hoje eu fico pensando, “Gente, era muito doido, esse processo de criação, educação e percepção do universo.” Ne? E hoje eu não vejo, por isso que eu falo para você, que eu acho que são causos e histórias, que tem vários causos interessantíssimos que ocorreram aqui dentro de Ouro Preto. Você conhece o livro do Alcebiades de Jerônimo? Depois vou te mostrar! Infelizmente, ele não tem edição. Quando eu vim, eu fiquei 36 anos fora daqui. Voltei e aí eu fui atrás, sabe, da filha dele. Porque as duas mais autoritárias, já tinha morrido. Eu assim, “ô Figenia, por que que você não edita o livro do seu pai? Ele é importantíssimo, eu te ajudo. A Masa tem um bom preço, porque é tudo gravura em preto e branco. O meu ficou caro, porque é tudo colorido. Mas a preto e branco é mais tranquilo. A gente pede a Dona Elenor pra poder dar uma revisada, as datas, eu olho pra ver se tá tudo legal. E ocê edita esse livro. Porque faz muita falta os causos e as estórias, os causos de Ouro Preto.” Aí ela fala, “Ô minha filha, infelizmente, ele tá no inventário.” E as duas falam, sabe

aquela casa que tá caindo, ali na subida da casa do Vira-Saia?

00:57:59 Ivan

Acho que eu sei.

00:58:03 Entrevistada 02

A Prefeitura embargou, desapropriou, mas só que os parentes, gente muito forte, de desembargador e tudo mais, não vai aceitar qualquer preço. E o terreno é enorme, e a casa caindo. Lá tem umas datas.

00:58:25 Ivan

O livro está no inventário, nessa divisão aí?

00:58:29 Entrevistada 02

É, e não resolve. Mas eu vou te mostrar. Você quer ver mais alguma fofoca?

00:58:35 Ivan

Na verdade, eu tenho até um roteirozinho aqui.

00:58:39 Entrevistada 02

Então, vamos lá. Vê se eu consegui chegar a alcançar os seus objetivos.

00:58:42 Ivan

Não conseguiu. Você falou até de profissão. Atualmente, você é guia também?

00:58:48 Entrevistada 02

Sou guia de turismo, pesquisadora da cultura mineira. Eu continuo viajando e, logicamente, analisando. E agora, pós pandemia, eu estou reestruturando o meu conhecimento, porque ficamos dois anos aí, questões seríssimas da preservação do patrimônio, a política e tudo mais, e andando para esse mundo de Deus aí no Vale. Eu vou te mostrar o meu mapa, que não é fácil preservar essa memória histórica, cultural, artística, porque, infelizmente, nós encontramos, até mesmo no poder público, pessoas que não se dão conta. que tanto a arquitetura quanto a escultura, pintura, literatura dá dinheiro. Sabe? É só saber trabalhar o marketing em cima disso aí. E em algumas cidades você vê um trabalho fantástico. Em outras cidades, inclusive em Ouro Preto, você fica assim, meu Deus, como é que pode deixar?

00:59:53 Ivan

Deixar passar a oportunidade.

00:59:55 Entrevistada 02

É, e acabar, né? O problema é isso, é acabar. Isso é que é o pior. Porque eu tive na Europa... Gente, uns pedacinhos desse tamaninho, sabe? Você pagava um absurdo para poder entrar, para ver, fotografar. Era só três minutos. Fotografava perto do monumento e saía. Sabe? Tal, é o valor que se dava ao processo histórico, cultural de uma comunidade. E é isso que está dando dinheiro

na Europa. Você precisava de ver as filas para entrar em museus, entrar lá nas igrejas, os prédios com a influência da cultura árabe. E ocê fica assim fascinado olhando pra cima, sabe? A invasão da Península Ibérica, dos árabes, como é que foi, né? Muito lindo! É o que nós deveríamos ter aqui. Por exemplo, a pra... Sabe uma das coisas que eu fiquei chateada lá em cima? Não tem a placa de fundação da cidade. Aí, né, véi? Me poupe. Aí deixa você agoniado, né? Então vamos ver lá. Fala mais coisa.

01:01:14 Ivan

A idade, você já falou, 75 anos, né? É. E a sua idade?

01:01:18 Entrevistada 02

Ah, 75 anos! Lindo padaná...

01:01:21 Ivan

E você é daqui de Ouro Preto, né?

01:01:22 Entrevistada 02

Dos meus encantos. Ainda bota uma puta (inaudível) por todo canto.

01:01:29 Ivan

Né, a pergunta é, esse roteiro...

01:01:32 Entrevistada 02

Não, lógico, sem frescura.

01:01:34 Ivan

O roteiro foi minha orientadora que fez.

01:01:36 Entrevistada 02

E aí... Ah, lógico, evidente.

01:01:38 Ivan

E aí eu tô seguindo, mas assim, é uma conversa. E aí ela até pergunta, né, se você conhece algum caso, lenda ou história de assombração.

01:01:45 Entrevistada 02

Já contei tudo. E mais um cado. Se ficar aqui, minha filha não vai beber cerveja, vamos falando tudo. Tem que andar pra poder ir contando. Por exemplo, ali na subida da ladeira de Santa Efigênia, que tem um oratório, em frente a essa casa que tá lá toda pelengada, caindo. Ali é que o... Os bandidos que assaltavam, que eram amigos do Vira-Saia, assaltavam a diligência que saía da casa de fundição. Aí eles botavam a saia assim e viravam ao contrário, para saber aonde que a diligência ia. Aí eles iam lá e assaltavam. Aqui na cidade, eles não encontravam, não.

01:02:34 Ivan

E qual é a importância dessas histórias para a sua vida?

01:02:38 Entrevistada 02

Fantástico! Porque cada dia eu descubro novidade, sabe? Porque a bibliografia é bastante... Ne? Cada dia você vê pessoas através de mestrado, de doutorado, correndo atrás dessa bibliografia. Mas a gente sabe que muita coisa se perdeu, sabe? Muita coisa se perdeu. tanto das irmandades. Principalmente quando houve a decadência da produção do ouro, que o pessoal foi embora para Belo Horizonte. Aqui ficaram aqueles povos que não tinham jeito de sobreviver. E aí, por exemplo, o caso daqui foi a família do meu pai que deixou essa casa. Então, ficou mesmo aí poucos funcionários públicos. E aí começa a aparecer. A fábrica de tecidos, que vai dar trabalho para as pessoas, mas o que vai realmente começar a erguer novamente o bem-estar da comunidade ouropretana foi a... em 1923, quando começa o início da OCAM, que era ferro, a indústria do ferro, que começou a desenvolver, aí depois veio a OCAM. Aí deu melhores condições. E a fábrica de tecidos também deu oportunidade para as pessoas crescerem. Mulheres... E a escola de Minas. Muitas mulheres lavavam a roupa dos estudantes para sobreviver, para poder manter as famílias.

01:04:31 Ivan

Você se identifica com alguma?

01:04:33 Entrevistada 02

Todas.

01:04:34 Ivan

Especial?

01:04:34 Entrevistada 02

Todas.

01:04:36 Ivan

Todas.

01:04:37 Entrevistada 02

É, porque cada vez que você senta num lugar e ouve as velhinhas, né? Principalmente o pessoal. Por exemplo, lá em Lavras Novas tem a Pedra do Segredo. É muito curioso, sabe? Cada comunidade que você vai, você vê estórias de causos e eu tô sempre cutucando. Apesar de eu saber da história, né? Mas eu chego na comunidade e fico sentado ouvindo, sabe? As pessoas contarem. Quer dizer, confirmando o meu conhecimento, dos meus avós, né? Meu pai, minha mãe, que me dava essa oportunidade de ouvir, conhecer e ver, ouvir as pessoas.

01:05:26 Ivan

E você tem alguma história que você fala assim, nossa, essa aqui é a cara de Ouro Preto? Você tem alguma coisa que você fala assim, nossa, essa história aqui não só podia acontecer em Ouro Preto?

01:05:36 Entrevistada 02

Não. Toda são.

01:05:37 Ivan

Toda são.

01:05:39 Entrevistada 02

Sabe por quê? É uma coisa muito curiosa, porque a gente tem que pensar alguns causos e algumas histórias, não só dos estudantes que vinham estudar aqui, e personalidades, filhos de personalidades políticas. Isso não era agora não, desde 1867, que tinham condições de vim e manter o estudante aqui. Muitas vezes eles vinham estudar no Arquidiocesano. E assim, vários momentos, né? Por exemplo, Zé Pereira, do Clube dos Lacaio. Os blocos carnavalescos, eu sempre participei. Dos eventos religiosos, né? A Semana Santa. Então, eu sempre participei de tudo. Sabe? Festa Junina. um monte de coisa, sabe? Eu sempre tava em colher de pau em tudo que eu até canto. Depois eu te mostro meu álbum, Escola de Samba, sabe? Tudo. Não, pra nós não tinha limite não. Nós caía matando mesmo.

01:06:57 Ivan

Você considera que existe algum risco na perda e esquecimento dessas histórias?

01:07:00 Entrevistada 02

Tem.

01:07:03 Ivan

E quais são os prejuízos?

01:07:05 Entrevistada 02

É porque agora tem um problema sério no nosso arquivo. Agora que a prefeitura vai inaugurar um setor do arquivo municipal. E, logicamente, nesse arquivo municipal... Eu estava conversando com a Helenice. Essa é uma pergunta que eu gostaria muito que você conversasse com a Helenice. que ela tá lá por volta de nove horas, lá na casa do Gonzaga. Aqui, amor. E aí, ela também tem, assim, ela é historiadora, né, logicamente, ela mexe com o arquivo, e eu acho isso super importante, que eu não sou dona da verdade não, mas tenho punhado de gente que é dona da verdade. É, e corre atrás e luta pela preservação da memória. Sabe? E há duras penas. Hoje nós temos uma FAOP que está lá pelejando, dando curso para restaurar papel, guardar papel, guardar fotos antigas, programas. Eu tenho um arquivo, estou lutando e correndo atrás desse arquivo, de programa de festa, porque através do programa de festa, você fica sabendo dos usos, costumes, tradições, como é que eram as coisas, como é que é hoje, sabe? Agora, só que tem muita gente que ainda fica amarrando mixaria. Deixa eu buscar o livro pra você ver. (Saiu para procurar livros por sua casa). Eu sou tal da lactose, e aí ontem eu comi pudim até... Aí você já viu o pau de bosta, né?

01:08:46 Entrevistada 02

Você não imagina, sabe? Que você fica assim, né?

01:08:48 Entrevistada 02

É muito curioso, é muito... Vou te mostrar, eu sei. Você tem uma ideia. A gente corre atrás das manifestações culturais, da literatura, que eu acho super importante. É uma pena, nós tivemos duas perdas lá em Belo Horizonte. Teve uma... A imprensa oficial pegou fogo uma vez. E, logicamente, vários livros de várias pessoas que, na época, geralmente, advogado, juiz da cidade tinha uma verba e editava, por exemplo, 100 livros. E aí a tipografia cagou fogo e metade das coisas se acabaram. Então, foi uma perda incalculável da literatura. Mas eu tenho! Você tem uma ideia? Porque você tem que fazer o paralelo do processo histórico com o cultural. Entendeu? Minas Gerais não é só essa área aqui. Nós temos um quadrilata de ferrífero que daí as pessoas saem atrás, depois que a decadência da produção do ouro, né? Voltam, talvez, subindo pelo Rio São Francisco, Sobe aqui, você sabe que Diamantina começou em 1814, a exploração do diamante, propriamente dito. Teófilo Otoni, as pedras preciosas, né? Depois você vê a Zona da Mata, com o café, os puxa-saco dos nobres do Rio de Janeiro, e aqui no sul de Minas, você vê uma leitura progressista, uma forte influência italiana, logicamente, alemã, e o Triângulo Mineiro, que passou para Minas Gerais em 1816, por causa da Maria Joaquina do Pompeu, aí você vai lembrar da Dona Beja, que realmente influenciou essa mudança, essa transformação do modo de vida das pessoas. Essas coisas aqui... (inaudível) Esse aqui, eu li o livro. Que aí eu falei pra você, que aí a editora me ligou e mandou pra mim. (inaudível)... dez por cento de comissão.

01:13:18 Entrevistada 02

Dai os causos, por exemplo, do Chico Rei. Eu posso mandar pra você, sabe?

01:13:19 Entrevistada 02

(inaudível) Aí eu mando pra você, é só você me dar seu... seu e-mail. Os causos e as histórias pra você.

01:13:48 Ivan

Nossa, seu livre é lindo! Tem tanta coisa. Tanta coisa aqui.

01:14:13 Entrevistada 02

Agora, tem alguns causos e lendas que você vê, ne? Aqui você vê, você vê lá em... E aí você vai andando. Subindo e descendo o morro.

01:15:03 Entrevistada 02

Ah, eu vou dar você o endereço, pra ocê ir fofocando com três pessoas aí descendo.

01:17:03 Entrevistada 02

Lá em Lavras Novas, você tem que ir para ver as duas veias contar a história do... da Pedra do Segredo. Isso aí é livre, você pode contar para você. A Pedra do Segredo lá de Lavras Novas, tem Dona Lidia lá, muito curioso, sabe? Cê precisava de ver, ela faz a (inaudível) das almas, sabe?

01:22:50 Ivan

(Voltou com os livros) Curioso esse livro, né? Ele serviu na minha quarta série. Eu. Eu fazia esse aí. E é muito interessante. Eu tenho um texto informativo que eu dava aula de folclore, né? Aqui, ó. Esse aqui é o Dodói. E depois, se você quiser xerocar, nós vamos ali, ocê xeroca. Certo? Vilma, não deixa a bonita vir não. Tem um rapaz lindo e poderoso aqui. Se ele morder, não volta mais. Eu tô perdida!

01:23:29 Entrevistada 02

É minha prima. Ah, coitadinha. Ela é muito legal, mas a gente tem que falar assim. São amigos. É a amiga da vovó, e a gente vai conversando, aí ela vai acalmando os ânimos. Mas é a mais bravinha. E é a menorzinha da casa. Esse é muito interessante, os causos e as histórias aí. Eu amo. Sabe por quê? Ele era da coletoria. E era uma das pessoas mais antigas que sabia ler e escrever. E como era coletor, né, meu filho? Tinha que escrever um português, metido a besta. Então, eu sou, assim, apaixonada com o trabalho dele, porque eu tive a oportunidade de conhecê-lo, sabe? E eu ficava sentada, ouvindo, sabe? Aí, se você quiser, a gente pode xerocar ali em cima, sabe? E aí você encaderna. Acho que é muito legal. Porque eu acho que, sabe? É a base. O resto é tudo fofoca meio a meio. Sabe? Ele é fantástico! E são histórias reais, sabe? E as pessoas, até na minha época, pra falar sobre ele, sobre o Sr. Alcebíades Jerônimo, nossa senhora. O pessoal tinha o maior respeito dele. Porque ele pesquisava, ele ouvia as pessoas.

01:25:06 Ivan

Nossa, eu vou querer, viu?

01:25:07 Entrevistada 02

Ah, se você quiser.

01:25:10 Ivan

Eu vou querer tirar xerox sim.

01:25:12 Ivan

Eu até parei aqui, né? Porque dia 29 eu lembrei do meu avô, inclusive. Ele nasceu no dia 29 de setembro.

01:25:19 Entrevistada 02

Ai, que lindo, eu sou do dia 30, então ela é chique demais da conta. Sabe? Aqui ó procê vê, esse foi feito aqui, em Ouro Preto, para as crianças. É isso que tinha de... Repetir... A Cláudia está pelejando para ver se faz o joguinho outra vez desse livro, sabe? Agora, o que eu fico puta é que dinheiro pra trazer conjunto musical, que não tem nada a ver com o processo histórico, até que enfim trouxeram orquestra, sabe? Mas esses troços... Ontem, por exemplo, eu fui ali na ponte, tava tão alto que eu fui embora. Sabe?

01:26:14 Ivan

O som.

01:26:15 Entrevistada 02

Nossa senhora! Eu falei, não, vamos embora. Isso aí não é do... Como é que o pessoal aguenta ficar num troço desse? É muito sério. Sabe por quê? Minha filha, ela canta. A banda do meu genro é cover do Rolling Stones. E assim, ele mantém o critério disso. É tanto que ele comprou uma mesa de som pra não ficar usando mesa de som vagabundo pra não queimar o filme. Por quê? Ele usa três guitarras nos shows, né? Você tem uma ideia? Eu vou te esnobar. do Rolling Stones., viu, né? Veio pra poder cobrar deles, porque estava cantando sem avisar. Aí eu ia dizer esse cara feliz. Falou, “Não, (inaudível), mas que coisa boa vocês achar que nós estamos tocando bem, né?” “Ah, mas vocês estão muito bem”, o cara, o advogado achou... Sabe quando você grava e depois bota uma gravação e você fica tocando lá no palco e não tem nada a ver? Ele não. Aí ele falou, “Olha, o senhor vai ouvir a gente ensaiar. O senhor vê que nós não estamos fazendo gravação do Rolling Stones e fazendo marketing, não! A gente toca, a gente gosta.” E aí foi, levou ele lá, ele tem as guitarras, né? E o colega dele também, tá acostumado aí pra Europa voltar, e pros Estados Unidos, comprando equipamento de alto nível, principalmente as guitarras, né? Falou, “Não, aqui a gente toca com precisão, a gente não vai sujar o nome do Rolling Stones, não uai.

01:28:14 Ivan

Nossa, gostei. Esse aqui...

01:28:16 Entrevistada 02

Não é? Não é meu dodói?

01:28:19 Ivan

E esse aqui é?

01:28:22 Entrevistada 02

Vai, vai vindo aí. E esse aqui é lá da comunidade. Também você pode fazer uma entrevista com a Entrevistada 01.

01:28:32 Ivan

Eu conversei com a Entrevistada 01 ontem.

01:28:34 Entrevistada 02

Ah, é? Ela falou do livro dela.

01:28:36 Ivan

Falou.

01:28:37 Entrevistada 02

Do Engenho d'Água.

01:28:38 Ivan

Falou.

01:28:39 Entrevistada 02

É que ela é lá da comunidade, lá de São Bartolomeu. Aí de cada distrito tem um parecer, uma observação, por exemplo, a lenda, o causo lá da Igreja, da gruta, de Nossa Senhora da Conceição da Lapa. O pessoal vai lá pagar promessa. que as crianças entraram lá pra dentro da gruta e aí depois não sabia como sair, apareceu Nossa Senhora iluminada e trouxe elas até na porta e eles faziam a descrição da mulher aí eles viram que era a Nossa Senhora que trouxe elas pra fora, sabe? Muito interessante!

01:29:33 Ivan

Nossa, muita coisa. Deixa eu ver isso aqui.

01:29:38 Entrevistada 02

Esse é da Entrevistada 01. Ah, não te mostrou o seu livro? Ah, deixa de ser egoísta. Nossa, só tem umas coisas que a gente pede à morte. Depois você olha esse livro aqui, que é de 1955, e é muito curioso também. Eu sou apaixonada com ele. Aí você olha aqui o índice, sabe? Os causos. Muito interessante. Aí você escolhe o que você quiser que eu xeroque também. Nós vamos ali e xerocamos. Esse livro é o meu dodói também. Ele sai com a minha mão segurando. Eu consegui, no sebo, nas dura penas. Agora, isso aqui é um absurdo. Sabe? A família... E um deles, você acredita? Que é mais novo. Que é advogado. O Mojão morreu. Não, você vai aqui, ó. No índice, pra você ver. Que coisa curiosa. As fofocas. Vira pra cá. Aí. Não. O índice. Vai indo, vai indo. Vai lendo aqui, vai lendo aqui. Cada coisa curiosíssima. Sabe? Por isso é que eu falo pra você. Eu não gosto de falar lenda. Eu gosto de falar causo. Porque quem conta um conto, aumenta um ponto. Mas que o fato aconteceu, aconteceu. Sabe? Em vários lugares que eu fui, eu sentava na mesa de boteco com os veininhos. Sabe? Eu ia lá no banheiro, escrevia, voltava outra vez e continuava conversando. Bebia cerveja, cachaça. Mas era a única forma. deles se sentirem à vontade. Eu não deixava eles saberem que eu fazia...

01:31:41 Ivan

Nossa, tem muita coisa...

01:31:42 Entrevistada 02

Muita coisa curiosa.

01:31:43 Ivan

Muita coisa legal.

01:31:44 Entrevistada 02

E os causos que ocorrem ao entorno deste fato. Isso é que eu acho muito interessante! Grande parte dessas coisas aí, meu filho, eu sou de 49, vivenciei muito os velhos falando, nas procissões, conversando, assim, na porta da igreja, esperando a procissão, aí eu ficava sentada ouvindo os velhos, sabe? É muito interessante. Aí qualquer coisa que você não entender, você só me perguntar que eu te dou as fofocas.

01:32:32 Ivan

Nossa, que legal. Ó, acho que eu vou querer escanear esse aqui.

01:32:39 Entrevistada 02

Já vai, né?

01:32:40 Ivan

Porque esse aqui é muito grande. Eu vou começar por esse aqui. Depois eu...

01:32:42 Entrevistada 02

Então, vamos ali. Quantas horas?

01:32:47 Ivan

Agora são quatro horas.

01:32:50 Entrevistada 02

Então, vamos lá?

01:32:51 Ivan

Você não passa o da Helenice? Qual é que é o contato dela?

01:32:55 Entrevistada 02

Helenice? Peraí. Ela fica lá de nove até uma, tá? Porque ela é do arquivo público ali, na casa do Gonzaga. A gente tem que beber muita cachaça.

01:33:18 Entrevistada 02

É, ué.

01:33:19 Entrevistada 02

Tal do... do... Ela mora lá no morro Santana, ela é de Lavras Novas. Então, você vai perguntar para ela duas coisas. A pedra do segredo de Lavras Novas. Fala, “Helenice, a Dona Entrevistada 02 falou de você, que ela tem um respeito tão grande do povo lá, de Lavras Novas, e eu sei que tem muito caos, tem muita história, mas uma das coisas...” Aqui, ó. Aqui, ó. Na casa dela.

01:34:05 Ivan

xxxx.

01:34:05 Entrevistada 02

xxxx? xxxx. xxxx. Olha, né?

01:34:07 Ivan

Lá na escritaria.

01:34:09 Entrevistada 02

31... x-x-x-x-x x-x-x-x-x E aí você pergunta ela lá no arquivo da prefeitura, não é? Tem uns

causos, umas histórias do vereador lá, muito interessantes. Não sei se ela sabe do vereador. Você mora onde?

01:34:59 Ivan

Na Bauxita.

01:35:03 Entrevistada 02

É. E aí, eu desço com netinho e amanhã a gente pega ou ele pega agora. Vamos lá ver?

01:35:14 Ivan

Vamos lá.

01:35:16 Entrevistada 02

Coloca o que você quer. Deixa essas coisas aí.

01:35:19 Ivan

Pode deixar aqui?

Apêndice 4 - Transcrição da Entrevista com Entrevistada 03

Entrevista com a Entrevistada 03 no dia 20 de Setembro de 2024

Entrevistador: Ivan Aguiar

00:00:01 Ivan

Lendas enquanto patrimônio de ouro preto e região: o turismo como possibilidade de salvaguarda dessa memória. Eu quero justamente ver o quanto dessas lendas carregam a identidade de ouro preto, sabe?

00:00:13 Entrevistada 03

E quanto elas carregam de história real.

00:00:15 Ivan

Isso também.

00:00:16 Entrevistada 03

Real. Por quê? Porque como a cidade ficou deserta, como a cidade ficou capital, uma iluminação muito fraca e muito cemitério, porque cada... não podia ter convento. Cada irmandade tinha uma igreja própria, como era muito rico. No começo, cada irmandade tinha um altar dentro da igreja. Depois, cada um fez sua capela. Então, a capela subentende um cemitério. Então, você imagina, o pessoal fica com medo. Todo mundo tem medo de cemitério. Se morasse perto do cemitério, do lado, você não ia ficar assustado? Chegar em casa, uma hora da manhã...

00:00:52 Ivan

Eu não ia gostar, não. Mas aí, eu tenho algumas perguntas, né? A primeira parte, né? Sabe um pouquinho de cidade de residência, idade, escolaridade, profissão? Se quiser, pode falar tudo de uma vez. Cidade de residência é Ouro Preto. Certo?

00:01:12 Entrevistada 03

Sou natural de Pará de Minas. Cidade que desmancharam tudo, até a Igreja Matriz. Então eu tenho um carinho especial por Ouro Preto, porque aqui preserva. Eu acho um absurdo não preservar. Se cada cidade tivesse seu núcleo histórico preservado, o brasileiro seria outro.

00:01:30 Ivan

E você tem quanto tempo que você tem Ouro Preto?

00:01:35 Entrevistada 03

Nossa, deixa eu ver. Eu morei aqui solteira em 72, 73. 74, eu fui para o Peru. 75, eu voltei. Casei em 76, 77. E fui morar em BH. Fiquei lá uns dois anos, voltei pra cá, casada, fui pra Antônio Pereira, que não tinha casa não. Antônio Pereira e meu sogro tinham uma casa lá, é Distrito de Ouro Preto, em... nasceu em... 83. De 83, na verdade eu fiquei em Antônio Pereira de... Vim pra

cá em 83. Estou aqui desde 1983. Dentro de Ouro Preto, morando. Fora esse período solteira. Sabe? É muito tempo.

00:02:32 Ivan

É muito tempo.

00:02:34 Entrevistada 03

Eu não me vejo em outro lugar.

00:02:35 Ivan

Eu também não me vejo em outro lugar.

00:02:36 Entrevistada 03

Não, eu adoro. Cada tempo, cada estação, a gente vê a paisagem com outra cor. Eu fico batendo foto do povo me oferecendo hotel, oferecendo restaurante. Eu moro aqui, sabe? Mas eu sei apreciar essa cidade.

00:02:50 Ivan

Eu sou assim, eu tava falando, inclusive, vindo pra cá, tava falando com um motorista, pedi um motorista pra descer. Falei assim, eu sou de BH, eu não vejo morando em outro lugar. Eu quero continuar morando aqui.

00:03:04 Entrevistada 03

Eu não me vejo em outro lugar também, não. Gosto demais daqui.

00:03:12 Ivan

Sua idade?

00:03:12 Entrevistada 03

Tô com 77.

00:03:13 Ivan

Escolaridade?

00:03:15 Entrevistada 03

Tem pós-história. Fiz história e fiz uma pós-graduação aqui em Mariana.

00:03:20 Ivan

Bacana. Em história?

00:03:22 Entrevistada 03

História.

00:03:24 Ivan

E sua profissão?

00:03:25 Entrevistada 03

E fiz também, eu tenho curso também de restauração e preservação de obra de arte.

00:03:31 Ivan

Bacana, na FAOP?

00:03:31 Entrevistada 03

Na UFMG.

00:03:32 Ivan

Ah, na UFMG!

00:03:33 Entrevistada 03

Fiz na FAOP, depois fiz na UFMG.

00:03:35 Ivan

Bacana, legal.

00:03:37 Entrevistada 03

Restaurei durante um tempo, mas não mexo com isso mais não.

00:03:39 Ivan

E profissão?

00:03:42 Entrevistada 03

Professora.

00:03:43 Ivan

Professora?!

00:03:44 Entrevistada 03

É. Eu não queria dar aula, não, mas caber assim, com filho, marido de artista plástico, e a gente aí foi... Não, não, vou dar aula! Então eu dei aula, a minha sorte é que foi aqui no Dom Veloso, no curso de magistério. Então o curso de magistério formava as professoras que iam dar aula pra criança. Então eu peguei o lado da história mais humano. E como não tinha aula de artes pra elas, não tinha nada. Eu mandava elas montarem teatro, sabe? Pra fazer, por exemplo, revoltas do que teve no Brasil. Não é muito chato você chegar na sala e falar “ó, houve uma revolta em tal lugar por causa disso, daquilo, daquilo”?! Não. Encena! Encena a revolta, dá um jeito... Eu vou dar nota no conteúdo, na criatividade da encenação e da conclusão. Se virem! Pode ser um repórter: “alguém está passando, você foi testemunha desse massacre”, aí a pessoa dá o testemunho. Ou então júri. Sabe?! Eu fiz um curso que tinha negócio de júri de personagem histórico, eu achei genial. Eu fiz vários. Nossa, era um sucesso! Você vai julgar Hitler, por exemplo. Ou qualquer

outro personagem da história. Então os meninos ficavam empolgadíssimos. Uma mãe me cercou um dia e falou assim “como assim? Meu filho nunca estuda, agora tá sábado e domingo enfiado no livro, estudando história, o que você inventou?”. “Uai ele resolveu ser advogado de defesa, não lembro mais do que que nós estávamos julgando, ele tem que se virar, senão ele vai ganhar zero.” E o menino ficou, sabe? Semana inteira preparando o mercado. Então assim, foi bem legal pra mim, uma coisa que me ajudou a escrever esse livro também foi ter caminhado para esse lado da história, um lado lúdico e curioso, para a motivação das meninas. Esse curso para mim foi fundamental, trabalhar com esse curso.

00:05:45 Ivan

É, a gente precisa dessas coisas mais lúdicas às vezes.

00:05:48 Entrevistada 03

Sim, totalmente.

00:05:50 Ivan

E aí, uma das perguntas que é no meu roteirzinho é, você conhece algum causo, lenda, história de assombração da cidade de Ouro Preto?

00:06:01 Entrevistada 03

Vários. Você quer tipo de assombração?

00:06:01 Ivan

Acho que tem a mais a cara assim.

00:06:07 Entrevistada 03

Nossa senhora, tem um que é uma excelente história, quer ver? O rapaz, o pessoal tinha muito medo da semana santa. Quando ia sair pra rua, os pais falavam com o filho: “não saia à noite, não!”. Período quaresma, pela mentalidade religiosa da época, mais supersticiosa, né? Eles achavam que o demônio tava solto à noite. No período quaresma todo, muito cuidado, sair à noite era um problema! Então o barzinho aberto, as mães falavam com os filhos: “não sai não, meu filho!” “Mãe, eu vou me distrair um pouco, tomar uma cervejinha, dançar um pouquinho, mas logo eu tô aí.” Foi pro barzinho. Chegou lá no barzinho, tava lá todo mundo animado e tal, cantando, não sei o que. Entra uma moça linda! Aí ele tá lá, ele tava sozinho na mesa, “senta aqui” e tal. Aí a menina sentou na mesa dele, não quis dançar, não quis comer nada, nem beber nada, ficou lá, sentadinha. E ele... O bar inteiro olhando, porque ele tava com a menina e todo mundo tava, né, com o olho grande em cima dela, os rapazes... Aí, de repente, começou a badalar, era perto da Igreja Santa Efigênia, badalada da meia-noite. Aí ela levantou e falou assim: “Eu tenho que ir embora!”. Ele falou, não, então eu te acompanho, vamos lá. Quando chegou na porta, ele entregou pra ela um casaco dele. “Não, põe nas costas, pra você não tomar frio e tal.” E foi com ela até onde era a casa dela. Deu uma noite e deixou o casaco. Viu bem onde era a casa e tal. Pensando, né? “Amanhã, eu venho aqui buscar meu casaco, desculpa de encontrar com essa menina e tal.” Dito e feito. Quando ele saiu do trabalho de tardinha, passou lá, bateu na porta. Aí veio uma senhora atender: “Pois não!”. Aí ele, “Sua filha está?” “Minha filha? Você está

brincando, né?” “Não, estou falando sério, sua filha. Estive com ela ontem, trouxe ela aqui em casa.” Aí olhou dentro dela. “Aquela porta-retrato ali, ó.” Ela pegou o porta-retrato. “Essa que você está falando? Essa minha filha? Vem cá, me acompanha para mostrar onde ela tá.” O rapaz não entendendo nada, né? A mulher foi andando com ele, entrou no cemitério. Quando chega na tumba da filha dela, o paletó dele estava lá em cima. Ó! Até eu arrepio com essa história. Essa é uma.

00:08:37 Entrevistada 03

Tem muitas de, assim, de tesouro, né? Tesouro escondido, alguém que vai procurar e apanha dentro da mina. Eu já escutei vários relatos de apanhar dentro de mina. E também você não conseguir... Os caçadores de tesouro é a coisa mais engraçada do mundo, caçador de tesouro. Aqui tinha muito isso. Hoje eu nunca mais vejo falar nisso não, mas logo que nós mudamos pra cá, vinha muita gente atrás do meu marido, que sabendo que ele é restaurador também e a gente trabalha com esse tipo de coisa, vinha com mapa antigo. “Vão me ajudar a achar esse tesouro que eu te dou metade?” Tinha um que era, sabe onde? Debaixo de uma capelinha ali em cima do Taquarau. Eu falei: “Nós não podemos fazer nada. Passa debaixo da igreja, ninguém vai deixar a gente cavar lá dentro”. Então, muita história assim também de casamento, sabe? Que as moças não podiam casar com quem elas queriam. Antigamente não. O pai que marcava o casamento. Então, tem várias histórias de menina que morreu. Sabe Mulher de Branco? Sempre uma mocinha que era apaixonada por alguém, não deixaram casar e ela morre tragicamente. Tem várias histórias assim. Aquele Palácio d'Ouro, agora que inauguraram no Zila, na saída de Mariana, sabe?! Tem uma história lá, de uma mocinha... Você não foi ainda não? Ah, o Toledo, que é dono lá, ele comprou, ficou uns... ele ficou uns 10 anos restaurando aquele casarão. Ele é antiquário, então ele foi pegando coisas antigas, e mobiliou a casa todinha. Você entra numa casa de século XVIII, num palacete de século XVIII, e ela tem patamares que vai dar no Morro da Queimada. É uma maravilha aquilo ali! Tem uma história ali de uma menina que morava antigamente, né? Com a família naquela casa, no Casarão, e o pai arranhou o casamento pra ela com um homem muito importante, mas tipo assim, 60 anos. Um bom partido, né? E a menina ficava na janela e começou a paquerar um mulato que passava lá a cavalo, bonitão. Aí começaram a flertar, né? Naquele tempo flertar já era namoro. E aí já veio surgindo uma paixão, começaram a trocar bilhete, sabe? O pai intercepta um bilhete desse... Desse dia em diante, nunca mais ela viu o rapaz. E ela então ficou na janela, não comia, não dormia, o tempo todo pendurada na janela, esperando o amor dela. Até morrer! Foi definhando até morrer. Então diz que a assombração dela aparece ainda. Então, tem muito caso de amor, que as meninas morrem. Então, as meninas de branco dizem que não tem problema nenhum, eles falam em Ouro Preto. Mas, cuidado, se aparecer pra você de noite uma mulher de preto!

00:11:38 Ivan

Por quê? Essa eu não escutei. Essa de branco já, mas...

00:11:42 Entrevistada 03

É, mas as de preto, o Seu Willian me contou. Eu não sei se o Seu Willian é vivo ainda. Ele me contou esse fato. No mês de outubro, ele tava descendo ali pela Igreja de São José, entendeu? Quando ele tá descendo ali, de repente sai de trás da igreja uma mulher toda de preto. Aí ele

levou um susto, “Pois não?!”. Ela chegou, cumprimentou, ele pegou uma mão gelada, falou, “gente, coitada dessa mulher.” Ele imaginou que era uma turista, que ladrão tinha roubado ela, e ela estava lá assim. E ele falou com ela assim, “A senhora quer tomar um lanche comigo? Eu estou indo ali embaixo, vou resolver umas coisas na Rua São José, mas eu posso pagar um café com leite para a senhora, com pãozinho com manteiga, a senhora aceita?” “Hummmm não como isso há muito tempo, só bebo água de vez em quando.” Ele já ficou com o pé atrás, falou, “Minha senhora, tá de pé minha oferta, eu tô com pressa, eu tenho muita coisa pra resolver, mas eu preciso descer.” E ela querendo que ele acompanhasse ela. E ele, “Não, agora eu não posso não, se a senhora quiser, a senhora vai comigo lá e toma um lanche. Então, muito prazer, senhora”. Despediu dela, mas ele é curioso, ele fez... “Essa mulher com essa mão gelada, essa hora da manhã, com sol escaldante desse, toda de preto, sem bolsa nem nada, e me chamando pra ir pra onde? Ali não tem nada não, é só um cemitério, depois lá em cima a Igreja São Francisco, não tinha nada ali.” Ele ficou curioso, voltou assim, sabe, quando ele olhou, a mulher não sei como tinha entrado no cemitério, tava lá dentro, e chamou ele lá de... Ele falou comigo, “Pois é. Todo mundo fica falando que eu vejo muita assombração, mas aí de noite, nesse mesmo dia, quando eu fui na padaria”, ele mora no Alto da Cruz, “eu fui na padaria e tinha uns amigos meus que tinham vindo de Belo Horizonte. Aí eles falavam comigo, ‘Ah, foi bom ver o senhor aqui, porque hoje nós chegando aqui, resolvemos cortar caminho e passamos por aquele caminho ali que passa pela Igreja São Francisco de Paula e passa no cemitério ali da Igreja São José, pois não é que tinha uma mulher toda de preto sentada na tumba fazendo assim para a gente?’” Aí ele falou, “Ah, é? Vocês viram isso, né? hummmm...” Sabe? Quer dizer, isso ele me contou, né? Eu falo que esse homem tá inventando? E não vou falar que ele tá inventando! Eu escuto e acho que ele...

00:14:07 Ivan

A pergunta aqui é, qual é a importância das histórias na sua vida?

00:14:18 Entrevistada 03

Nossa, depois que eu vim pro Ouro Preto, que escutei tanta história, eu virei contadora de história! Porque, na verdade, eu sou uma pessoa de uma infância sem televisão. Televisão comprou lá em casa e eu tinha 12 anos. Ninguém tinha televisão. Quintais enormes... E a maior diversão nossa era ler. As mais belas histórias! História de fada, de bruxa, de duende. A gente lia, lia. Eu lia, adorava... Professora mandava quando estava no grupo. Traz todos os livros que você lê nas férias, faz a relação e traga. Vai ter uma surpresa! Aí eu ganhava sempre. Porque eu chegava com uma lista de uma página de coisa que eu tinha lido, e a de segundo lugar era um pedacinho assim. Eu ganhava mais livro. E aí eu juntavameninada da rua, da minha rua pequenininha e ficava contando história pros meninos. As mães eram apaixonadas comigo, que os meninos ficavam todos sossegados escutando a história. A gente fazia enterro de formiga, pegava uma caixinha de fósforo e saía com a vela acesa. Panranpam... Abria a tumba, punha a formiguinha. Umas bobeiras assim, sabe? Fantasiavam, enfiavam um troço na cabeça, assim ó?! Com um chapéu, um pano que abria só um olho, uma boca e saía assustando os meninos... Mas eu tinha um avô meio assim, sabe? Meu avô era contador de causo e gostava de fazer assombração. Nos fi dele ele fazia, sabe? Um dia minha mãe contava que elas estavam todas no pé de jabuticaba brincando... Nem era chupando jabuticaba, brincando em cima da árvore. E aí, o que que ele fez? Tinha uma porta aqui e outra aqui. Ele pôs uma peneira na cabeça, um lençol e

marrou na cintura. Então ficou aquela coisa esquisita, né? Aí ele saía da porta e entrava correndo no barracão aqui. Aí os meninos, “Gente, vocês viram um negócio passando ali?”... Já era umas cinco horas, já começando a escurecer, cinco e meia da tarde. “Vocês viram um negócio passando ali?” Todo mundo, “não”. “Passou uma coisa ali!” Aí todo mundo ficava olhando, ele, tuf, passava de novo. Aí no final já tava todo mundo, “aaaaaaaaaaaaaiiii!!!!” Minha vó chegava, “Aposto que foi o Alfredo!”. Então eu tinha esse avô... Eu acho que a gente puxa alguma coisa ne?! Tinha um tio também mágico contador de causo, irmão da minha mãe. Acho que um pouco ta na genética e um pouco... Lá em casa só eu que sou assim! Gosto de contar história e aí fui assistir num Festival de Inverno aqui, uma contadora de história, Gislaine Matos Avelara. Não sei se você leu o prefácio da apresentação que ela fez pra mim... Eu amo aquela apresentação! E aí eu fiz curso de contadora de história com ela. Eu vi ela contando no Festival de Inverno e falei, “Gente, existe isso? Alguém chega no palco, conta história?” Eu fui lá conversar com ela. “Não, eu sou contadora de história, eu fiz lá na França, e tá usando isso agora de contar história. Se você quer fazer um curso, eu tô abrindo um curso em Belo Horizonte.” Pois fui em Belo Horizonte o semestre inteiro, toda segunda-feira fazer o curso. Chegava aqui uma hora da manhã. Eu e a Tânia. Na época a gente trabalhava no Museu Escola. O Museu Escola foi um projeto da prefeitura, já existia. Em acordo com o Museu da Inconfidência, lá na Casa da Baronesa. Então eu pegava as crianças de escola pública, municipal, e fazia trabalho de arte, visitas orientadas, pra conhecer a cidade. Nós chegamos lá, nós incrementamos o negócio todo. Demos aulas pras professoras, falamos, “professora que vai visitar a obra de arte, nós vamos ficar fazendo coisa aqui!” Nós fizemos a maquete da cidade, de papel machê. Expusemos lá na Casa dos Contos! Os meninos fizeram a maquete “O que que tem numa cidade antiga? Vamos imaginar Ouro Preto quando começou.” Ah, então ficava um grupo fazendo a igreja. Mas com todos os detalhes no capricho. Papel machê depois pintadinho. Tudo bonito. Aí o que que tem mais na cidade? A mina. Quem vai fazer a mina? Porque a mina que foi a origem de tudo. Aí uma venda. Mas tem que saber o que que vendia naquela época. E umas casinhas. Aí fizemos procissão, grupo de congado... Com bonequinho, com caixinha de Yakut, punha roupinha, carinha. Nossa, era uma gracinha! Os meninos ficavam loucos, apaixonados.

00:18:49 Ivan

O pessoal gostava disso.

00:18:50 Entrevistada 03

Amavam.

00:18:52 Ivan

E tem alguma história que você identifica? Alguma dessas histórias de associação, causo, lenda que você identifica?

00:18:58 Entrevistada 03

Que eu identifico?

00:19:00 Ivan

Se é daqui de Ouro Preto, você fala assim, nossa, essa história eu gosto.

00:19:03 Entrevistada 03

Eu sou apaixonada com o Vira-Saia. A casa dele caiu, meu coração está cortado até hoje, não sei o que fazer, não estou muito ligada em política, mas, oh meu Deus! Eu vi aquela casa, enquanto eu estava escrevendo o livro, pesquisando para escrever o livro, claro que eu fui na casa dele. A casa estava intacta, maravilhosa, sabe? E a pessoa que me levou, a irmã da que morava lá, tinha morado lá também, ela me contou várias coisas. Nem tudo eu pus, porque são coisas meio íntimas, familiares, que eu decidi não colocar. Mas ela que me levou falou, “minha irmã é muito sistemática, então cuidado pra conversar com ela que ela pode ser meio grosseira”, falei, “ah, não tem problema não, vou conversar com ela direitinho, pode deixar!”, ela foi junto comigo. Chegando lá, eu deixei ela falar, não falei muito não, deixei ela contar coisa, deu doce pra gente comer, que ela fez doce que ela pegou no quintal, a fruta. Aí depois eu fui perguntando, “E aí a casa, tem alguma coisa curiosa que você já viu aqui?” Aí ela me contou, “não, tá vendo que paredão ali era de adobe. Quando eu era menina, o paredão tava estragado, meu pai chamou o pessoal pra arrumar o paredão. Quando eles mexeram no paredão, pareceu um esqueleto de chapéu, bota e um chicote na mão, emparedado na parede.” Isso aí já era muito louco, né? Eu gostaria de ver aquela casa em pé, com uma réplica desse esqueleto lá na parede. E o que mais? Aí ela não ficava sozinha lá não, sabe? O irmão dela, velho já, tinha uma namorada, que namorava igual antigamente, era terça, quinta e sábado nos dias de namorar. Ela ficava com ódio, escondia a comida dele, deixava ele sem comida, porque ele deixava ela sozinha, e ela tinha medo. Ela me levou ao pátio da casa, era de seixo rolado, igual a Casa dos Contos... antigo. Tudo lindo! Tinha uma mina, e ela contou que um dia quis entrar na mina, o pai não deixou, xingou, “Não pode entrar e tal!”. Aí puseram a galinha, pra ver se a galinha foi correndo e não voltou. Aí o pai mandou fechar a boca da mina, com medo deles entrarem lá. E ela me mostrou, a gente indo assim, perto de um portão que estava na rua, e olhar a pedra fundamental da casa. Estava lá, Nossa Senhora das Almas, 1742. E o meu sonho, qual que era? Ver aquela casa, tipo um museu, com os atores encenando coisas a respeito do Vira-Saia, porque quem era o Vira-Saia? Antônio Francisco Alves, um sujeito que era católico, tinha amizade com os franciscanos, um cara super bacana, e que juntava uma turma para roubar o quinto, assaltar o comboio levando o quinto do ouro. O que ele ia fazer com esse tesouro, não se sabe, porque eles assaltavam, e para falar, para saber que hora e que dia que ia sair o comboio. Ele tinha um informante na casa de fundição. Então ele ficava sabendo de tal hora a tal, ele mandava aviso pra toda a turma dele. Através de quê? Tinha uma santinha, um oratóriozinho, em frente à casa dele, que era Nossa Senhora das Almas, que era a devoção dele, Nossa Senhora das Almas. Ele virava santa porque, pra evitar roubo, tinha duas saídas pra ir pro Rio. Era pra Paraty, né? Uma saída pelo Passa 10. Tem uma... Passa 10 é uma fonte de água que tinha no lugar X, que todo viajante ficava ali esperando mais pessoas pra passar uns 10, pra evitar ser assaltado. Porque se fosse um, dois, roubavam tudo. Então lá chama Passa 10 por isso. E o outro caminho era por Saramenha, no lado de... não tinha Saramenha ainda não, mas pro lado de Lavras Novas. Ali também, no final, entra tudo na Estrada Real, que ia até Paraty, sabe?. Então eles assaltavam esse Quinto do Ouro. E não sei exatamente o que ele ia fazer com esse dinheiro, né? Porque ele tinha um amigo... Você leu a história? O amigo ajudava, né? Era um ex-padre. Arranjou uma namorada, então mandaram ele embora. E ele sabia latim, sabia um monte de coisa, ajudou muito o Vira-Saia, fez chafarizes, traduzia documentos. Então pra mim esse personagem é muito bacana,

eu gosto muito dele.

00:23:54 Ivan

Entendi. Aí aqui é uma pergunta que minha orientadora coloca, você sabe o que é patrimônio cultural? Você entende o que é patrimônio? Você já teve esse contato?

00:24:08 Entrevistada 03

O patrimônio é uma coisa que você precisa preservar porque é a identidade de algum lugar, ou físico ou oral. Então, o que é relato é um patrimônio que precisa ser escrito porque senão a oralidade desaparece se ninguém mais contar. Então, você documenta. E o físico são as casas, móveis, as obras de arte, tudo isso preservado é uma identidade importante. Para país, para cidade, a minha cidade não tem identidade mais, acabou. Desmancharam até a igreja, desmancharam tudo.

00:24:55 Ivan

É difícil. Você considera que há algum risco de perda ou esquecimento dessas histórias? Você coloca isso no seu livro, que geralmente você conta, e se sim, quais seriam os prejuízos decorrentes dessa perda?

00:25:07 Entrevistada 03

De perder um pouco dessa história? Eu acho que um povo sem história, ele... ele não tem força, sabe? De povo! Ele se deixa explorar, ele não tá nem, sabe? É uma coisa muito destrutiva. Agora, arraigar demais e ficar também ali, pode ser doentio também, né? Tem um equilíbrio nisso aí. Você preserva o que é bacana, você põe no museu, você relata aquela história, mas você tem vida normal, você pode viajar, você pode andar de avião, você pode ter uma vida moderna. Mas tendo o pé, sabendo de onde você veio. Quem não sabe de onde veio, eu acho que fica muito... É. Provoca um desamor, né? Porque quando você tem uma referência de identidade, você é um pessoal mais calmo, mais tranquilo, você sabe quem você é. Agora, se você não tem noção nenhuma, é muito complicado. Você pode ser regimentado por um grupo maluco aí, entra em qualquer bobagem, se mete em confusão. É o que eles quiseram fazer com os africanos que trouxeram pra cá, que recentemente estão tentando resgatar a origem deles, porque não podia falar a língua deles. Imagina a situação, pega, leva pra um lugar estranho, com gente totalmente diferente, você não pode falar sua língua, você não pode comer suas comidas, você não pode adorar os seus deuses, acreditar em nada. Você vira zero. Você vira uma máquina de trabalhar. Fizeram isso com eles. Então, assim, é uma loucura. É uma loucura.

00:27:04 Ivan

Aqui nas nossas histórias, até as de assombração também vêm nesse encontro, né? De trazer essas identidades.

00:27:12 Entrevistada 03

Também, né? É uma coisa muito complicada. E eles estão tentando agora resgatar, né? Então é uma coisa meio nova aqui esse resgate, porque até então na minha casa tinha uma senhora que trabalhava lá. Antigamente tinha muita gente que era da roça que vinha trabalhar na cidade. Pra

eles era status morar na cidade. Então lá tinha um quarto, duas moças que trabalhavam lá, negras. E às vezes eu via elas de noite lá, passando uma gordura no cabelo, um ferro ligado na tomada, vermelhinho, alisando. Olha que absurdo. Então eu acho bacanérrimo quando eu vejo essas mulheres com cabelo todo assim, porque você está pelo menos começando a saber quem você é e não negando quem você é. Igual eu tento, por exemplo. Eu não vou negar que eu tenho 77 anos. Eu não vou pintar meu cabelo preto, fazer plástica, espichar toda pra falar que eu tenho 50. Pra quê? Eu sou quem eu sou. Eu tenho que assumir quem eu sou. Eu não posso negar, a sociedade é muito cruel, ela discrimina cor diferente, cultura diferente, idade, discrimina tudo. Mas eu sou rebelde nesse ponto. Pode dizer, eu sou rebelde.

00:28:26 Ivan

Se você pudesse escolher uma lenda para representar Ouro Preto, qual você escolheria?

00:28:38 Entrevistada 03

Uma lenda?

00:28:39 Ivan

Um causo, uma história de assombração.

00:28:43 Entrevistada 03

Eu gosto de história ligada a tesouro, sabe? Sempre que eu conto, eu conto história de alguém que achou e alguém que não achou. E tem muita sombração dentro da... Porque dizem que quando a pessoa achava muito ouro, não ia usar o ouro, então mandava um escravizado enterrar aquele ouro lá na mina e tampar. Só que tinha que matar ele, porque ele sabia onde estava o ouro. Então ele fica lá até hoje, tomando conta do tesouro. Tem uma história que eu gosto muito, que é de muita gente que, assim, começaram a achar, né? A cidade começou a ser repovoada, todo mundo tendo um dinheirinho, começaram a reformar as casas e achavam. Porque quando puseram a casa de fundição, eles mandavam que levasse todo o ouro pra lá e transformasse em uma barrinha já quintada. Tirou o quinto do rei, agora essa barrinha você pode comprar o que você quiser. Só que alguém não queria, não precisava do ouro, punha num vidrinho e punha na parede. Fazia uma porta dessa oca e punha ouro lá dentro, barrinhas de ouro e tal. Então tem uma história que eu acho muito curiosa e bacana da construção da Associação Comercial de Ouro Preto. Ela foi construída no lote onde tinha a casa do Tiradentes, eles derrubaram e salgaram o terreno. Puseram uma placa, “aqui não pode ser construído nada”. Só que o tempo passou, de traidor, o Tiradentes virou herói, a cidade começou a crescer, veio gente de tudo quanto teve lugar pra cá, ela foi repovoada, e nesse repovoado abriram lojas, né, comércio, restaurante e tal, e o pessoal, “gente, uma situação de sucessão comercial. Vamos fazer na casa do Tiradentes”. Aí, prefeitura, “tudo bem”. Limparam o lote e começaram a construir. E um sujeito que trabalhava lá como ajudante de pedreiro, analfabeto, simples mesmo, contador de causos, engraçado. Ele estava lá, numa hora e falou “uai gente”. Tinha um paredão lá no fundo, que era um paredão todo de pedra antigo. E aquele paredão parece que tinha desabado umas pedras e ele foi lá olhar o que tinha acontecido. Quando ele, no meio das pedras que caíram, achou uma bolsa de couro. Quando ele era velho, sujo e tal, ele abriu a bolsa, cheia de moedas, de barra de ouro. Velho, tudo sujo. Quando ele abriu a bolsa, cheio de moedas de ouro, barra de ouro. Ele fechou tudo, olhou

para os lados. Ele tinha apelido de Zé Salame. Qualquer dinheirinho que sobrava, ele adorava comer salame. Aí ele esperou, anoiteceu, ele correu para a casa dele com aquela bolsa. A casa dele era uma casa, você já viu casa de chão batido? A casa dele era uma casa de chão batido, moravam ele e a mãe. Um fogãozinho a lenha, uma mesinha, um quarto com dois colchões de capim, o banheiro era as bananeiras lá no fundo do quintal, e a casa era isso. Ele chegou com aquele negócio de ouro, e ele ia na loja do português ali, e comprava salame, e comprava banha, e comprava tudo que ele queria, goiabada, rapadura, tudo de coisa gostosa, enchia a casa de guloseima, sem noção de que ele podia comprar um casarão maravilhoso com aquele dinheiro, sem noção de nada. E um dia ele briga com um sujeito, ele tinha comprado uma espingarda de chumbinho, deu um tiro no sujeito, o olho dele inchou, ele ficou com ódio, foi na polícia e deu parte. Zé Salame sumiu! Aí a polícia rodando a casa dele, ficou uma semana sumido... Quando ele achou que já estava tudo sossegado, voltou, pé de pé, assim, né? Tinha soldado vigiando. Entraram imediatamente. Na hora que eles abriram a porta assim, o delegado levou um susto, porque o que segurava a porta era uma barra de ouro. O cara era tão patético que, em vez de fazer uma casa, ele pôs uma barra de ouro segurando a porta. “Mas o que é isso?” A mãe, “meu filho não é ladrão!”. Foi lá, pegou a bolsa de ouro, o delegado arregalou o olho desse tamanho e falou, “Está confiscado! Muito bem, senhora, a senhora está correta.” E o ouro levou embora. O Zé Salame ficou a ver navios. O português, onde ele fazia compra, ficou rico. Comprou uma quinta lá em Portugal. Com o ouro que o Zé Salame comprava as coisas lá. E na sequência desses achados, porque tinha muito achado, sabe? Muito achado. Quando eles foram fazer estrada pra Belo Horizonte, também acharam, sabe? Foi consertar o banheiro da casa, todo mundo achava ouro! Então eu tava naquela coisa de achar ouro. Um tal de Teco Mulambo, um valentão desses bem danado, todo mundo tinha medo dele, falava que não tem medo de nada. Se aparecer pra mim um lobisomem, eu faço toicinho da carne dele. E se aparecer uma mula sem cabeça, eu monto nela. Aí o povo tinha pavor dele, ele entrava nos butiquinhos, bibia. “Não precisa pagar nada não, não precisa pagar nada, a pinga pode ser de graça, procê.” Todo mundo tinha medo dele. E ele não tinha medo não. Dizem que eles tiravam o ouro desses córregos que passam dentro de Ouro Preto. Nesse princípio século, depois que o capital mudou, eles tiravam o ouro. Todo mundo tirava o ouro aí. Aí ele resolveu sair procurando ouro, porque tinha muita gente achando ouro e falou, “Ah, eu vou achar alguma coisa.” Pegou um facão, pegou lanterna, um chapéu, montou no cavalo e saiu. Aí viu, num lugar afastado aqui, uma mina, uma boca de mina, cheia de mato. Ele “Olha, uma boca de mina? Vai ver que não entra ninguém aqui há muito tempo, deve ter coisa boa pra mim aí.” E foi entrando. Foi vendo aquela confusão, de morcego voando, tudo molhado, tudo sujo, escorregando no barro e tal, e ele foi com a lanterninha dele. Quando ele chegou num determinado lugar, ele ficou assim, sem saber se continuava entrando, escutou uma voz cavernosa, “Eu vou te bater!”. Ele falou, “Haha Pode vir, não tem medo de nada.” Nem bem ele falou que pode vir, ele levou um soco aqui, jogou ele no chão, e ele ficou apanhando no chão, apanhando. Ele não tinha como reagir, porque não tinha nada. Ele apanhando. Soco, pontapé, pescoção, sangrando o nariz. E ele, “socorro!” Mas ninguém escutava. Estava em um lugar terrível... Aí ele foi arrastando, arrastando, arrastando, arrastando. Conseguiu ver, a lanterna e, tudo tinha... Viu a luzinha da entrada da mina. Saiu, montou no cavalo, chegou lá correndo. O pessoal falou, “Teco, quem foi que te deu uma surra dessa?”. “Alto lá! Ninguém me bateu. Eu apanhei de alma de todo mundo. Pra entrar numa mina, você tem que ter o corpo fechado.” E o mais engraçado é que eu fui contar a história lá no Colégio

Marília, pros queridos meninos, né? Aí contei essa história, o pessoal depois falou comigo assim, “Ó, tem uma sobrinha do Teco mulando que trabalha aqui.” Falei, “Ah, não é possível.” Fui lá, vi a mulher. Então, sabe, é tudo família daqui. E os apelidos. Tem um capítulo do livro que eu falei, vou ter que fazer um capítulo só de curiosidades, assim, da briga de Pilar com o Antônio Dias, uma rivalidade que tem até hoje. Até hoje, tá? Eu vejo meu marido. Um cara inteligente, estudado e tal, mas, “Não, Antônio Dias não tem nada, não.” Não tem nada? É Ouro Preto. Aí eles têm uma briga, e antes era terrível. Diz até que os padres falavam, quando a procissão foi pra lá, falavam com os coroinhas, “Cês levam algum pedaço de pau, alguma coisa debaixo da batina, que vocês começam a brigar com vocês, vocês vão apanhar.” Tinha briga de soco. Aí eu peguei essa disputa, falo de um bairro e do outro, e peguei os apelidos. Apelido de pessoas, é bem legal esse apelido de pessoas! Tem o fulano, tem a família dos gaiolas, tem a família dos passarinhos, passarinho tem um motorista, eu já fui com ele, ele tem um carro, “Ah, chama o passarinho que ele te leva lá.” Ele faz viagem para Belo Horizonte, mas não é só ele que é passarinho, a família toda é passarinho. Gaiola deve ser porque o pai fazia gaiola, “Lá na casa dos gaiolas”, eu conheço até a filha do de uma família de gaiola, foi colega da minha filha de Direito aqui, pai dos gaiola. Então assim, tem umas curiosidades daqui, eu acho bem legal.

00:37:51 Ivan

E aí a última pergunta é, você poderia contar alguma outra história além dessas que você já contou?

00:37:57 Entrevistada 03

Nossa, eu já contei um monte. Qual eu poderia contar que eu não conto a muito tempo? Uma que eu acho bem curiosa e também gosto é do roubo da cabeça Tiradentes. Porque você imagina, Tiradentes foi aquele personagem que assumiu de que ia fazer uma revolução, os outros todos, “Não, não tenho nada com isso”, tremendo de medo e tal, e ele assumiu, “Fiz mesmo, não sei o que e tal”. Como ele não era um desembargador, não era politicamente bem situado, podia ser rico, mas... Resolveram matar só um. Mas você sabe, né?! Que os onze iam morrer na forca. Na véspera da morte, eles deixaram só o Tiradentes. Tem até um fato curioso, que uma pessoa lá viajando, lá em Portugal, ficou sabendo que só o Tiradentes que ia ser enforcado. Escreveu pra família, avisar pro parente que tava preso, que a rainha de Portugal ia soltar os outros dez... Eram onze que iam morrer. Iam soltar na véspera! Então eles iam ficar assim, “Eu vou ser enforcado amanhã”, durante o tempo todo. Preso na cadeia, incomunicável, e vou ser enforcado. Imagina, só pra passar por esse horror. E ela ficou sabendo que ela ia dar liberdade para eles, liberdade de não morrer. Depois mandou tudo exilado para a África, várias colônias portuguesas na África. E a mulher então escreveu um bilhetinho, fez um corte em uma maçã, enfiou aquela coisa e ficou parecendo que não tinha nada... E o padre ia visitar os presos, ela falou assim, “Pode dar essa maçã pro meu irmão? Coitado, ele gosta tanto de maçã, tá lá preso.” Levou, aí entregou pro irmão dela e falou assim, “Aaaah, eu gostaria de comer maçã, mas tem um padre ali que tá tão desesperado que eu acho que ele tá precisando mais que eu. Leva maçã pra ele.” Nem mordeu, nem abriu, nem nada. Aí quando o padre foi abrir a maçã, viu aquele bilhete, só que os padres não iam ser enforcados, por ser padre. E ele só ficou sabendo na véspera. Agora a cabeça, um dia depois, foi roubada.

00:40:33 Ivan

Tem muitas histórias, né?

00:40:34 Entrevistada 03

Foi roubada. E o meu marido, 200 anos depois, eles fizeram a encenação. Nunca tinham feito. Esperaram passar esse tempo todo, 200, não, quantos anos, sei lá, fizeram a encenação da cabeça. A Fundação de Arte Ouro Preto mandou fazer a cabeça do Tiradentes, tamanho natural. Foi colocado solenemente lá na praça, mas agora com homenagem. Escola, com os meninos de bandeirinha. “Viva o Tiradentes, herói nacional!” E a estátua seria dada pra Polícia Mineira... Tiradentes é o patrono da Polícia Mineira. Teve esse evento. Meu marido tinha feito uma exposição em Belo Horizonte, veio naquele ônibus, chegou aqui uma hora da manhã. Quando ele passou ali na Casa Guignard, estava com uma exposição. Então ele encontrou os artistas todos, que ele é artista também, pintor, e aí encontrou os artistas lá, ficaram de papo. Aí, lá pelas... devia ser umas três e meia, quase quatro horas da manhã. “Não, eu tenho que ir embora, não sei o quê”. Então o amigo dele, “Não, eu estou com o carro lá na praça, eu te deixo lá!”. Porque eles moram mais ou menos perto. Quando chegou na praça, ele falou, “Não, essa cabeça do Tiradentes, espera aí, hoje em dia, tal, essa cabeça não pode ficar aqui, não.” O outro falou, “Não, mas não tem jeito”, porque o outro ficou com medo, porque o irmão dele morreu de tortura na ditadura, né, então ele todo, “Não, nós não podemos fazer nada.” “Eu não vou embora, eu vou tirar essa cabeça daqui. Não pode amanhecer aqui! A cabeça do Tiradentes foi roubada durante a noite.” Aí, enfim, convenceu o outro, os dois saíram procurando uma corda, alguma coisa, entendeu? Não acharam nada, mas aí sacudiram assim, ela tava amarrada numa corda e ela ficou pendurada. Então ele disse, “Agora nós temos que arranjar um canivete.” Tinha um povo dormindo lá na estátua. “Alguém tem canivete aí?” Ah, tinha canivete. Cortaram, tuf, cai no chão e quebra tudo. “Vamos lá, pega o carro!” Cataram os cacos e puseram no carro e vieram. Bateram aqui na porta, seis horas da manhã. Falei, “6 horas da manhã, quem será?” Eu pensei que tinha ficado em Belo Horizonte. Não, os dois... E eu tinha visto durante o dia, porque eles fizeram não só a cabeça, eles tinham feito um quarto do corpo, que foi esquartejado. Ele pegou os quartos do corpo e pintou onde fez o corte, pintou de vermelho, pôs lá com a tinta ainda molhada e ficava lá aquele pedaço de corpo pingando tinta vermelha no chão. Tava uma cena macabra! A Rua São José inteirinha e Rua Direita até chegar na Praça. Aí eu tinha visto aquilo de dia, e quando eles chegaram aqui, “Viu a coisa da cabeça, né? Nós roubamos a cabeça.” “Eu não acredito. Vocês são loucos?” “Não, ninguém viu! Nós roubamos a cabeça.” Abriu um buraco, a gente tinha uma passagem aqui no quintal. Abriu um buraco, enterraram, agora ninguém pode saber de nada. Você acha que não? Alguém tava esperando ônibus para Mariana, anotou a placa do carro, sete horas da manhã a polícia já tava na casa do Gê, foi lá na casa dele, aí veio aqui, os dois lá na delegacia. Delegado, um homem que nem era daqui, de bota, cinturão de cowboy, com cara de cavalo, cara de xadrez, falou “Ó, vocês dois fizeram isso e isso, isso é patrimônio da Polícia Militar, vocês dois estão presos, não sei o que e tal”, “Não, mas peraí”, tentando explicar pra ele por que que eles fizeram isso e ele não queria nem saber. Passa um vereador, Flávio Andrade, passa lá, “O que que vocês estão fazendo aqui?” Ele falou, “Nós roubamos o cabeça de Tiradentes”, ele era vereador. “Ah, até é bom ter um vereador aqui, vai lá que eu quero corpo de delito.” “Não, mas nós enterramos, quebrou”, “Não interessa, traz os cacos!” Aí foi ótimo, porque aí meu marido veio, tiraram a cabeça e o Flávio, “Ai Quem, eu tava louco pra roubar,

graças a Deus vocês roubaram.” Acharam os cacos, puseram, aí falou assim, não, aí ele aproveitou, pegou um livrinho do Sr. Dalmir Maia, que era professor de português, mora ali na rua da escadinha, ele tem um livro que conta várias coisas de Ouro Preto e conta o roubo da cabeça, lá na época. E ligou pro diretor da Escola de Artes, “Ó, aconteceu isso e isso” “Ih fala com o delegado pra telefonar pra mim, tem mais cabeça aqui, eu arranjo pra ele uma cabeça, pode deixar.” Porque os dois são artistas formados na Fundação de Arte. “Fala com o delegado pra ligar pra mim.” Aí chegando, aí foi mais tranquilo, né? Chegou, levou os cacos pro delegado, falou, “O diretor da Escola de Arte pediu pra você ligar pra ele.” E aí ele liga, o diretor, “Não, esses dois são dois artistas, eles fizeram uma performance roubando essa cabeça, porque ela foi roubada muito tempo atrás”, e ele mostrou o livro pra ele, que a cabeça tinha sido roubada e tal. Aí os dois foram soltos, você não imagina o sucesso, eles passando na rua e todo mundo “Você roubou a cabeça. Parabéns!” Todo mundo abraçando eles na rua. Porque é uma coisa da memória coletiva. Da memória coletiva. Uma mulher que trabalha no Museu da Inconfidência falou que de manhã ela não estava querendo abrir aquela janela e ver a cabeça Tiradentes. Porque os paus da força estavam lá. Ela não queria, né? Então ela abriu assim. “Roubaram a cabeça!” Sabe? É uma coisa da memória coletiva. Então isso foi fenomenal. “Não, tem mais cabeça aqui. A gente vai mandar a cabeça para o polícia! Isso é uma performance! Eles são artistas formados aqui na Escola de Artes.”

00:46:18 Ivan

Ai, ai. Mas é realmente da memória coletiva, né? Memória também afetiva.

00:46:25 Entrevistada 03

Esse cara em uma semana ganha um abraço na rua. Todo mundo abraçando.

00:46:31 Entrevistada 03

“Vocês roubaram a cabeça.” E outras pessoas passaram, “Terra de vândalos! Ai...” Tem dois lados. Achando que é estudante, né? Que é estudante, que vai lá e arrebenta tudo.

00:46:49 Ivan

Mas tem história da cabeça original alguma?

00:46:53 Entrevistada 03

Nunca foi encontrada. Quando eu mudei pra cá, nos anos 70, na década de 70, eu vim pra cá solteira pra trabalhar. Falaram, “Não, fulano de tal saiu, saiu um grupo aqui que eles tiveram indício que a cabeça estaria em tal lugar.” Tão lá cavando. Depois mudou pra cá um senhor, não sei o nome dele, ele é historiador. Ele comprou uma casa e achou um altar maçônico no quintal. Aí pensou, “Oba! A cabeça de Tiradente só pode estar aqui, ele era maçom.” Aí cavacou tudo aí em volta do altar maçônico, acharam cachimbo, cachimbo que escravos usavam muito cachimbo pra fumar pito, né? Cachimbo de argila, tem muito aí. E achou uma porção de cachimbos... e a cabeça não! E o seu Tito, que foi um grande informante meu desse livro, ele já faleceu, tem uns dois, três anos. Ele... A casa dele tem uma mina, então eu fui lá com ele, “Não vem tomar o café!”, me contando os casos, fui lá tomar café com ele falei, “Mas sô fez um puxado aqui pra fazer esse... essa área de fogão a lenha com tudo, mas sô pôs uma pilastra bem na porta da

mina”, “Não quero que ninguém entre nessa mina! Porque nós fomos num terreiro lá em Belo Horizonte, e falar que a cabeça Tiradentes está aqui. Então se alguém souber, eu não vou ter sossego mais. Então eu não quero saber! Ninguém vai entrar nessa mina não. A cabeça Tiradentes está aqui!”

00:48:21 Ivan

Então também cria essas histórias, né?

00:48:24 Entrevistada 03

Tem. Então tem tudo isso. Cabeça Tiradentes, tesouro escondido, sabe? Assombração.

00:48:30 Ivan

Eu sou estudante, então tem alguma história de assombração que você sabe de estudante, envolvendo estudante?

00:48:39 Entrevistada 03

Eu, na verdade, só conto as histórias que eu gosto! Tem uma história envolvendo estudante, que uma moça morre, eu nem lembro direito a história não, que eu não vou contar não, é meio pesada... O que eu sei é da República Maracangalha. Que lá tem um quadro de um menino de uma família que morou naquela casa. Muitos anos atrás. Início do século XX. E a família ficou tuberculosa. Naquele tempo, tuberculose, eu sei muito bem, porque uma irmã da minha mãe teve tuberculose. Com 15 anos, morreu. Ninguém passava no passeio da casa da minha avó. O pessoal dava a volta, de medo de pegar tuberculose, não tinha cura. Então, a família estava tuberculosa, os pais, então ninguém passava ali, mas punham comida pra eles, sabe? E teve um dia que a comida não foi mexida. Então eles descobriram que eles tinham morrido. Mas aí, depois de um tempo enterraram e tal, e a casa... Mas o menino não acharam o corpo do menino, não. Entendeu? Eles tinham um filho. E o retrato do menino ficou lá na parede da casa. A universidade, acho que comprou a casa. O pessoal fez uma casa de estudante lá e o retrato do menino tá lá. Aí eu fui lá, quando eu tava pesquisando pro livro, fui lá conversar com o pessoal que mora lá. Aí eles me contaram que, “Olha, nós temos um maior carinho com esse menino, o retrato dele tá aí, continua aí. Tem o quarto do menino e tem um caso curioso, que tem um rapaz que ficou hospedado aqui e dormiu no sofá. Tava um frio danado. Quando chegou de manhã, ele veio agradecer porque falou que tinha um menino que trouxe pra ele.” “Quem que tá aí com a criança?” Tinha várias pessoas hospedadas. Acho que tinha uma festa. Muita gente hospedou lá. “Cadê o menino que tá aqui? Eu quero agradecer ele.” “Não, não tem ninguém com menino aqui não.” “Tem! Ele me deu uma coberta de noite. Eu tava com frio. Ele trouxe uma cobertor pra mim.” “Não, não tem criança aqui não.” “Olha lá! É aquele ali, ó!” O menino. Ai, todo mundo “Óooo!” Essa história é bonitinha. Roubava muito, né? Os estudantes entravam nas casas, o pessoal roubava galinha, fruto, o pessoal morria de raiva.

00:51:05 Ivan

Essa eu não sabia.

00:51:05 Entrevistada 03

É, roubava galinha. E fazia galinha assada.

00:51:12 Ivan

Mas é isso, Entrevistada 03, eu acho que a pesquisa é sobre isso mesmo, né? As lendas, elas encontram identidade, enquanto patrimônio, trazer essa memória coletiva à tona, eu acho que eu gosto de escutar sobre essas histórias, sabe? Eu não sou daqui, mas essas histórias para mim, elas me fazem pertencer à cidade, porque parece que eu conheço um pouquinho da cidade, um pouquinho do que as pessoas viveram. Não estão no livro de história, mas do que as pessoas viveram.

00:51:48 Entrevistada 03

Não está no livro. Eles escolhem, alguma coisa que eles acham importante contar. Não tem certa importância, né?

00:51:55 Ivan

Mas, e aí, eu gosto disso.

00:51:57 Entrevistada 03

Você é de onde?

00:51:58 Ivan

Eu sou de BH.

00:51:59 Entrevistada 03

Ah, de BH. Pois é, BH, a construção de BH é que fez com que acontecesse aqui, ficou uma cidade parada no tempo. Não tinha luz direito, era uma luzinha, eles falam que era uma luzinha fraquinha e era muito assustador. Muito cemitério!

00:52:17 Ivan

Sim. Então, é isso. Muito obrigado.

ANEXOS

Anexo 1 - Registros fotográficos da Caminhada Assombrada

Anexo 1.1 - Xibil em frente ao Cemitério da Irmandade de São José e Santa Cecília.



Data: 18 de Julho de 2023. Fonte: Acervo pessoal.

Anexo 1.2 - Xibil na ponte dos Contos.



Data: 18 de Julho de 2023. Fonte: Acervo pessoal.

Anexo 1.3 - Xibil descendo a ladeira de Santa Efigênia.



Data: 20 de Abril de 2024. Fonte: Acervo pessoal.

Anexo 1.4 - Xibil no Chafariz Dos Contos.



Data: 16 de Julho de 2024. Fonte: Acervo pessoal.

Anexo 1.5 - Xibil finalizando na Praça Tiradentes.



Data: 16 de Julho de 2024. Fonte: Acervo pessoal.

Anexo 2 - Publicação do perfil Festival de Inverno Ouro Preto 2023

Anexo 2.1 - Print da publicação da página do evento municipal realizado pela Prefeitura de Ouro Preto promovendo a Caminhada Assombrada como uma das atividades a serem realizadas, no Instagram (sob o domínio @festivaldeinvernoop2023).



Anexo 2.2 - Print da publicação da página do evento municipal realizado pela Prefeitura de Ouro Preto explicando sobre a Caminhada Assombrada, no Instagram (sob o domínio @festivaldeinvernoop2023).



Anexo 3 - Capa da 3ª edição do livro “Tesouros, Fantasmás e Lendas de Ouro Preto” de Angela Leite Xavier



Anexo 4 - Capa da 2ª edição do livro “Lendas, Tradições e Costumes de Ouro Preto” de Alcebíades Taciano Jerônimo



Anexo 5 - Parecer Consubstanciado do CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
OURO PRETO



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Lendas enquanto patrimônio de Ouro Preto e região: O turismo como possibilidade de salvaguarda da memória

Pesquisador: LUANA MELO E SILVA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 77535024.0.0000.5150

Instituição Proponente: Universidade Federal de Ouro Preto

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.775.627

Apresentação do Projeto:

As informações contidas nos campos "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram obtidas dos documentos contendo as Informações Básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2282149.pdf, de 02/02/2024) e do Projeto Detalhado.

Introdução: O presente trabalho pretende apresentar os causos de aparições, almas penadas e diabos enquanto patrimônio cultural da sociedade mineira, como as histórias conseguem carregar costumes e vivências da população. Com isso, é preciso retomar e entender os efeitos que a colonização portuguesa trouxe ao Brasil, como o encontro do catolicismo e as dimensões da cultura barroca, com a pluralidade da cultura africana e dos saberes dos povos originários - indígenas. Tal confluência de diversas frações culturais provocou, nessa nova sociedade que se formava, uma cultura própria diversa e plural, e aliado a presença do imaginário, a nova realidade que estava sendo construída, propiciou a criação de heróis, vilões e folclores. Mello e Souza (1986, pág. 34) vem afirmar que os sonhos e fantasias europeus ao encontrar elementos de outras culturas incorporavam-se a eles: [...] as projeções mentais dos europeus quinhentistas se espalhassem pelo continente recém descoberto, somando-se ao universo imaginário de povos de outras culturas e, finalmente, fundindo-se a eles. Entretanto, é

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação - PROPP, Centro de Convergência, Campus
Bairro: Morro do Cruzeiro **CEP:** 35.400-000
UF: MG **Município:** OURO PRETO
Telefone: (31)3559-1368 **E-mail:** cep.propp@ufop.edu.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE
OURO PRETO**



Continuação do Parecer: 6.775.627

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2282149.pdf	02/02/2024 22:35:11		Aceito
Outros	questionario.pdf	02/02/2024 22:34:15	LUANA MELO E SILVA	Aceito
Orçamento	orcamento.pdf	02/02/2024 22:32:39	LUANA MELO E SILVA	Aceito
Outros	declaracao_gastos.pdf	02/02/2024 22:30:52	LUANA MELO E SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_Lendas_e_causos.pdf	02/02/2024 22:30:09	LUANA MELO E SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_CEP_Lendas.pdf	02/02/2024 22:29:27	LUANA MELO E SILVA	Aceito
Cronograma	Cronograma.pdf	02/02/2024	LUANA MELO E SILVA	Aceito
Folha de Rosto	LUANA_Lendas_e_patrimonio_imaterial	22:28:27	SILVA	
	_assinado_MA.pdf	02/02/2024 22:28:16	LUANA MELO E SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

OURO PRETO, 19 de Abril de 2024

Assinado por:
EVANDRO MARQUES DE MENEZES MACHADO
(Coordenador(a))

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação - PROPPI, Centro de Convergência, Campus
Bairro: Morro do Cruzeiro **CEP:** 35.400-000
UF:MG **Município:** OURO PRETO
Telefone: (31)3559-1368 **E-mail:** cep.propp@ufop.edu.br

Anexo 6 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Entrevistada 01

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr.(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa "Lendas enquanto patrimônio de Ouro Preto e Região: O Turismo como possibilidade de salvaguarda da memória". Nesta pesquisa pretendemos categorizar os elementos culturais mais marcantes dentro das histórias locais; verificar a potencialidade que a tradição oral do contar adquire no processo de monumentalização das histórias; inventariar os causos e agentes que potencializam essa temática na cidade e região; analisar o potencial da viabilidade de roteiros com a temática para a comunidade local.

O motivo que nos leva a estudar este tema é que os estudos dos causos de assombração enquanto tradição oral ouropretana e regional, e sua compreensão enquanto patrimônio cultural, teriam o potencial para salvaguardar e conservar a memória e identidade local. Esta iniciativa se justifica na medida em que observamos que a população local vem perdendo a comunhão com o seu imaginário, devido aos aparatos que a modernidade oferece, distanciando do folclore e do sagrado.

Existem muitas formas não institucionalizadas de proteger e perpetuar a memória enquanto patrimônio e esse movimento pode se dar de maneira informal, no cotidiano, pela imaginação popular. Neste sentido, o turismo, com seus diferentes dispositivos, pode se tornar uma possibilidade na promoção de uma compreensão dos causos de terror enquanto uma herança local.

Para esta pesquisa adotaremos, como procedimento metodológico, a história oral, método interdisciplinar de pesquisa que faz uso de fontes orais, coletadas por meio de entrevista oral gravada, em diferentes modalidades. Nesta pesquisa, realizaremos entrevistas com pessoas ligadas à prática da contação de histórias, ou que simplesmente guardem estas histórias e lendas que pretendemos levantar. A partir deste levantamento, observaremos os elementos, sondaremos e analisaremos o imaginário e memória coletiva.

As entrevistas terão duração prevista de vinte minutos. Pedimos a autorização do entrevistado para gravá-las em áudio. Estas gravações serão de uso exclusivo do pesquisador. Serão realizadas transcrições e somente estas serão utilizadas na redação da pesquisa. Preservaremos a identidade do entrevistado não citando nome ou informações pessoais.

Os riscos envolvidos na pesquisa residem no fato de que pode haver constrangimento do entrevistado com relação a alguma pergunta e também cansaço ao longo da entrevista. Para minimizar estes riscos informamos que o participante pode deixar

qualquer pergunta sem resposta e desistir da pesquisa a qualquer momento sem ser indagado ou constrangido por isso.

A pesquisa contribuirá no sentido de colaborar com o avanço no campo dos estudos acerca do imaginário e da memória coletiva. Uma maior compreensão e conhecimento acerca das mentalidades e representações em sociedades marcadas pela colonização, catolicismo, escravismo, entre outras importantes estruturas que moldam a cultura e as subjetividades. Outro importante benefício desta pesquisa reside em seu potencial de contribuir com a preservação da memória e da cultura local.

A abordagem ao participante será feita de forma individual, em ambiente presencial à escolha do participante.

Para participar deste estudo o Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, diante de eventuais danos, identificados e comprovados, decorrentes da pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito à indenização. O Sr.(a) tem garantida plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem necessidade de comunicado prévio. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr.(a) é atendido(a) pelo pesquisador. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O(A) Sr.(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar. Seu nome ou o material que indique sua participação não serão liberados sem a sua permissão.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, junto aos arquivos da pesquisa, no drive pessoal deste pesquisador no email da UFOP, e a outra será fornecida ao Sr.(a).

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de cinco anos após o término da pesquisa. Depois desse tempo, os mesmos serão destruídos.

Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e utilizarão as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, [assinatura], contato
[assinatura], fui informado(a) dos
objetivos da pesquisa "Lendas enquanto patrimônio de Ouro Preto e Região: O Turismo

como possibilidade de salvaguarda da memória" de maneira clara e detalhada, e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Pesquisador Responsável: Luana Melo e Silva
Endereço: R. Três, S/N - Ouro Preto, MG, 35400-000
Telefone: [REDACTED]
Email: luana.melo@ufop.edu.br

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP/ UFOP – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
Universidade Federal de Ouro Preto
Endereço: Centro de Convergência, Campos Universitário, UFOP.
Telefone: (31) 3559-1368.
Email: cep.propp@ufop.edu.br

Ouro Preto - MG, 30 de Junho de 2024.

[REDACTED]
Assinatura do Participante

[REDACTED]
Assinatura do Pesquisador

Anexo 7 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Entrevistada 02

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr.(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa "Lendas enquanto patrimônio de Ouro Preto e Região: O Turismo como possibilidade de salvaguarda da memória". Nesta pesquisa pretendemos categorizar os elementos culturais mais marcantes dentro das histórias locais; verificar a potencialidade que a tradição oral do contar adquire no processo de monumentalização das histórias; inventariar os causos e agentes que potencializam essa temática na cidade e região; analisar o potencial da viabilidade de roteiros com a temática para a comunidade local.

O motivo que nos leva a estudar este tema é que os estudos dos causos de assombração enquanto tradição oral ouropretana e regional, e sua compreensão enquanto patrimônio cultural, teriam o potencial para salvaguardar e conservar a memória e identidade local. Esta iniciativa se justifica na medida em que observamos que a população local vem perdendo a comunhão com o seu imaginário, devido aos aparatos que a modernidade oferece, distanciando do folclore e do sagrado.

Existem muitas formas não institucionalizadas de proteger e perpetuar a memória enquanto patrimônio e esse movimento pode se dar de maneira informal, no cotidiano, pela imaginação popular. Neste sentido, o turismo, com seus diferentes dispositivos, pode se tornar uma possibilidade na promoção de uma compreensão dos causos de terror enquanto uma herança local.

Para esta pesquisa adotaremos, como procedimento metodológico, a história oral, método interdisciplinar de pesquisa que faz uso de fontes orais, coletadas por meio de entrevista oral gravada, em diferentes modalidades. Nesta pesquisa, realizaremos entrevistas com pessoas ligadas à prática da contação de histórias, ou que simplesmente guardem estas histórias e lendas que pretendemos levantar. A partir deste levantamento, observaremos os elementos, sondaremos e analisaremos o imaginário e memória coletiva.

As entrevistas terão duração prevista de vinte minutos. Pedimos a autorização do entrevistado para gravá-las em áudio. Estas gravações serão de uso exclusivo do pesquisador. Serão realizadas transcrições e somente estas serão utilizadas na redação da pesquisa. Preservaremos a identidade do entrevistado não citando nome ou informações pessoais.

Os riscos envolvidos na pesquisa residem no fato de que pode haver constrangimento do entrevistado com relação a alguma pergunta e também cansaço ao longo da entrevista. Para minimizar estes riscos informamos que o participante pode deixar

qualquer pergunta sem resposta e desistir da pesquisa a qualquer momento sem ser indagado ou constrangido por isso.

A pesquisa contribuirá no sentido de colaborar com o avanço no campo dos estudos acerca do imaginário e da memória coletiva. Uma maior compreensão e conhecimento acerca das mentalidades e representações em sociedades marcadas pela colonização, catolicismo, escravismo, entre outras importantes estruturas que moldam a cultura e as subjetividades. Outro importante benefício desta pesquisa reside em seu potencial de contribuir com a preservação da memória e da cultura local.

A abordagem ao participante será feita de forma individual, em ambiente presencial à escolha do participante.

Para participar deste estudo o Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, diante de eventuais danos, identificados e comprovados, decorrentes da pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito à indenização. O Sr.(a) tem garantida plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem necessidade de comunicado prévio. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr.(a) é atendido(a) pelo pesquisador. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O(A) Sr.(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar. Seu nome ou o material que indique sua participação não serão liberados sem a sua permissão.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, junto aos arquivos da pesquisa, no drive pessoal deste pesquisador no email da UFOP, e a outra será fornecida ao Sr.(a).

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de cinco anos após o término da pesquisa. Depois desse tempo, os mesmos serão destruídos.

Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e utilizarão as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, [assinatura], contato
[assinatura], fui informado(a) dos
objetivos da pesquisa "Lendas enquanto patrimônio de Ouro Preto e Região: O Turismo

como possibilidade de salvaguarda da memória" de maneira clara e detalhada, e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Pesquisador Responsável: Luana Melo e Silva

Endereço: R. Três, S/N - Ouro Preto, MG, 35400-000

Telefone: [REDACTED]

Email: luana.melo@ufop.edu.br

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP/ UFOP – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

Universidade Federal de Ouro Preto

Endereço: Centro de Convergência, Campos Universitário, UFOP.

Telefone: (31) 3559-1368.

Email: cep.propp@ufop.edu.br

Ouro Preto - MG, 01 de Julho de 2024.

[REDACTED]
Assinatura do Participante

[REDACTED]
Assinatura do Pesquisador

Anexo 8 - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da Entrevistada 03

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O Sr.(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa "Lendas enquanto patrimônio de Ouro Preto e Região: O Turismo como possibilidade de salvaguarda da memória". Nesta pesquisa pretendemos categorizar os elementos culturais mais marcantes dentro das histórias locais; verificar a potencialidade que a tradição oral do contar adquire no processo de monumentalização das histórias; inventariar os causos e agentes que potencializam essa temática na cidade e região; analisar o potencial da viabilidade de roteiros com a temática para a comunidade local.

O motivo que nos leva a estudar este tema é que os estudos dos causos de assombração enquanto tradição oral ouropretana e regional, e sua compreensão enquanto patrimônio cultural, teriam o potencial para salvaguardar e conservar a memória e identidade local. Esta iniciativa se justifica na medida em que observamos que a população local vem perdendo a comunhão com o seu imaginário, devido aos aparatos que a modernidade oferece, distanciando do folclore e do sagrado.

Existem muitas formas não institucionalizadas de proteger e perpetuar a memória enquanto patrimônio e esse movimento pode se dar de maneira informal, no cotidiano, pela imaginação popular. Neste sentido, o turismo, com seus diferentes dispositivos, pode se tornar uma possibilidade na promoção de uma compreensão dos causos de terror enquanto uma herança local.

Para esta pesquisa adotaremos, como procedimento metodológico, a história oral, método interdisciplinar de pesquisa que faz uso de fontes orais, coletadas por meio de entrevista oral gravada, em diferentes modalidades. Nesta pesquisa, realizaremos entrevistas com pessoas ligadas à prática da contação de histórias, ou que simplesmente guardem estas histórias e lendas que pretendemos levantar. A partir deste levantamento, observaremos os elementos, sondaremos e analisaremos o imaginário e memória coletiva.

As entrevistas terão duração prevista de vinte minutos. Pedimos a autorização do entrevistado para gravá-las em áudio. Estas gravações serão de uso exclusivo do pesquisador. Serão realizadas transcrições e somente estas serão utilizadas na redação da pesquisa. Preservaremos a identidade do entrevistado não citando nome ou informações pessoais.

Os riscos envolvidos na pesquisa residem no fato de que pode haver constrangimento do entrevistado com relação a alguma pergunta e também cansaço ao longo da entrevista. Para minimizar estes riscos informamos que o participante pode deixar

qualquer pergunta sem resposta e desistir da pesquisa a qualquer momento sem ser indagado ou constrangido por isso.

A pesquisa contribuirá no sentido de colaborar com o avanço no campo dos estudos acerca do imaginário e da memória coletiva. Uma maior compreensão e conhecimento acerca das mentalidades e representações em sociedades marcadas pela colonização, catolicismo, escravidão, entre outras importantes estruturas que moldam a cultura e as subjetividades. Outro importante benefício desta pesquisa reside em seu potencial de contribuir com a preservação da memória e da cultura local.

A abordagem ao participante será feita de forma individual, em ambiente presencial à escolha do participante.

Para participar deste estudo o Sr.(a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, diante de eventuais danos, identificados e comprovados, decorrentes da pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito à indenização. O Sr.(a) tem garantida plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem necessidade de comunicado prévio. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que o Sr.(a) é atendido(a) pelo pesquisador. Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. O(A) Sr.(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar. Seu nome ou o material que indique sua participação não serão liberados sem a sua permissão.

Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, junto aos arquivos da pesquisa, no drive pessoal deste pesquisador no email da UFOP, e a outra será fornecida ao Sr.(a).

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de cinco anos após o término da pesquisa. Depois desse tempo, os mesmos serão destruídos.

Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo à legislação brasileira, em especial, à Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e utilizarão as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu, _____, contato _____, fui informado(a) dos objetivos da pesquisa "Lendas enquanto patrimônio de Ouro Preto e Região: O Turismo

como possibilidade de salvaguarda da memória" de maneira clara e detalhada, e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Pesquisador Responsável: Luana Melo e Silva

Endereço: R. Três, S/N - Ouro Preto, MG, 35400-000

Telefone: [REDACTED]

Email: luana.melo@ufop.edu.br

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP/ UFOP – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos

Universidade Federal de Ouro Preto

Endereço: Centro de Convergência, Campos Universitário, UFOP.

Telefone: (31) 3559-1368.

Email: cep.propp@ufop.edu.br

Ouro Preto - MG, 20 de setembro de 2024.

[REDACTED]
Assinatura do Participante

[REDACTED]
Assinatura do Pesquisador